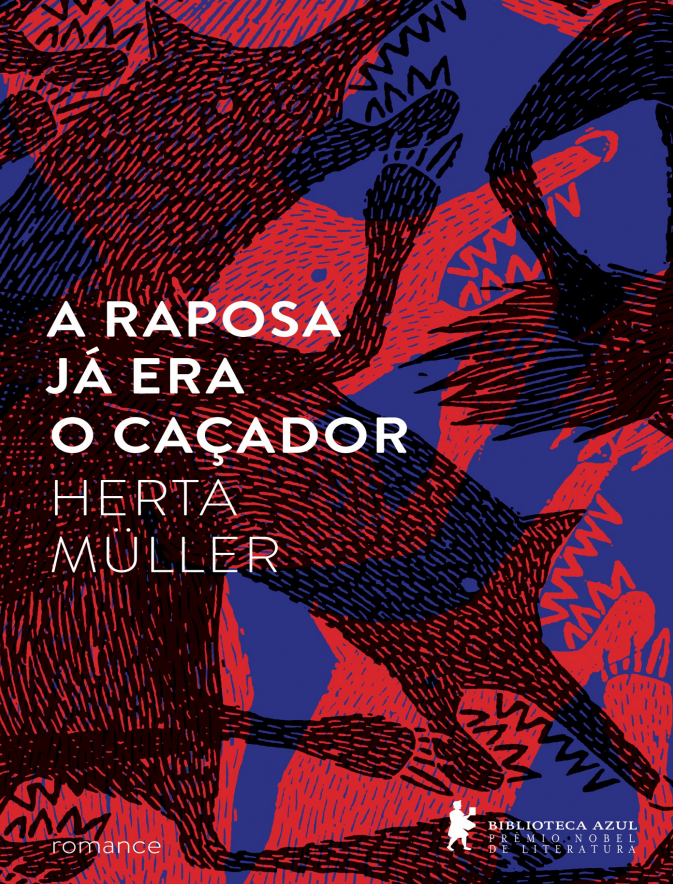




A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR HERTA MÜLLER

romance



BIBLIOTECA AZUL
PRÊMIO NOBEL
DE LITERATURA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Copyright © 2009 Carl Hanser Verlag München
Copyright da tradução © 2014 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editor responsável: Estevão Azevedo
Editor assistente: Juliana Araujo Rodrigues
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Cacilda Guerra
Revisão: Huendel Viana
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Bloco Gráfico
Imagem da capa: Lieke van der Vorst / www.liekeland.nl

Título original: *Der Fuchs war damals schon der Jäger*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M923r

Müller, Herta, 1953-

A raposa já era o caçador / Herta Müller ; tradução Claudia Abeling. - 1. ed. - São Paulo : Biblioteca Azul, 2014.
epub.

Tradução de: *Der Fuchs war damals schon der Jäger*

ISBN 978-85-250-5998-7

1. Romance alemão. I. Abeling, Claudia. II. Título.

14-16944 CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

1^a edição, 2014

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil adquiridos por
Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485

São Paulo-SP 05346-902

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[O caminho do bicho da maçã](#)

[O homem na mão](#)

[O topete](#)

[Uma pessoa vale um pedaço de pão](#)

[Uma gravata](#)

[Visceras de verão](#)

[Dia das melancias, dia das abóboras](#)

[A gata e o anão](#)

[Nozes](#)

[Outro silêncio](#)

[Infecção do ouvido médio](#)

[O menor dos homens tem o maior cajado](#)

[A folha de grama na boca](#)

[Rosto sem rosto](#)

[A lâmina de barbear](#)

[Raposas caem na armadilha](#)

[Você não diz nada](#)

[Minha cabeça está escura](#)

[A raposa sobre a mesa](#)

[O beijo voador](#)

[A pá perdida](#)

[Quando está frio não consigo olhar para a água](#)

[Antigamente e não agora](#)

[A pinta](#)

[O jogo das vespas](#)

[A cidade vazante](#)

[A comadre](#)

[As unhas da mão crescem](#)

[Sono transparente](#)

[Céu preto e branco](#)

[Framboesas congeladas](#)

[A estranha](#)

[Não importa](#)

[Notas](#)

*Não importa, não importa,
eu me dizia, não importa.*

VENEDICT YEROFEEV

A formiga carrega uma mosca morta. A formiga não enxerga o caminho, ela vira a mosca de lado e rasteja para trás. A mosca é três vezes maior que a formiga. Adina puxa o cotovelo, ela não quer interromper o caminho da mosca. Uma pelota de piche brilha ao lado do joelho de Adina, a pelota cozinha ao sol. Ela toca de leve o dedo nela, um fio de piche vem junto com a mão, endurece no ar e se parte.

A formiga tem uma cabeça de alfinete, o sol não acha lugar para queimar. Ele arde. A formiga se perde. Ela rasteja, mas não vive; para o olho, ela não é um animal. As vagens do capim rastejam na periferia da cidade como ela. A mosca vive porque é três vezes maior e está sendo carregada; para o olho, ela é um animal.

Clara não enxerga a mosca, o sol é uma abóbora em brasa, ofusca. As pernas de Clara estão bem abertas, as mãos descansam entre os joelhos. Onde a calcinha corta as coxas, há pelos. Debaixo dos pelos há uma tesoura, um carretel de linha branca, óculos de sol e um dedal. Clara está costurando uma blusinha de verão. A agulha emerge, a linha avança, filha de uma mãe no gelo, diz Clara e lambe o sangue do dedo. Uma maldição com gelo, com a mãe da agulha, do fio, da linha. Quando Clara amaldiçoa, tudo tem mãe.

A mãe da agulha é o lugar que sangra. A mãe da agulha é a agulha mais velha do mundo, que pariu todas as agulhas. Para cada uma de suas agulhas, ela busca um dedo para picar em todas as mãos do mundo que costuram. Na maldição, o mundo é pequeno, sobre ele se penduram uma pelota de agulhas e uma pelota de sangue. E, na maldição, a mãe da linha fica à espreita do mundo com fios enovelados.

Você amaldiçoa com gelo neste calor, diz Adina, e os ossos malares de Clara moem, sua língua bate na boca. Clara, quando amaldiçoa, sempre está com o rosto enrugado, pois na maldição cada palavra é um projétil e pode acertar as coisas com as palavras nos lábios. Também a mãe das coisas.

Adina e Clara estão deitadas sobre uma toalha. Adina está nua, Clara usa só a calcinha do biquíni.

Maldições são frias. Maldições não precisam de dalias, de pão, de maçãs, de verão. Não são de cheirar nem de comer. As maldições são somente para provocar e render, para enraivecer por um instante e silenciar por longo tempo. Elas baixam as marteladas das têmporas aos pulsos e erguem a pulsação abafada ao ouvido. As maldições se intensificam e se estrangulam.

Quebradas, as maldições nunca existiram.

A toalha está no telhado do bloco residencial, álamos rodeiam o telhado. Eles são mais altos do que todos os telhados da cidade, o verde pende deles, não têm folhas, só folhagem. Elas não farfalham, eles rumorejam. Nos álamos, a folhagem fica na vertical como os galhos, não se vê a madeira. E, onde nada mais alcança, os álamos cortam o ar quente. Os álamos são facas verdes.

Quando Adina observa por muito tempo os álamos, eles giram as facas de um lado para o outro no seu pescoço. Seu pescoço fica tonto. E sua testa sente que nenhuma tarde consegue suportar nem um único álamo pelo tanto que a luz leva até desaparecer atrás da fábrica na noite. A noite teria de se apressar, a noite poderia segurar os álamos, porque não os vemos.

No meio dos blocos residenciais, o bater dos tapetes despedaça o dia, ele faz eco no alto sobre o telhado e lança as batidas umas nas outras, como a maldição de Clara faz com as palavras.

O bater dos tapetes não consegue erguer aos ouvidos a pulsação abafada do coração.

Depois da maldição, Clara está cansada e o céu está tão vazio que ela cerra os olhos, ofuscada pela luz, e Adina arregala os olhos e olha para cima, para o vazio, durante tempo demais. Bem lá no alto, onde até as facas verdes não alcançam, um fio de ar quente se estica até dentro do olho. Nele está pendurado o peso da cidade.

Na escola, pela manhã, uma criança disse a Adina, o céu está tão diferente hoje. Uma criança que sempre é muito quieta entre as outras crianças. Seus olhos são bem separados, isso torna suas têmporas estreitas. Minha mãe me acordou hoje às quatro, a criança disse, ela me deu a chave porque tinha de ir à estação. Quando saiu, fui com ela até o portão. Quando passei com ela pelo pátio, senti nos ombros que o céu estava muito próximo. Eu poderia ter me apoiado nele, mas não queria que minha mãe se assustasse. Quando voltei sozinho pelo pátio, as pedras estavam transparentes. Andei rápido. Na entrada, a porta estava diferente, a madeira estava vazia. Eu poderia ter dormido mais três horas, disse a criança, mas não adormeci mais. Depois acordei assustado, embora

não tivesse dormido. Talvez tivesse dormido, sim, pois meus olhos estavam inchados. Sonhei que estava deitado na água, ao sol, com uma bolha na barriga. Puxei a pele da bolha e não doeu. Pois debaixo da pele havia pedra. O vento soprava e erguia a água no ar, era apenas um pano com dobras, não era água. E debaixo não havia pedra, debaixo do pano havia carne.

A criança riu para dentro da frase e do silêncio que veio depois. E seus dentes eram como cascalho, os escuros quebrados e os brancos, lisos. No rosto da criança havia uma idade que a voz infantil não suportava. O rosto da criança cheirava a fruta podre.

Era o cheiro das mulheres velhas, que aplicam uma grossa camada de pó no rosto, até que o pó fique tão ressecado quanto a pele. Mulheres cujas mãos tremem diante do espelho, que batem com o batom nos dentes e, mais tarde, observam os dedos diante do espelho. As unhas estão escovadas e têm uma meia-lua branca.

Quando a criança estava entre as outras crianças no pátio da escola, a mancha na maçã de seu rosto era a garra da solidão. Ela se ampliava, pois luz torta caía sobre os álamos.

Clara adormece, ela se distancia no sono, seu sono ao sol deixa Adina solitária. No bater dos tapetes, o sol se fragmenta em cascas verdes. No rumorejar dos álamos, as cascas verdes são todos os verões que ficaram para trás. Todos os anos em que somos crianças e ainda crescemos, e apesar disso percebemos que cada dia transborda por um canto à noite. Dias de criança com cabelos cortados em ângulos retos, a lama seca da periferia, o pó atrás do bonde, e sobre a calçada os passos dos homens grandes extenuados que ganhavam dinheiro para o pão.

A periferia estava pendurada na cidade com fios e canos e com uma ponte sem rio. A periferia era aberta nas duas extremidades, também as paredes, as trilhas e as árvores. Numa das extremidades da periferia, os bondes da cidade zoavam e as fábricas esfumaçavam a ponte sem rio. Às vezes, o zoar dos bondes embaixo e o esfumaçar em cima eram a mesma coisa. Na outra extremidade da periferia, o campo abocanhava e avançava para longe com folhas de beterraba, atrás piscavam paredes brancas. Elas eram do tamanho de uma mão, lá havia um vilarejo. Ovelhas penduravam-se entre o vilarejo e a ponte sem rio. Elas não abocanhavam folhas de beterraba, crescia grama nas trilhas do campo e elas abocanhavam a trilha antes de o verão terminar. Chegavam diante da cidade e lambiam as paredes das fábricas.

A fábrica ficava diante e atrás da ponte sem rio, ela era grande. Atrás das paredes, gritavam vacas e porcos. À noite, queimavam-se chifres e cascos, um ar fétido tomava conta da periferia. A fábrica era um abatedouro.

De manhã, quando ainda estava escuro, galos cacarejavam. Eles atravessavam pátios cinza, assim como os homens extenuados atravessavam as ruas. E eles tinham a mesma

cara.

Depois do último ponto de parada, os homens atravessavam a ponte a pé. O céu pendia baixo sobre a ponte, e quando ele estava vermelho os homens traziam uma crista vermelha na cabeça. Quando cortava o cabelo do pai de Adina, o barbeiro da periferia dizia, para os heróis do trabalho não há nada mais bonito do que uma crista de galo.

Adina perguntou ao barbeiro sobre as cristas vermelhas, pois ele conhecia cada couro cabeludo e cada redemoinho. Ele dizia, os redemoinhos estão para o cabelo como as asas estão para os galos. Por isso, Adina sabia que em todos os anos cada um dos homens extenuados iria voar sobre a ponte uma vez. Só que ninguém sabia quando.

Pois os galos voavam sobre as cercas e antes de voar bebiam água de latas de conservas vazias nos pátios. De noite, eles dormiam em caixas de sapatos. Quando as árvores ficavam frias à noite, os gatos entravam nessas caixas.

O ponto final ficava periferia adentro, a setenta passos da ponte sem rio. Adina contara os passos porque o último ponto de um lado da rua era o primeiro do outro lado. Os homens desciam devagar no último ponto e as mulheres subiam rápido no primeiro. E, antes de subir, as mulheres corriam. De manhã cedo, seus cabelos estavam amassados e as bolsas voavam, e elas tinham manchas de suor debaixo dos braços. Estas muitas vezes estavam secas e com bordas brancas. Nos dedos das mulheres, óleo de máquina e ferrugem roíam o esmalte. Ao correr até o bonde, o cansaço da fábrica entre o queixo e os olhos já existia.

Quando os primeiros bondes zoavam, Adina acordava e passava frio em seu vestido de verão. O vestido tinha uma estampa de árvores. As copas das árvores estavam ao contrário. A costureira usara o tecido de ponta-cabeça na hora de cosê-lo.

A costureira morava em dois cômodos pequenos, o assoalho tinha arestas e as paredes, úmidas, tinham barrigas em todos os lugares. As janelas davam para o pátio interno. Havia uma placa de metal apoiada numa das janelas, lia-se COOPERATIVA DO PROGRESSO.

A costureira chamava os cômodos de OFICINA. Havia tecidos sobre a mesa, sobre a cama, sobre as cadeiras e arcas. Havia retalhos de tecidos no chão e nas soleiras das portas. Havia um bilhete com um nome fixado em cada tecido. Atrás da cama, numa caixa de madeira, havia um saco com retalhos. E sobre a caixa de madeira estava escrito SEM UTILIDADE.

A costureira procurava as medidas das pessoas num caderninho. Quem vinha havia anos fazia parte dos clientes fixos. Quem vinha raramente ou apenas uma vez, dos clientes passageiros. Quando os clientes fixos traziam um tecido, a costureira não anotava mais suas medidas no caderno. A costureira só anotava sempre as medidas de uma mulher extenuada como os homens e que ia todos os dias ao abatedouro. Ela segurava a fita métrica com a boca e dizia, se quer um vestido, você teria de ir ao veterinário. Se continuar emagrecendo a cada verão, daqui a pouco meu caderno estará cheio de seus ossos.

A mulher trazia um caderno novo para a costureira várias vezes no ano. Na capa

estava escrito CADERNO DA BRIGADA e sobre as colunas, PESO VIVO e PESO ABATIDO.

Adina nunca podia andar descalça na oficina, havia alfinetes no chão entre os retalhos. Só a costureira sabia como pisar sem levar uma picada. Uma vez por semana ela engatinhava com um imã pelos cômodos e todos os alfinetes saltavam do chão para sua mão.

Na prova do vestido, a mãe de Adina disse para a costureira, as árvores estão para baixo, você não está vendo?, você virou o tecido. A costureira poderia ter desvirado o tecido, ele estava apenas alinhavado com linha branca. Ela segurava dois alfinetes na boca, o que importa é atrás e na frente, ela disse, e que o zíper fique na esquerda, se eu olho daqui embaixo é em cima. Ela curvou o rosto até o chão, as galinhas enxergam assim, ela disse. E os anões, disse Adina. Pela janela, sua mãe olhou para o pátio interno.

Na rua lateral havia uma vitrine com cruzeiros, chaminés de fogão e regadores de zinco. Estavam apoiados em jornais velhos e diante deles, sobre uma toalha bordada, havia uma placa de metal que dizia COOPERATIVA DO PROGRESSO.

As cruzeiros, chaminés de fogão e regadores tremiam quando o bonde passava. Eles não tombavam.

Atrás da vitrine havia uma mesa com tesouras, alicates e parafusos, atrás da mesa havia um homem sentado. Ele era funileiro. Ele usava um avental de couro. Sua aliança estava pendurada no pescoço por um barbante, porque em ambas as mãos lhe faltavam os dedos anulares.

Ele também tinha clientes fixos e clientes passageiros. Os clientes fixos diziam que sua primeira mulher tinha morrido havia tempos, e ele não encontrara uma segunda porque a aliança ficava pendurada num barbante. O barbeiro dizia que o funileiro nunca teve mulher, ele fora quatro vezes noivo com esse anel, nunca casado. Quando a vitrine estava cheia de cruzeiros, chaminés de fogão e regadores, o funileiro soldava painéis velhos.

Quando o bonde passava pela vitrine, os rostos do vagão ficavam entre as cruzeiros e os chaminés de fogão. Sobre os regadores, os rostos se ondulavam pelo movimento e pelo brilho do zinco. Depois de o bonde passar, o regador refletia apenas a claridade da neve pisada.

Adina usou por vários verões o vestido com as árvores caindo. Ela cresceu e o vestido encurtou a cada verão. E as copas das árvores continuavam penduradas para baixo e mais pesadas. Na beira da calçada, debaixo de árvores que cresciam para cima, a menina da periferia tinha um rosto tímido. As sombras das árvores nunca cobriam o rosto todo. A maçã do rosto à sombra permanecia fresca, e aquela sob o sol ficava quente e mole. Na maçã fresca do rosto, Adina sentia um zíper.

Depois de uma chuva de verão que não refrescou as pedras, correntes de formigas se meteram nas frestas das pedras no pátio interno. Adina fez escorrer água com açúcar pelo tubinho transparente de uma agulha circular. Ela pôs o tubinho numa fresta. As formigas se meteram lá dentro, uma ao lado da outra, cabeça com barriga. Adina colocou as extremidades do tubinho com a chama de um fósforo e usou-o como colar. Ela se

postou diante do espelho e viu que o colar vivia, embora as formigas estivessem grudadas ao açúcar, mortas, cada qual no lugar onde tinha sufocado.

Para o olho, apenas no colar cada formiga virava animal.

Adina ia toda semana ao cabeleireiro porque o cabelo crescia rápido e não devia cobrir as extremidades das orelhas. No caminho para o cabeleireiro, ela passava pelas vitrines com as cruzeiras, as chaminés de fogão e os regadores. O funileiro acenava atrás da vidraça, ela entrava. Ele lhe dava um saco feito de jornal. Dentro dele havia, em maio, cerejas; em junho, eram pêssegos; no verão, uvas — embora em nenhum jardim elas estivessem maduras. Naquela época, Adina achava que o papel do jornal modificava as frutas.

Ao lhe dar o saco, o funileiro dizia, coma, senão apodrece. Ela comia rápido, as frutas poderiam apodrecer ainda enquanto ele falava. Daí o funileiro dizia, coma devagar, para que você saboreie cada bocado.

Ela mastigava e engolia e observava o fogo ardendo no soldador, como ele recobria os furos na base da panela e os preenchia. Os buracos preenchidos brilhavam como as chaminés dos fogões, os regadores e as cruzeiras na vitrine. Se o fogo não comer a panela, a morte pega a bunda, dizia o funileiro.

Certa vez, numa tarde, Adina foi cortar o cabelo com o colar de formigas. Ela estava sentada na cadeira diante do espelho grande e balançava as pernas. O cabeleireiro penteou o cabelo dela na nuca, segurou o pente diante dos olhos, ou as formigas somem ou some você com as formigas, ele disse.

Um homem dormia no canto. O gato do cabeleireiro estava deitado no seu colo. O homem estava extenuado, e a cada manhã, quando ia ao abatedouro, crescia-lhe uma crista de galo sobre a ponte. Ele acordou com um susto e lançou o gato do espelho até a porta. Já estou farto dos bichos mortos no abatedouro, disse. Ele cuspiu no chão.

O chão estava coberto com cabelos cortados, com o cabelo de homens extenuados que se conheciam. Eram ressecados, grisalhos claros e escuros, e brancos. Eram muitos cabelos, como num grande couro cabeludo. Baratas caminhavam entre as mechas. As mechas se levantavam e abaixavam. Os cabelos viviam porque eram carregados pelas baratas. Eles não viviam sobre a cabeça dos homens.

O cabeleireiro deixou a tesoura cair na gaveta aberta, desse jeito não consigo cortar cabelos, ele disse, as formigas ficam andando debaixo da minha roupa. Ele arrancou a camisa de dentro da calça e se coçou; vergões vermelhos apareceram na sua barriga depois que ele afastou os dedos. Ele amaldiçoou a mãe das formigas. O do abatedouro amaldiçoava a mãe dos cadáveres. De repente, o espelho estava tão alto e a gaveta tão baixa que Adina enxergou seus pés debaixo da cadeira pendurados de um telhado. Ela saiu e ficou diante da porta, onde o gato estava deitado. O gato acompanhou-a com o olhar, ele tinha três olhos.

Uma semana mais tarde, o cabeleireiro deu bombons para Adina. Havia cabelos grudados neles que picavam a garganta. Adina quis cuspir os bombons e ele disse, eles limpam a garganta.

Os bombons estalavam na garganta e Adina perguntou, quando o homem que jogou o gato vai morrer? O cabeleireiro meteu uma mão cheia de bombons na boca e disse, quando o homem tiver cortado tanto cabelo que seja possível encher um saco, um saco bem cheio. Quando o saco estiver tão pesado quanto o homem, daí ele morre. Eu guardo os cabelos de todos os homens num saco, até o saco ficar bem apertado, disse o cabeleireiro. Eu não peso os cabelos com a balança, eu peso com os olhos. Eu sei, ele disse, quanto cabelo cortei de cada um em todos os anos. Sinto o peso com os olhos, não me engano. Ele soprou na nuca de Adina.

O cliente que tinha jogado o gato vai voltar mais umas sete ou oito vezes, ele disse. Por isso eu não falei nada, embora o gato não coma mais nada desde então. Não quero lançar à incerteza de outro barbeiro os últimos cortes de um cliente de muitos anos. Uma ruga caía do canto de sua boca, ela cortava seu rosto.

Clara está ao lado do cobertor, ela veste a blusa de verão. O dedal no seu dedo indicador arde sob o sol. Suas pernas são magras; para dar uma volta ao experimentar a blusa, se aproximaram da barriga. É a marcha de um pássaro magro, que não precisa fazer nada além de observar o verão e ser belo. O álamo com a faca, que está próximo, assiste. Nas axilas raspadas de Clara, os tocos estão crescendo de volta. Debaixo dos seus braços, eles já são o queixo do homem ao qual Clara se refere. Ainda não encontrei um homem com estilo, ela diz. Um desejo.

Clara ri, estica as pernas, o desejo foi aquecido pelo sol e está tonto por causa do telhado. Sua cabeça não sabe nada das facas verdes dos álamos, da beirada do telhado, das nuvens, da cidade. E que no verão esse telhado fica cheio de formigas que carregam moscas mortas. E que esse telhado sob o sol não é outra coisa senão um canto do céu.

O vestido de verão com as árvores que caem e o zíper num dos lados do rosto fizeram com que Adina, durante anos, não gostasse de vestidos. Adina começou a medir a vida das mulheres pelo peso dos restos de tecidos na costureira. Ela ia lá com frequência, ficava sentada e observava. Ela colava seu olho clínico teimoso em todas as clientes. Ela sabia qual mulher logo teria seu saco repleto de restos de tecidos, um saco apertado, tão pesado quanto a mulher. E que a mulher do abatedouro ainda precisaria de muitos vestidos até morrer.

Clara tira do bolso uma maçã pequena de verão, vermelha e manchada, e a segura debaixo do queixo de Adina. O dedal reluz e corta superficialmente a casca da maçã. Uma maçã pequena com um pedúnculo longo, muito daquilo que deveria ter se constituído em maçã está empedrado e cresceu no pedúnculo. Adina morde fundo na maçã. Cuspa, um bicho, diz Clara. Um fiozinho marrom está enterrado na polpa da maçã. Adina engole o pedaço e o bicho. É só um bicho de maçã, ela diz, ele cresce na maçã, é feito de polpa de maçã. Ele não cresce na maçã, diz Clara, ele entra na maçã, ele

aboca de um lado até o outro. Esse é o seu caminho.

Adina come, as mordidas estalam em seu ouvido, o que ele faria do lado de fora?, ela pergunta, ele é pura polpa de maçã, é branco e come polpa branca e caga um fio marrom, ele aboca de um lado até o outro e morre na maçã. Esse é o seu caminho.

Os olhos de Clara estão sem maquiagem e o céu está vazio, e as facas dos álamos estão na vertical e são verdes. Os olhos de Clara são pequenos. As pupilas procuram, por debaixo dos málares dela, o caminho retilíneo até a boca. Clara faz silêncio, deita-se sobre a coberta e fecha os olhos.

Sobre o bloco residencial há uma nuvem, branca e revolta. Velhos que morrem no verão permanecem um tempo sobre a cidade, entre a cama e o túmulo.

Clara e o velho do verão dormem o mesmo sono. Adina sente o caminho do bicho da maçã na barriga. Do lado de dentro das coxas, ele atravessa os pelos pubianos até os joelhos.

Uma sombra caminha atrás de uma mulher, a mulher é pequena e torta, a sombra mantém distância. A mulher caminha sobre a grama e se senta num banco ao lado do bloco residencial.

A mulher se senta, a sombra permanece em pé. Ela não pertence à mulher, assim como a sombra da parede não pertence à parede. As sombras abandonaram as coisas às quais pertencem. Elas só pertencem ao final da tarde, que passou.

Diante da sequência mais baixa de janelas do bloco residencial existem dalias, elas estão bem abertas, as bordas se tornaram papel por causa do ar quente. Elas observam cozinhas e quartos, pratos e camas.

Fumaça escapa para a rua de uma janela de cozinha, cheira a cebola queimada. Sobre o fogão há um pôster; uma clareira na floresta com um cervo. O cervo é tão marrom quanto o corredor de macarrão sobre a mesa. A mulher lambe uma colher de pau, uma criança chora em uma cadeira. Ao redor de seu pescoço há um babador. A mulher seca as lágrimas do rosto da criança com o babador.

A criança é grande demais para estar naquela cadeira, grande demais para usar um babador. Uma mancha azul de tinta está grudada no cotovelo da mulher. Uma voz masculina grita, as cebolas estão fedendo, você fica aí nas panelas feito uma idiota, vou sair para o mundo, até onde os pés me levarem. A mulher olha para a panela, assopra a fumaça. Com a voz baixa e dura, ela diz, vá, soque suas porcarias na mala e vá para sua mãe. O homem puxa a mulher pelos cabelos, a mão bate no rosto dela. Depois, a mulher chora ao lado da criança e a criança olha pela janela em silêncio.

Você estava no telhado, diz a criança, vi sua bunda. O homem cospe pela janela sobre as dalias. Seu torso está nu, há manchas azuis de tinta em seu peito. O que tem para ver?, ele pergunta, vou cuspir no meio da sua cara. O cuspe cai na calçada, no meio há uma semente de girassol. Entre e olhe para fora, assim você vai ver mais coisa, diz o homem. A criança ri, a mulher ergue a criança da cadeira, aperta-a contra si. Você ri e você cresce, ela diz à criança, você vai crescer e ele vai me matar de porrada. O homem ri baixinho, depois ri alto. Você estava com a criança no telhado, a mulher diz.

Entre um passo e outro na calçada há cuspe, guimbas de cigarro e cascas de

sementes de girassol. Aqui e acolá, uma dália amassada. No meio-fio, uma folha de caderno escolar. A velocidade do trator azul é seis vezes maior do que a velocidade do trator vermelho, é o que está escrito nela.

A escrita de todos os dias da escola, as letras caem de costas numa palavra, na próxima caem no rosto. E as verrugas nas mãos das crianças, a sujeira nas verrugas, correntes de verrugas de frutinhas cinzentas, dedos como pescoços de perus.

Dá para pegar verruga também pelos objetos, disse Paul, elas caminham sobre qualquer pele. Adina segura todos os dias os cadernos e as mãos das outras crianças. O giz arranha a lousa, cada palavra escrita poderia se tornar uma verruga. Os rostos têm olhos cansados, que não prestam atenção. O sino toca e Adina está diante do espelho no banheiro dos professores. Ela observa o rosto e o pescoço, procura uma verruga. O giz come os dedos.

Pegar, empurrar, pisar, apertar e pressionar, esmagar com ódio e segurar com força estão contidos nas correntes de verrugas das crianças. A paixão e a fuga estão nas correntes de verrugas, a exaustão das mães e dos pais, dos parentes e vizinhos e estranhos. Quando um olho incha, quando um dente se quebra, quando há sangue no ouvido, dá-se de ombros.

Um ônibus passa com janelas iluminadas, no meio há uma mangueira de borracha plissada, um acordeão. Os chifres encostam no fio do alto, o acordeão se abre e se fecha, o pó se solta das dobras. O pó é cinza e tem pelos fininhos, mais quente do que o ar da noite. Quando o ônibus anda, há energia na cidade. Os chifres borrifam fagulhas nas árvores, folhas caem de galhos baixos sobre o caminho. Os álamos cobrem todas as ruas, são mais escuros do que as outras árvores no lusco-fusco.

Um homem está andando diante de Adina, ele carrega uma lanterna. Muitas vezes não há energia na cidade, as lanternas são tão parte da mão como os dedos. Em ruas escuras feito breu, a noite é um bloco só, e alguém que caminha é apenas um ruído sob uma ponta de sapato iluminada. O homem segura a lanterna com a lâmpada para trás. A noite puxa o último fio branco pelo fim da rua. Nas vitrines, brilham pratos de sopa brancos e colheres inoxidáveis. A lanterna ainda não está acesa, o homem espera até que o final da rua desemboque na próxima ruela. Quando acender a lanterna, ele vai desaparecer. Ele será um homem na mão.

A energia é desligada apenas quando está bem escuro. A fábrica de sapatos não zumbe mais, há uma vela queimando na casa do zelador, ao lado dela há um braço sentado. Um cachorro late diante da casa do zelador, não dá para vê-lo, dá para ver seus olhos brilhando e escutar suas patas sobre o asfalto.

Os álamos avançam em todas as ruas. As casas se espremem umas nas outras. Atrás das janelas há luz de velas. As pessoas seguram os filhos perto da luz, querem ver seus rostos mais uma vez antes da manhã seguinte.

Onde nasce mato, a noite rapidamente se divide entre a folhagem e o assalto. Quando não há energia na cidade escura, a noite vem de baixo, ela primeiro ceifa as pernas. Ao redor dos ombros ainda há uma luz cinza, que é suficiente para balançar a cabeça, para fechar os olhos. Não é suficiente para olhar.

As poças brilham apenas às vezes, elas não brilham por muito tempo, pois o chão tem sede, o verão é seco, poeirento durante semanas. Um buquê toca o ombro de Adina. Suas flores são inquietas, brancas. Elas têm um cheiro forte, o aroma oprime. Adina acende a lanterna, um círculo cai no escuro, um ovo. Dentro dele cresce uma cabeça com um bico. A luz da lanterna não é suficiente para ver, é suficiente apenas para a certeza de que a noite não consegue comer as costas inteiras, somente metade delas.

Diante da entrada do bloco residencial, as rosas tecem um telhado esburacado, uma peneira de folhas sujas e estrelas sujas. A noite as empurra para fora da cidade.

O jornal é áspero, mas o topete do ditador tem um brilho claro sobre o papel. Ele está encerado e brilha. Ele é feito de cabelo amassado. O topete é grande, ele empurra mechas menores para trás da cabeça. Elas são engolidas pelo papel. No papel áspero está escrito: o mais amado filho do povo.

Aquilo que brilha vê.

O topete brilha. Ele olha todo o país todos os dias. A moldura do retrato do ditador no jornal ocupa metade da mesa, todos os dias. Debaixo do topete, o rosto é como ambas as mãos quando Adina as coloca lado a lado, viradas para cima, olha reto para o vazio e engole a própria respiração.

A pupila do ditador é igual à unha do polegar de Adina, quando o polegar se curva sem pegar nada. Do jornal, a pupila olha todos os dias para o país.

O nervo óptico corre pelo país. Cidades e vilarejos, às vezes juntados à força, às vezes separados à força, caminhos se perdem pelos campos, terminam em túmulos sem pontes ou diante de árvores. E árvores, onde ninguém as plantou, se sufocam. Cães perambulam. Onde não há casas, eles desaprenderam há tempos como latir. Eles perdem uma pelagem de inverno, depois uma pelagem de verão, às vezes são tímidos, às vezes são violentos quando não estamos preparados. Eles têm medo e, ao andar, tropeçam antes de morder.

E as pessoas, lá onde a luz da pupila as atinge, estão no país e têm lugares debaixo dos pés que sobem íngremes às gargantas e descem íngremes às costas.

Também o café, também o parque, também mesas e cadeiras de metal. Estão curvados em forma de folhas e caules, brancos e finos como linhas. Pesadas são apenas as cadeiras, quando as erguemos ou empurramos para longe. Pegamos nelas somente com os dedos e já olhamos para a água porque não contamos com o metal nas mãos.

O caminho ao lado do café segue o rio, o rio segue o caminho. Pescadores estão junto ao rio, lá está novamente, dentro da água, a pupila. Que brilha.

Aquilo que brilha vê.

As sombras de álamos caem pelas escadas da margem, quebram-se nos cantos e não mergulham. Quando o bonde passa sobre a ponte, as sombras empurram para o curso d'água sombras ainda menores, assim como o topete do ditador empurra mechas menores para trás da cabeça.

Luz dos álamos e sombra dos álamos, até a cidade inteira estar listrada. Paralelepípedos, montinhos de grama, água e bancos.

Ninguém caminha ao lado do rio, embora seja um dia de verão, embora pudesse ser um verão para um caminhar sem rumo pelo rio.

Os pescadores não confiam no verão listrado. Eles sabem que, no lado de baixo, as sombras dos álamos permanecem sendo o que os álamos são, no alto: facas.

Os peixes não se aproximam, dizem os pescadores. Quando uma listra escura dos álamos cai sobre os anzóis, eles pousam as varas sobre grama mais clara e lançam as linhas numa superfície clara da água.

Uma mulher caminha ao lado do rio. Ela carrega um travesseiro, ele está amarrado, ela o carrega com ambos os braços, reto, o vento açoita às suas costas. Talvez haja uma criança dentro desse travesseiro, talvez um bebê, que dorme com duas cabeças, nas duas extremidades, onde os barbantes não estão tão presos. Os braços da mulher são bronzeados, as panturrilhas tão brancas como o travesseiro. Um pescador observa as panturrilhas. O traseiro dela balança. O olhar do pescador cai na água, cansado e pequeno pelos álamos de ponta-cabeça. Os olhos do pescador sentem a noite minúscula. Ela se alonga sobre o nariz no meio do dia. Os dedos tocam o bolso da calça, colocam um cigarro na boca. A chama é clara no canto da boca, a mão cresce e a cobre, o vento chega.

Os pescadores pescam grama afogada do rio, meias carcomidas e cuecas inchadas. E uma vez por dia, quando as varas ficam tortas e os fios estão bêbados da terra, eles pescam um peixe ensebado. Poderia ser um gato morto.

A tarde minúscula sobre o nariz rouba tudo. E proíbe aquilo que não pode roubar. Ela proíbe a sorte, dizem os pescadores, o verão listrado devora a sorte da pescaria.

Há vagens penduradas nos álamos, que não são sementes nem frutos, dedais tortos para os insetos, para moscas e larvas das folhas. Eles caem dos álamos e caminham sobre o jornal. Adina empurra os insetos com a ponta do dedo sobre o topete do ditador, as moscas vão atrás dos pelos na orelha, as larvas das folhas percebem o brilho claro e se fazem de mortas.

A garçonete abaixa a bandeja, olha o rosto sobre a mesa, seu osso malar bate, sua orelha arde. Ela olha para o lado, tão rápido que o medo tensiona uma veia azul na têmpora, ela põe o copo sobre a testa, sobre a mesa. O frescor é ralo e levanta borbulhas amarelas, a mecha da testa está dentro do copo. Adina bate com a colher, a colher brilha, o frescor, aquilo que brilha vê. Uma agulha quente está sobre a testa, o bonde passa sobre a ponte, ondula o rio. Adina solta a colher, não pega no copo, sua mão é como a colher. Adina espera por Clara e Paul. Ela vira a cabeça.

O parque fica atrás do telhado plano do café, atrás dele há telhados pontudos. São as ruas dos diretores, inspetores, dos prefeitos, funcionários do serviço secreto e oficiais. As silenciosas ruas do poder, onde o vento fica com medo quando bate. E, quando sopra, não rodopia. E, quando fica tormentoso, prefere quebrar as próprias costelas a um galho. As poucas folhas secas arranham os caminhos, cobrem as pegadas logo após os passos. As ruas não notam o caminhante que não mora lá, que não é de lá.

As silenciosas ruas do poder estão em meio a uma névoa que espria os galhos no parque e consente o ouvir, que oferece o caminho ressoante ao lado do rio, que faz com que os passos em ambas as margens, ainda sobre a grama cortada, sejam verticais, com o joelho colado da garganta. Os caminhantes não querem chamar a atenção ali, eles andam íngremes e devagar. Mesmo assim, correm, estão atçados na garganta. E, quando os caminhantes chegam à ponte, a cidade os cobre com ruídos despreocupados. Eles respiram aliviados, o bonde passa fazendo barulho, tira a testa e o cabelo do silêncio.

Os senhores das ruas tranquilas nunca são vistos nas casas e nos jardins. Atrás dos pinheiros, sobre as escadas de pedra, há empregados. Quando os pés dos empregados tocam a grama, eles erguem as tripas até o pescoço para não estragá-la. Quando cortam o gramado, há um espelho no branco de seus olhos — e a foice e o rastelo brilham como tesoura e pente. Os empregados não confiam na sua pele porque suas mãos fazem sombras quando tocam em algo. Suas cabeças sabem que eles nasceram por meio de mãos sujas em ruas sujas. Que suas mãos, agora no silêncio, não se tornarão limpas. Somente velhas. Quando os empregados olham o interior das geladeiras dos senhores, os olhos se assustam porque um quadrado de luz cai sobre os pés. O relógio de parede tiquetaquia, a cortina se estufa, o rosto gela por causa daquilo que eles pensam. A carne está embalada em celofane, o celofane está recoberto por geada, geada branca, como a pedra, o mármore no jardim.

Nos jardins das ruas tranquilas não há anões de jardim com gorros. Nos jardins há pedras tristes, descalças até a cabeça. Leões nus, tão brancos quanto cães recobertos por neve, e anjos nus sem asas, como crianças recobertas de neve. E no inverno, quando a geada gira ao redor do sol, também ali a neve se torna amarela e se quebra, sem degelar.

Os empregados moram nos porões, debaixo das casas. O que eles fazem à noite, durante o sono, está mais próximo de baratas e ratos do que dos pisos de cima. Os empregados homens foram para baixo da terra, os filhos dos empregados cresceram e saíram de casa. As empregadas são viúvas.

Uma professora da escola de Adina é filha de uma empregada. Minha mãe é empregada na casa amarela atrás do jardim redondo, a professora disse para Adina. No outro lado do rio, ela ergueu o indicador acima da cabeça e mostrou a casa para Adina. Seus olhos estavam baços, ou apenas seu olhar tinha se petrificado, porque o dia estava muito frio e a água, próxima. Ela ria baixinho no alto da ponte, o bonde passou, esmagou as risadas. À noite, disse a filha da empregada, quando já está escuro, o senhor volta para casa, ele é oficial, ele passa seus dias bebendo no cassino dos militares na

praça da Liberdade. À noite, é o caminho que o encontra, não ele o caminho. Antes que vá embora, as garçonetes colocam seu quepe ao contrário em sua cabeça. Dessa maneira ele vai cambaleando sobre as ruas, até que o caminho de casa o encontre, a aba do quepe na nuca. A cada noite, disse a filha da empregada, acontece a mesma coisa nessa casa: DELTA DO DANÚBIO. O sino bateu na torre da catedral, a filha da empregada olhou para cima, riu e riu, o bater dos sinos estava pendurado em sua língua. Adina sentiu mais uma vez, nas vitrines, a proximidade da água. A filha da empregada se curvou, olhou para os sapatos de baixo. As solas estavam diante de seus olhos, não gosto dos saltos, ela disse. Sua boca se repuxou, disse DELTA DO DANÚBIO e voltou a falar do oficial.

Quando o oficial sobe as escadas entre os leões, sua mulher escuta as botas se arrastarem. Ela diz para minha mãe: DELTA DO DANÚBIO. Minha mãe pega uma panela com água quente da cozinha e a leva para ele, no banheiro. Ela despeja a água numa bacia que está no chão. Ela despeja outro tanto de água fria, até que a bacia fique cheia até a borda e a água esteja morna. A mulher do oficial fica esperando no corredor. Antes de a chave virar por fora, ela abre a porta por dentro. Ela tira a pasta de sua mão, o quepe de sua cabeça e diz DELTA DO DANÚBIO. O oficial grunhe e assente. Ele atravessa a sala atrás da mulher até o banheiro. A mulher já está sentada sobre a tampa fechada da privada, ele tira as botas e as deixa diante da porta. A mulher diz, tire a cegonha. O oficial tira a calça do uniforme e a entrega à mulher, que dobra a calça e a pendura no braço. Ele tira a cueca e agacha com as pernas abertas sobre a bacia, fica de joelhos e observa os azulejos azuis sob o espelho. Seu membro está pendurado na água. Quando seus testículos mergulham na água, a mulher diz, bom. Quando seus testículos flutuam na superfície da água, ela chora e grita, você trepou até esvaziar, até suas botas estão moles. O oficial encolhe a cabeça entre os joelhos, olha os testículos nadadores, eu te juro, ele diz, meu amor, eu te juro.

A filha da empregada olhou para o arbusto pelado que encostou no seu sobretudo, minha mãe não sabe o que ele jura, ela disse, o espelho está manchado, ele repete seu juramento. Sua mulher está calada faz tempo, daí ele chora. No caso dele, são somente lamúrias; no caso dela, é mais. Minha mãe se senta na sala, sua cadeira fica no final da mesa comprida. Ela olha o banheiro, se envergonha até o último fio de cabelo. Ela esconde as mãos, que tremem, debaixo do tempo da mesa. Quando minha mãe mexe o sapato de usar em casa, a mulher diz, Lenuza, você fica. E ela diz ao oficial, meta a cegonha na calça. Ele se levanta e veste a cueca. Ela passa pela sala com a calça no braço, toca a cada passo o canto da mesa, depois o ombro de mamãe. Ela diz, Lenuza, leve embora, e volta para a porta do quarto usando o canto da mesa como corrimão. Com as botas nas mãos, ele a segue.

A filha da empregada soprou ar quente nas mãos. Meu sobretudo não tem bolsos, ela disse, ele é da mulher. Minha mãe arruma o banheiro e apaga a luz. Na verdade, eu não acredito nisso tudo, disse a filha da empregada, que esfregou os dedos no sobretudo, cutucou os botões com as unhas e produziu um ruído como se pedras estivessem caindo sobre pedras.

Minha mãe nunca mentiu, disse a filha da empregada, o oficial ronca atrás da porta do quarto, a mulher cantarola uma canção:

*As rosas no jardim
florescem mais uma vez
mais uma vez tão belas
as rosas no jardim*

Minha mãe conhece a canção, a mulher a canta todas as manhãs na cozinha. Minha mãe caminha na ponta dos pés, mas o piso estala. A mulher escuta e, quando minha mãe está diante da porta da sala, ela diz, Lenuza, dê duas voltas na chave. A mulher tem medo que o anjo de pedra passe pela casa durante a noite, diz a filha da empregada. Por isso há os leões. A mulher diz às vezes para mamãe, o anjo dele não consegue passar entre meus leões. O oficial comprou o anjo contra os leões da sua mulher. Os anjos e os leões são do mesmo canteiro, minha mãe diz, eles não se atacam. O oficial sabe disso, disse a filha da empregada, a mulher não sabe. Pela manhã, quando o oficial está com o quepe e as botas, a mulher escova a jaqueta do seu uniforme no corredor. Ele se abaixa devagar e pega sua maleta, e ela se abaixa e escova. A escova é tão pequena que minha mãe, na época em que estava não havia muito na casa, não a enxergava na mão da mulher. Minha mãe tinha se espantado com a mulher fechando a mão para passá-la sobre a jaqueta do oficial. Certa vez a escova caiu de sua mão. A mulher tem mãos muito pequenas, até aquele dia minha mãe achava que a mulher não conseguia segurar nada nas mãos sem que se percebesse. Ela é muito grande, essa mulher, disse a filha da empregada, nunca vi mãos tão pequenas numa mulher tão grande. Quando o oficial sai, a mulher se posta na janela e o observa. Duas casas adiante e ele sumiu, ela espera até vê-lo novamente no início da ponte, em seguida sobre a ponte. A mulher diz que tem medo de que ele sofra alguma coisa justo pela manhã, sobre a ponte, quando está sóbrio.

E há ainda a história do frasquinho de perfume, disse a filha da empregada. A mulher o carrega escondido na bolsa, há anos está vazio. O vidro traz uma rosa gravada, a tampa um dia foi dourada, mas nesse meio-tempo ela ficou gasta de tanto ser carregada. Na borda da tampa leem-se letras do alfabeto cirílico, o frasquinho deve ter contido um perfume russo. Há anos, estive na casa um oficial russo, sobre o qual nunca se fala, um sujeito de olhos azuis. Pois a mulher diz vez ou outra que os oficiais mais bonitos têm olhos azuis. Seu marido tem olhos castanhos e vez ou outra diz à mulher, você está com fedor de rosas de novo. O frasquinho deve lembrar algo especial, algo triste, disse a filha da empregada, ela umedeceu o lábio inferior e estacionou a ponta da língua no canto da boca. Deve ter havido algo que descerrou um desejo e trancou uma porta, ela disse, pois a mulher se transforma numa pessoa solitária não pela ausência do marido, mas por carregar o frasquinho vazio de perfume. Às vezes, sua mãe tem a impressão de que a cabeça da mulher está caindo para dentro do pescoço, para dentro da

mulher, como se houvesse escadas na mulher, da laringe até os tornozelos, como se ela caminhasse com a cabeça por essas escadas para dentro de si. Talvez porque minha mãe more no porão, disse a filha da empregada. A mulher do oficial fica metade do dia sentada à mesa e seus olhos são de um vazio lancinante, girassóis ressecados. A filha da empregada limpou as narinas vermelhas com o lenço amassado, esfregou e meteu o lenço de volta na bolsa, amassado feito uma bola de neve. A mulher comprava sua mãe, ela disse, todos os anos, no Natal, lhe dava um par de sapatos para caminhar em casa de cordeiro legítimo; todas as semanas, grãos de café e chá russo.

Isso sou eu quem ganho, disse a filha da empregada, porque minha mãe economiza. Ela só não pode me dar os sapatos de andar em casa, porque a mulher perceberia. Ela conseguiu sumir com os penúltimos, disse que o cachorro do carteiro os tinha carregado e mordido tanto que não dava mais para usá-los. O carteiro negou, mas não conseguiu provar nada.

A filha da empregada disse que conseguiu a vaga na escola por causa da mãe, graças à mulher do oficial.

Há dois pescadores lado a lado no rio. Um deles tira o gorro da cabeça, o cabelo está achatado, há um barbante passando pela parte de trás da sua cabeça. Sem gorro, ele usa um gorro de cabelo branco. O outro pescador cospe cascas dentro do rio, elas nadam, por dentro são brancas e por fora, pretas. Ele segura uma mão cheia de sementes de girassol para o do gorro sem gorro, coma, ele diz, para que o tempo passe. O do gorro sem gorro empurra a mão cheia de sementes para longe de si, elas são como sementes de melão, ele diz. Quando voltei do front para casa, tudo aquilo que eles comiam aqui em casa era um cemitério para mim. Linguíça, queijo, pão, até leite e pepinos ficavam atrás da porta do armário da cozinha, debaixo de tampas, um túmulo. Agora, depois de anos, não sei, ele diz. Ele se abaixa, pega um cascalho, vira-o na mão, fecha o olho direito. Ele lança a pedra na água, lança de um jeito que a pedra toca a água e sobe novamente, toca a água quatro vezes e quatro vezes continua voando. A pedra dança sobre a água antes de afundar. O nojo passou, ele diz, mas eu ainda tenho medo do interior dos melões. O pescador com as sementes de girassol encolhe a cabeça, sua boca é fina, seus olhos são oblíquos. Ele deposita ambas as varas sobre a grama.

O sol está alto, está sobre a cidade. As varas produzem sombras, a tarde se aproxima nas sombras das varas. Se ela tombar, pensa Adina, se o dia escorregar, acabará por abrir covas fundas nos campos ao redor da cidade, o milho vai se quebrar.

Os pescadores ficam imóveis quando estão mudos. Eles não vivem quando não conversam entre si. Seu silêncio não tem motivo, são apenas as palavras que empacam. O relógio avança na torre da catedral, o sino toca, uma hora está vazia e ela passou, poderia ser hoje e amanhã. Ninguém a sente no rio, o toque vai abaixando na água e choraminga até cessar.

Os pescadores medem o dia pelo calor do céu e veem a chuva quando ela ainda está pendurada numa outra região pela fumaça da fábrica de fios. E sentem na ardência dos

ombros o quanto o sol se levanta e quando vai começar a descer e sumir.

Quem conhece o rio viu o céu por dentro, dizem os pescadores. Quando a cidade escurece, o relógio na torre não consegue medir o tempo durante um período. O mostrador do relógio se torna tão branco que um brilho se solta e cai sobre o parque. Daí as folhas de dentes finos das acácias se parecem com pentes. Os ponteiros saltam, a noite não acredita neles. O brilho branco não dura muito.

Enquanto o brilho branco dura, os pescadores se deitam lado a lado, de bruços. Eles olham para o rio. Enquanto o brilho branco dura, o rio mostra a quem o conhece uma bile podre, dizem os pescadores. Trata-se do céu por dentro. A bile está no centro do fundo, não na superfície. Suas roupas são tantas que vão de uma ponte à outra. A bile está nua, ela segura as roupas nas mãos. São as roupas dos afogados, dizem os pescadores.

Os pescadores não observam a bile durante muito tempo, depois de rápidos olhares eles metem o rosto na grama e riem tanto que as pernas tremem. O pescador do gorro sem gorro não ri. Quando os olhos lhe perguntam porque suas pernas tremem, embora não esteja rindo, ele diz, quando enfio o rosto na grama, vejo na água meu cérebro nu.

No café, ao lado da última mesa, há um menino cigano. Ele ergue um copo vazio de cerveja sobre o rosto, o fio de espuma escorre devagar, sua boca engole antes de o fio de espuma chegar aos seus lábios. Pare de beber, diz Adina, você não tem boca, você bebe com a testa. Ela fala em voz alta, o menino está ao lado da sua mesa, me dê um *leu*, ele diz, estica a mão sobre o jornal. Adina deixa o *leu* ao lado do copo, ele puxa a moeda debaixo da mão e a tira da mesa. Que Deus te mantenha bonita e boa, ele diz. Ele fala de Deus e Adina não enxerga seu rosto ao sol, apenas dois olhos amarelos esbranquiçados. Beba refrigerante, ela diz.

Há uma mosca nadando no copo, ele a cata com a colher, sopra-a ao chão e mete a colher no bolso da calça.

Shoshoi, diz a garçone.

O pescoço dele está seco, ouve-se um gorgolejo dentro de sua camiseta. Ele ergue o copo, toma-o de uma talagada só através de todo o rosto, até os olhos amarelos esbranquiçados. Ele mete o copo no bolso da calça.

Shoshoi, grita a garçone.

Shoshoi é coelho na língua dos ciganos, Clara disse, ciganos têm medo de coelhos. Os ciganos têm medo de credices, disse Paul, isso é pior, pois eles sempre têm medo.

Paul anotou num pedaço de papel o que um velho cigano, que tinha acabado de sair do hospital, podia comer. O homem não sabia ler. Paul leu para ele o que estava escrito no papel. Lá também estava escrito CARNE DE COELHO. Não posso ficar com esse papel, disse o homem, o senhor é distinto, o senhor precisa me escrever outro papel. Paul riscou CARNE DE COELHO com um traço, o homem balançou a cabeça. Continua escrito

aí, disse ele, o senhor é médico, o senhor não é um homem distinto. Não entendeu como seu coração bate dentro do senhor. O coração que bate no coelho é o coração da terra, por isso somos ciganos, porque sabemos disso, meu distinto senhor, por isso temos de andar.

O menino cigano corre através das listras de álamos, elas o cortam, ele ergue as solas dos pés até as costas. A garçõete corre atrás das solas dos pés. O pescador com as sementes de girassol observa as solas voadoras. Como o cascalho sobre a água, ele diz.

O vento sopra nos arbustos, os olhos do menino estão nas folhas. A garçõete parou no meio do mato, ofega e fica à espreita com os cílios, todas as folhas farfalham, ela não vê o menino. Ela abaixa a cabeça, descalça as sandálias e volta devagar ao café com passos pequenos entre as listras dos álamos, descalça sobre placas de pedra. A sombra das sandálias está pendurada na sua mão. E pela sombra dá para perceber a altura dos saltos, a finura das tiras e como sob o anel da garçõete as fivelas brilham sobre a pedra. Você ganha mais se correr atrás de mim, diz o pescador com as sementes de girassol, sem sapatos suas pernas são grossas, sem salto você é uma camponesa.

O pescador com medo de melões coça a braguilha, durante a guerra, ele diz, estive num vilarejo. Me esqueci do nome. Olhei por uma janela, havia uma mulher sentada junto a uma máquina de costura. Ela estava costurando uma cortina de tule branco, que estava sobre o chão. Bati e disse ÁGUA. Ela abriu e segurou a cortina diante de si até a porta. Havia uma concha no balde d'água. Esvaziei uma concha após outra, enquanto bebia observei suas panturrilhas, gordas e brancas. Eu só olhava para dentro do balde d'água, eu a via totalmente nua na água. A água estava fria e minha boca estava quente, meu pescoço batia nas orelhas. Ela me puxou para o chão, estava sem calcinha debaixo do vestido. A renda pinicava e sua barriga não tinha fundo. Ela não falou nada. Penso muitas vezes nisso, não ouvi sua voz. Eu também não disse nada. Apenas de volta à rua, falei ÁGUA para mim mesmo.

O pescador com as sementes de girassol puxa um fio da barra da camisa com a boca, é por causa das panturrilhas, ele diz. Minha mulher geme quando estou deitado sobre ela; os vizinhos batem à noite na parede e gritam, pare de bater nela. Os gemidos não querem dizer nada, sei disso faz tempo, debaixo de sua camisola tudo é frio, apenas a boca grita. Fico deitado sobre ela e me acostumo à escuridão, vejo seus olhos arregalados, sua testa bem alta, amarelo-acinzentada feito uma lua e seu queixo caído. Vejo como ela repuxa a boca. Eu poderia espetar seus olhos arregalados com meu nariz, mas não faço. Ela geme como alguém que tem de erguer um armário, não como alguém que está gostando. Suas costelas são tão fortes que seu coração resseca, suas pernas ficam mais finas a cada dia. Dos tornozelos para cima não há mais nenhuma carne sobre as panturrilhas. Toda a carne do seu corpo cresce na barriga, que fica redonda e esticada feito a de uma ovelha gorda.

O pescador tira o sapato e o emborça, sacode, e um caroço de cereja cai no chão. Às vezes a lua está entre o teto e a parede no canto do quarto, ele diz. A lua tem um vinco de

calça passada a ferro, posso enxergar os desenhos dos copos de vinho na cristaleira e as franjas do tapete. Repito o desenho das franjas do tapete com os olhos e faço o dia passar pela minha mente. O pescador do gorro sem gorro arranca uma folha de grama e a enfia na boca, mastiga, a grama entorta. Fazer o dia passar pela mente, diz o pescador com as sementes de girassol, não demora muito, os álamos, o rio. Hoje à noite vai demorar mais, hoje à noite tem a garçonne.

O pescador com a grama na boca ri, e o cigano, ele diz. Hoje à noite vai demorar mais, diz o pescador com as sementes de girassol; e adormecer, mais ainda. Escuto os grilos do lado de fora. A cama balança porque a camisola se vira. Os grilos guizalham, eles tecem um longo barbante, comem minha tranqüilidade. Eles poderiam estar debaixo do bloco residencial. Páro de respirar, sinto que os grilos carregam o bloco residencial sobre as costas até o Danúbio, pela grama da grande planície. Quando adormeço, sonho que saio do bloco residencial e vou à rua. Não há rua. Estou de pijama, descalço, perto da água e sinto frio. Tenho de fugir, tenho de fugir pelo Danúbio, até a Iugoslávia. E não sei nadar.

Do outro lado do rio, dois homens estão sentados num banco. Usam uniforme. Suas orelhas estão transparentes pela lua, estão lado a lado feito folhas. Um usa uma gravata de bolinhas vermelhas e azuis. Há uma mancha de sombra no fim do banco, poderia ser um sobretudo, sem braços, sem colarinho, sem bolsos. Um desses que não existirá mais quando a luz tocar o galho seguinte. Ambos os homens comem sementes de girassol. As cascas voam rápido para a água. O vento ergue o galho, o sobretudo diminui.

O pescador do gorro sem gorro aponta com o canto dos olhos para os dois homens, ele cospe a folha de grama. Você conhece os sujeitos lá do outro lado?, ele pergunta. Eu realmente não sei nadar, diz o pescador com as sementes de girassol. Ele dá de ombros. Ele fala baixo.

Certa vez também vi minha mulher no sonho com o Danúbio, ele diz. Cheguei perto da água e ela já estava lá. Ela não me conhecia. Ela perguntou, do jeito que um estranho pergunta a outro estranho, você também quer fugir? Ela foi do cascalho, da água, até a outra direção. Lá havia salgueiros e arbustos de avelãs. Ela disse, a água está puxando, ainda preciso comer alguma coisa. Ela procurou debaixo dos arbustos. Como lá só havia vegetação de rio, ela procurou pelos galhos, arrancou as avelãs com os talos e folhas. Ainda não era época de as avelãs serem colhidas, ainda estavam envolvidas por toucas verdes. Ela as abriu com uma pedra redonda. Comeu e o leite escorreu por sua boca. Desviei o olhar, olhei para a água. Pai nosso que estais no céu e na Terra, eu disse. A cada palavra, eu escutava a pedra bater na minha boca. Não consegui continuar rezando, me senti louco. O Senhor escutava as pedras e as avelãs, não a mim. Virei-me para ela e gritei tão alto que a voz espetou meus olhos, venha até aqui, eu não consigo

fugir, eu não sei nadar.

Sobre a testa do ditador há uma lagarta de folha e ela se faz de morta.

Adina vem com frequência a esse café porque ele fica do lado do rio, porque, a cada ano, o parque cresce um braço para cima, e no final do verão a madeira nova ainda está clara e macia. E porque é possível ver, nos galhos velhos, que o ano que passou ainda arqueia. A casca é escura e dura, as folhas têm ranhuras grosseiras, que o verão não acaba tão rápido. Quando chega o gelo, é outubro. Ele corta as folhas numa noite e se parece com um sinistro.

Como o bafejo do medo também está pendurado no parque, a cabeça fica fraca e enxergamos a própria vida em tudo o que os outros dizem e fazem. Nunca sabemos se aquilo que pensamos se tornará uma frase em voz alta ou um nó na garganta. Ou apenas um sobe e desce de uma narina.

Tornamo-nos atentos no bafejo do medo.

A fumaça sai voando das chaminés da fábrica de fios, rasga até restar apenas a imagem dos velhos do verão. E, embaixo, as roupas da bile podre.

Quando Adina se acostuma com o bafejo do medo, tocar o próprio joelho é diferente de tocar a cadeira. Nessa hora, as ruas tranquilas do poder se engancham no bonde sobre a ponte como o último vagão. E são puxadas para dentro da cidade, para a periferia, para as ruas sujas dos empregados. Pela lama seca é possível ver que as crianças cresceram e saíram de casa e que os homens foram para baixo da terra. As janelas estão coladas com jornais velhos, as viúvas — com as mãos à frente — fugiram para as ruas do poder.

Quando nos sentamos longamente no café, o medo se retrai e espera. E quando retornamos, no dia seguinte, ele já está a postos no lugar onde vamos nos sentar. Ele é uma lagarta das folhas na cabeça, a lagarta não vai embora. Quando ficamos sentados durante muito tempo, ela se faz de morta.

Clara sacode a cadeira, ergue o vestido, suas pernas estão recém-depiladas; de tão lisa, a pele tem uma sarda vermelha em cada poro. Ontem Mara teve de contar rolos de arame, ela diz, o diretor a chamou hoje, ele se postou na janela e conferiu os rolos de arame. Depois de terminar de contar, ele disse, suas pernas se parecem com as de um veado. Mara ficou vermelha e disse, obrigada. E o diretor disse, tão peludas quanto as de um veado.

Num bote, quatro mulheres remam na água. Seus músculos dos braços se parecem com barrigas. A quinta mulher segura um megafone diante da boca, ela grita no megafone sem olhar para as remadoras, ela grita para a água.

Clara caminha pelas listras dos álamos até a cidade. Seus sapatos fazem barulho ao lado do rio. O topete vê que os gritos do megafone se encaixam entre os passos de Clara.

O pescador do gorro sem gorro assobia uma canção.

O homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis se levanta do banco; andando, coloca a gravata na jaqueta; andando, cospe uma casca de semente de girassol; andando, se penteia na escada. Ele está sobre a ponte, ele segue as pernas de Clara, seu vestido de verão voa. Andando, ele acende um cigarro.

Adina abre um envelope branco, Paul segura o jornal diante do rosto, a unha de seu polegar está rachada. A pele de seu indicador está amarela, uma folha de tabaco cresce lá de tanto fumar. A carta é de Liviu, trata-se de um convite com duas alianças entrelaçadas.

Liviu é amigo de escola da Paul, há dois anos ele se tornou professor num pequeno vilarejo no sul, onde o Danúbio corta o país, onde os campos encostam no céu e os cardos desflorados lançam traveseiros brancos no Danúbio. No vilarejo, os camponeses tomam aguardente antes do café da manhã e vão para o campo, disse Liviu. E as mulheres recheiam gansos com milho besuntado de gordura. E o policial, o padre, o prefeito e os professores têm dentes de ouro.

Os camponeses romenos comem e bebem demais porque têm de menos, disse Liviu, e eles falam de menos porque sabem demais. E não confiam em estranhos, mesmo se eles comerem e beberem a mesma coisa, porque os estranhos não têm dentes de ouro. Os estranhos ficam muito sozinhos aqui, disse Liviu.

Esse é o motivo porque Liviu está se casando com uma professora do vilarejo, uma mulher que pertence ao lugar.

Um homem caminha ao lado de um cavalo na beira da estrada. Ele assobia uma canção. A canção é mais lenta do que seus passos, os cascos do cavalo não atrapalham o ritmo. O homem olha para o chão enquanto anda. A cada manhã, o pó é mais velho do que o dia.

Adina sente a canção nas solas dos pés; na sua testa, a boca do homem canta a letra:

*Não me sai do pensamento
vender casa e campo*

Um homem pequeno, uma corda fina, um cavalo grande.

Uma corda fina para um cavalo é uma corda grossa para um homem. Um homem com uma corda é um enforcado. Assim com o funileiro dos anos abandonados, da periferia.

Um dia — quando o bonde passou fazendo barulho diante da sua vitrine com chaminés de fogão, regadores e cruzes de cemitério — ele se tornou um enforcado.

Os passageiros estavam atrás dos vidros e cada um carregava um cordeiro nos braços, pois logo seria Páscoa.

O fogo não ardia mais nas vasilhas, mas a morte não tinha mordido sua bunda, como o funileiro sempre dizia. Quando ele foi encontrado, a morte tinha apertado sua garganta.

Seus poucos dedos tinham pegado uma corda e feito um laço. O homem do abatedouro, que jogara o gato do barbeiro porta afora, foi quem o encontrou. Ele tinha encomendado uma chaminé de fogão com o funileiro e fora buscá-la. Ele estava vindo do barbeiro. Seu cabelo estava recém-cortado e seu queixo estava recém-barbeado, ele cheirava a óleo de grama. Lavanda, foi como o barbeiro chamou esse cheiro, mas todos os homens que ele barbeava ficavam com o rosto brilhante e cheiravam a grama.

Quando encontrou o enforcado, o homem que cheirava a grama disse, um bom

artessão, mas fica fazendo lambanças.

Pois o funileiro estava pendurado torto e tão rente ao chão perto da porta que ele poderia ter ficado na ponta dos pés e se soltar, caso quisesse.

O homem que cheirava a grama era mais alto que o enforcado e disse, pena pela corda boa. Ele não cortou a corda, ele alargou o laço, o funileiro caiu. O avental de couro se curvou quando ele caiu. O enforcado não se curvou, seu ombro bateu no chão, a cabeça ficou reta no ar. O homem que cheirava a grama soltou o nó, usou a palma da mão e o cotovelo para enrolar a corda, passando entre o polegar e o indicador. Ele fez um nó na extremidade mais curta, a corda pode ser bem usada no abatedouro, ele disse.

A costureira meteu um alicate e uma agulha nova, brilhante, no bolso do avental. Ela deixou a cabeça pender e suas lágrimas pingaram sobre o despertador que estava sobre a mesa. Uma locomotiva se movimenta sobre o mostrador redondo do relógio, ela fazia tique-taque. A costureira olhou para os ponteiros e pegou um regador, vou levá-lo para o seu túmulo, ela disse. E o homem que cheirava a grama disse, eu não sei. Ele procurava a chaminé de seu fogão.

E o barbeiro disse, há uma hora o funileiro ainda estava comigo, fiz sua barba. Ele nem estava seco ainda e se enforcou. O barbeiro meteu uma lixa no bolso do guarda-pó. Ele olhou para o homem que cheirava a grama, quem corta a corda do enforcado, ele disse, vai acabar pendurado nela. O homem que cheirava a grama estava segurando três chaminés de fogão debaixo do braço e apontou para a corda, olhe aqui, a corda está inteira.

Adina viu uma porção de panelas soldadas no chão ao lado do enforcado. O esmalte do interior das panelas estava desbotado e trincado. Salsinha e levístico, cebola e alho, tomates e pepinos. Naquele desbotado havia um dente, uma fatia, uma folha de tudo aquilo que o verão fazia surgir da terra. Os legumes de todos os jardins da periferia e dos campos, e a carne de todos os quintais e currais.

Quando o médico veio, todos se afastaram um passo do funileiro, como se o terror tivesse chegado. O silêncio desfigurava todos os rostos, como se o médico trouxesse a morte.

O médico despiu o funileiro e olhou as panelas. Ele sacudiu as mãos inanimadas e disse, como alguém pode soldar com três dedos em duas mãos? Quando o médico jogou as calças do funileiro no chão, dois pêssegos caíram dos bolsos. Eles eram amarelos como o fogo que não mais ardia nas vasilhas, redondos e lisos. Eles rolaram para baixo da mesa e brilhavam ao rolar.

O barbante estava ao redor do pescoço do funileiro como todos os dias, mas faltava a aliança no barbante.

Durante alguns dias e noites, o ar sob as árvores tinha um cheiro amargo, Adina enxergava a corda vazia nos veios de cal das paredes e nas fendas do asfalto. E na primeira tarde ela pensou na costureira, na primeira noite ela pensou no homem que cheirava a grama. E no dia seguinte ela pensou no barbeiro. E na noite, que escureceu de repente, Adina pensou no médico.

Dois dias depois da morte do funileiro, a mãe de Adina passou pelos campos de aterradora para ir ao vilarejo que piscava com as paredes brancas até a periferia. Como logo seria Páscoa, ela comprou um cordeiro. No vilarejo das ovelhas, a mãe de Adina escutou que uma criança tinha estado com o enforcado. Uma criança estranha, que tinha ido parar lá, disseram as mulheres do vilarejo, roubara a aliança do pescoço do funileiro. O anel era de ouro, daria para vendê-lo e comprar uma mortalha para o funileiro. Pois o dinheiro na gaveta da mesa de sua oficina fora suficiente apenas para uma caixa tosca de madeira, apertada. Não era um caixão, elas disseram, mas um terno de madeira.

O homem com o cavalo para perto do meio-fio, um ônibus em movimento o recobre. Depois que o ônibus passa, o homem está na poeira e o cavalo anda ao seu redor. Ele ergue as pernas sobre a corda, enrola a corda num tronco de árvore e amarra o laço. Ele força a passagem pela porta da loja entre cabeças que esperam na fila do pão.

Antes de a cabeça do homem sumir entre as cabeças que gritam, ele olha para trás. O cavalo ergue a pata, fica um tempo sobre três pernas enquanto um ônibus passa, ele esfrega a barriga no tronco.

Adina sente o pó no olho, o cavalo explora a casca da árvore com as narinas. A cabeça dele perde a nitidez. A poeira no canto do olho é uma mosca minúscula na ponta do dedo de Adina. O cavalo come um galho, as folhas de acácia farfalham diante de seu focinho, a madeira fina tem espinhos, faz barulho na sua garganta.

A loja na qual o homem sumiu exala ar quente para a rua. Os ônibus assopram grandes bolas de poeira atrás de si. O sol se pendura em cada ônibus, é mais um passageiro. Ele tremula como uma camisa aberta nas esquinas. A manhã cheira a gasolina e poeira e sapatos gastos. E quando alguém passa com um pão nas mãos, a calçada cheira a fome.

Nas cabeças que gritam na loja, a fome tem ouvidos transparentes, cotovelos duros, dentes pobres para morder e dentes bons para gritar. Na loja há pão fresco. Há inúmeros cotovelos na loja, mas o pão é contado.

Onde a poeira sobe mais alto, a rua é estreita, os blocos residenciais são tortos e apertados uns nos outros. Ao lado dos caminhos, a grama se torna fechada, e quando floresce, atrevida e luminosa, está sempre judiada pelo vento. Quanto mais atrevidas as flores, maior a pobreza. Lá o verão se debulha a si mesmo, confunde roupas rasgadas com debulho. Os olhos na frente e atrás das vidraças são tão importantes para o brilho dessas vidraças como as sementes voadoras para a grama.

As crianças puxam as folhas de grama com os talos leitosos da terra e brincam de sugá-los. E na brincadeira está a fome. O crescimento dos pulmões é interrompido, o leite da grama alimenta os dedos sujos, as correntes de verrugas. Os dentes de leite não, eles caem. Eles não ficam moles por muito tempo, eles caem na mão ao falar. As crianças

os jogam na grama, hoje um, amanhã outro, sobre o ombro atrás das próprias costas. Enquanto o dente está no ar, elas cantam:

*Rato, rato, me traga um dente novo
que te dou o velho*

Apenas quando o dente se perdeu num lugar incerto na grama é que elas olham para trás e chamam isso de infância.

O rato pega os dentes de leite e ladrilha de branco os corredores debaixo do bloco residencial. Ele não traz dentes novos.

A escola fica no final da rua, no começo da rua há uma cabine telefônica quebrada. As varandas são de chapa ondulada e enferrujada e não suportam nada exceto gerânios cansados e roupas voçando no varal.

Aqui não florescem dalias. Aqui a clêmatis debulha o próprio verão, fingido e azul. Onde há entulho, onde tudo enferruja, quebra e desmorona, ela desabrocha.

No começo da rua, a clêmatis se esgueira para dentro da cabine telefônica quebrada, se deita sobre os cacos de vidro e não se corta. Ela recobre o disco do telefone.

Os números sobre o disco são caolhos; quando Adina caminha devagar, eles próprios se anunciam: um, dois, três.

Um verão enlouquecido ao marchar, um verão militar atrás da extensa planície, no sul. Ilije está de uniforme. Na boca, carrega uma folha de grama que cresceu apenas nesse verão, no bolso do uniforme, carrega um inverno com dias riscados no calendário. E um retrato de Adina. O quartel fica na planície, uma colina e um bosque. A folha de grama é da colina, Ilije escreveu.

Quando Adina enxerga grama alta, ela pensa em Ilije e procura seu rosto. Ela carrega uma caixa de correio na cabeça. Quando a abre, ela está vazia, é raro Ilije escrever. Quando escrevo cartas, sei onde estou, ele escreveu. Quando temos certeza de que somos amados, escrevemos poucas cartas, disse Paul.

Enquanto a clêmatis estava verde, havia um homem na cabine telefônica. Sua testa era tão estreita que o cabelo começava já sobre as sobrancelhas. Porque sua testa é vazia, diziam os passantes, porque sua cabeça é de aguardente e porque a aguardente evapora. Onde a aguardente evapora não sobra nada, diziam os passantes.

O homem estava deitado e seus sapatos ficavam nos calcanhares. Ao passar por ali, dava para ver as solas, não dava para ver seus sapatos. O homem bebia e conversava sozinho em voz alta quando não estava dormindo. Os passantes se apressavam nesse ponto, avançavam sobre as próprias sombras. Eles passavam a mão pelo cabelo, como se houvesse pensamentos lá. Eles cuspiam, sem prestar atenção, na calçada ou na grama,

porque a boca estava um pouco amarga. Quando o homem conversava sozinho em voz alta, os passantes desviavam os olhos, quando ele dormia, eles cutucavam com a ponta dos pés as solas dele até que ele gemesse. Os passantes não queriam acordar um cadáver em nenhum dos dias, mas a cada vez achavam que esse era o dia.

Havia uma garrafa apoiada na barriga do homem, seus dedos envolviam seu gargalo, ele segurava a garrafa, não afrouxava os dedos dormindo.

Há dois dias o homem afrouxou os dedos enquanto dormia, a garrafa tombou. Uma mulher cutucou a sola do sapato do homem. Depois se juntou o zelador do próximo bloco residencial, depois uma criança, depois um policial. O homem na cabine telefônica não gemia mais, sua morte cheirava a aguardente.

O zelador jogou a garrafa vazia do morto na grama e disse, quando uma alma morre, ela é a última coisa que a pessoa tomou antes de sua morte. Aquilo que o estômago não digeriu é a alma. O policial assobiou, uma carroça parou na rua. Um homem soltou o chicote e desceu do carro. Ele ergueu o morto pelos braços, o zelador pegou nos sapatos. Eles carregaram o peso rígido sob o sol como uma tábua, eles depositam a tábua sobre a carroça, sobre os vasos verdes de temperos. O homem cobriu o morto com um cobertor de cavalo, pegou o chicote. Ele açoitou o cavalo e estalou a língua com a boca torta.

A cabine telefônica ainda cheira a aguardente e há dois dias o vento faz um barulho diferente. A clêmatis cresceu desde então, ela continua florescendo com o mesmo azul, sobre o disco do telefone há números caolhos. Adina disca na cabeça e conversa até acabar a rua onde estava o morto.

Estou na outra ponta, ele diz.

Você está pele e osso, você está uma tábua, ela diz.

Não importa, ele diz, sou uma pessoa inteira, meio louco e meio bêbado.

Mostre suas mãos, ela diz.

Vinho na boca, conhaque no estômago, aguardente na cabeça, ele diz.

Ela olha os sapatos dele, ele bebe em pé.

Pare, ela diz, você está bebendo com a testa, você não tem boca.

Há um grande rolo de arame na ponta da rua, ele está enferrujando. Em volta, a grama é amarela. Atrás do rolo de arame fica uma cerca, atrás da cerca, um quintal e um barracão de madeira. No quintal, um cachorro puxa sua corrente pela grama. O cachorro nunca late.

Ninguém sabe o que o cachorro vigia. De manhãzinha e à noite, quando está escuro, aparecem policiais. Eles falam com o cachorro, lhe dão de comer e não terminam

de fumar seus cigarros até o fim. São três policiais, dizem as crianças dos blocos residenciais. Como nos quartos só há velas acesas, elas enxergam do lado de fora do barracão três cigarros ardendo. As mães tiram as crianças de perto das janelas. O cachorro se chama Olga, dizem as crianças, mas não é uma cadela, é um cachorro.

O cachorro olha para Adina todos os dias, a grama se espelha nos olhos dele. Todos os dias Adina diz OLGA para que ele não lata.

Há folhas amarelas debaixo dos álamos, na grama. Os álamos diante da escola são teimosos, ficam verdes antes de outros álamos da cidade, já em março. Porque o campo fica atrás da escola e a escola fica na periferia da cidade, dizem os professores. E no outono os álamos diante da escola ficam amarelos antes de outros álamos da cidade, já em agosto. Porque as crianças mijam nos caules feito os cachorros, diz o diretor.

Os álamos ficam amarelos por causa da fábrica onde as mulheres fazem comadres vermelhas e prendedores de roupa verdes. As mulheres emagrecem e tosse e os álamos ficam amarelos. Mesmo no verão as mulheres da fábrica usam ceroulas até os joelhos e elásticos. Todos os dias, elas metem tantos pregadores nas ceroulas até que suas pernas e barrigas estejam tão estufadas que os pregadores não façam barulho enquanto caminham. No centro da cidade, na praça da ópera, os filhos das mulheres carregam os pregadores em barbantes nos ombros e os trocam por meias, cigarros ou sabonete. No inverno, as mulheres também escondem comadres cheias de pregadores de roupa nas ceroulas. Não dá para vê-las debaixo dos sobretudos.

O sino toca através dos álamos, sobre o pátio da escola. Não há ninguém no pátio, ninguém nos corredores. A aula não vai começar. As crianças estão sentadas sobre o caminhão diante da escola, sob os álamos. Elas serão levadas para trás da cidade, em campos distantes, até os tomates maduros.

Tomates pisados de ontem, de anteontem, de semanas, de manhã à noite, estão colados em seus sapatos. Tomates esmagados estão colados em seus bolsos, nos gargalos de garrafas d'água, nas jaquetas e camisas e calças. E sementes de grama, ervas-dos-ninhos e pelotinhas de cardos murchos.

A penugem dos cardos é para o traveseiro dos mortos, dizem as mães quando os filhos voltam tarde da noite do campo, o óleo das máquinas come a pele, elas dizem, mas a penugem dos cardos come a razão. Elas acariciam o cabelo dos filhos por um tempo. No meio da carícia, os esbofeteiam. Depois, os olhos dos filhos e os das mães ficam olhando a luz das velas por um tempo, mudos. Os olhos têm culpa, diante da vela isso não aparece.

Há pó grudado nos cabelos das crianças, ele deixa a cabeça teimosa e entorta o cabelo. Encurta os cílios, endurece os olhos. As crianças sobre o carro não falam muito. Elas olham os álamos e comem os pães contados, frescos. As cadeias de verrugas são

ágéis, eles fazem um buraco na casca. As crianças comem o miolo primeiro. Ele é branco, não está assado, é massa anestesiada pelo calor do forno, gruda nos dentes. As crianças mastigam e dizem que estão comendo o CORAÇÃO. Elas amolecem as cascas com saliva, formam chapéus, narizes e orelhas com elas. Depois, seus dedos cansam e a boca não está satisfeita.

O motorista fecha o porta-malas. Falta um botão na sua camisa, o volante toca seu umbigo. Há quatro pães diante do vidro. O retrato de uma cantora sérvia loira está colado ao lado do volante. O bonde passa quase raspando, o motorista amaldiçoa a mãe de todos os bondes.

Passando a cidade não há direção. Tocos de trigo sem fim, até os olhos não enxergarem mais essa cor branca. Apenas a vegetação e o pó sobre as folhas.

Colheitadeiras são altas, diz o motorista, isso é bom porque quando estamos sentados no alto não vemos os mortos deitados no trigal. Seu pescoço é peludo, o pomo de adão entre a camisa e o queixo é um rato saltador, o trigo também é alto, ele diz, enxergamos apenas os olhos dos cachorros e dos soldados. O trigal é baixo apenas para a fuga. Adina se segura nos joelhos, um pássaro se equilibra na beirada do campo, come uma rosa-mosqueta sobre o galho mais alto, um milhafre-real, diz o motorista, quando dizemos CAMPO-SANTO estamos nos referindo ao cemitério. Manejei colheitadeira, fiquei por três verões na fronteira, sozinho no campo durante a colheita, e por dois invernos fiquei no arado, somente à noite no arado. O campo tem um fedor doce, o trigal deveria se chamar CAMPO-SANTO. E uma boa pessoa vale tanto quanto um pedaço de pão, dizemos, os professores dizem isso aos alunos na escola. O milhafre-real fica sentado no campo como se sua barriga estivesse aparafusada aos tocos, ele não se mexe. Como o campo de tocos é duro e vazio, como a barriga do pássaro é mole, o céu forma duas nuvens brancas enquanto os tocos sugam o pássaro. O canto do olho do motorista pisca, o abrunheiro está carregado com bolinhas verde-azuladas e não se assusta com as rodas. Não se deve dizer às crianças que uma pessoa vale um pedaço de pão, diz o motorista, as crianças acreditam nisso e não conseguem mais crescer. E não devemos dizer isso aos velhos, eles sentem quando estamos mentindo e ficam pequenos feito crianças, porque não se esquecem de nada. Seu pomo de adão salta do queixo à camisa, minha mulher e eu, ele diz, conversamos apenas de noite, quando não conseguimos dormir. Minha mulher quer ser boa, ela não compra pão. O motorista ri porque o veículo solavanca nos buracos, ele olha para o campo, então eu compro o pão. Comemos e achamos gostoso, minha mulher também acha. Ela come e chora e fica mais velha e mais gorda. Ela é melhor do que eu, mas quem ainda é bom por aqui? Quando seus olhos saltarem das órbitas, ela vai vomitar em vez de gritar. Ele mete a camisa na calça, ela vomita em silêncio para os vizinhos não ouvirem nada, ele diz.

O caminhão está parado na estrada do campo, as crianças saltam na grama. A grama é alta, as pernas das crianças somem lá dentro. Moscas zunem das caixas vazias de tomates. A barriga do sol é vermelha, a plantação de tomates vai até o vale.

O agrônomo espera ao lado das caixas. Ele se agacha, procura fiapos de grama nas pernas da calça, a gravata voa diante de sua boca. Ele tira os fiapos com a mão. Os fiapos estão presos nas mangas, nas costas, eles o escalam mais rápido do que o agrônomo consegue tirá-los. Ele amaldiçoa a mãe de todas as gramas. Ele olha para o relógio, o mostrador e a grama queimam sob o sol. Quando está brilhando, ela indica sua avidez, que não teme qualquer caminho para se espalhar. Até no vento ela se pendura. Se não existisse a plantação, embaixo, ela cresceria no alto sobre as nuvens, e o mundo estaria repleto de grama e mato.

As crianças pegam as caixas, as moscas se sentam sobre as cadeias de verrugas. Elas estão bêbadas de tomates secos, elas brilham e picam. O agrônomo ergue a cabeça, fecha os olhos e grita, hoje vou dizer pela última vez, vocês estão aqui para trabalhar, todos os dias os tomates maduros continuam nos galhos e os verdes são colhidos, e os vermelhos são pisoteados no chão. Há um fiapo de grama no canto da sua boca, ele o procura com a mão, não encontra, ele grita, vocês vão estragar mais do que ajudar a agricultura, isso é uma vergonha para a escola de vocês. Ele encontra o fiapo de grama com a boca e o cospe, quinze caixas por dia, ele diz, essa é a regra. Não é para ficar bebendo água o dia inteiro, ao meio-dia tem uma pausa de meia hora, aí é para comer, beber e ir ao banheiro. Há uma bolota de cardo no cabelo do agrônomo.

As crianças vão de duas em duas para a plantação, entre elas balançam as caixas vazias. As alças estão meladas dos tomates amassados, as plantas estão carregadas com um verde bilioso e vermelho. Até os menores galhos. As cadeias de verrugas colhem até sangrar, os tomates vermelhos enfeitiçam os olhos, as caixas são fundas e nunca ficam cheias. Do canto da boca das crianças pinga um suco vermelho, tomates voam ao redor de suas cabeças e estouram e tingem também as bolotas de cardo.

Uma menina canta:

*Eu caminhava por uma trilha lá em cima
e encontrei uma donzela lá embaixo*

A menina mete um sapinho no bolso da calça, vou levá-lo para casa, ela diz, ela fecha o bolso com a mão, ele vai morrer, diz Adina. A menina ri, não importa, não importa, ela diz. O agrônomo olha para o céu, cata uma bolota de cardo com a mão e assobia a canção da donzela. Dois garotos estão sentados sobre uma caixa cheia até a metade, gêmeos, ninguém consegue distingui-los entre si, são um mesmo garoto duas vezes.

Um dos gêmeos enfia dois tomates gordos, vermelhos, debaixo da camisa, o outro acaricia os peitos de tomate com ambas as mãos, ele dobra os dedos, ele amassa os

tomates na camisa e olha com os olhos vazios para a menina com o sapinho. A camisa fica vermelha, a menina com o sapinho ri. O gêmeo com os tomates amassados arranha o rosto do outro, os gêmeos se engalfinham no chão. Adina estica a mão na direção deles e a puxa novamente, qual dos dois começou?, ela pergunta. A menina com o sapinho dá de ombros.

O ciclista empurra sua bicicleta com uma mão ao seu lado na calçada, a corrente faz barulho. O ciclista passa entre as bicicletas no parque, em direção à ponte.

O homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis vem da ponte. Ele segura seu cigarro longo, branco, ao lado do joelho, uma aliança brilha no filtro do cigarro. Ele sopra fumaça nos arbustos, no parque, que pelo bafejo do medo torna os passos verticais. Entre a orelha e o colarinho da camisa do homem existe uma pinta do tamanho de uma unha.

O ciclista fica parado, tira um cigarro do bolso da calça. Ele não diz nada, mas o homem ergue seu cigarro longo, branco, e lhe dá fogo. O ciclista cospe tabaco, a brasa carcome uma gola vermelha na extremidade do cigarro. O ciclista sopra a fumaça pela boca e continua a empurrar a bicicleta.

Um galho estala no parque. O ciclista vira a cabeça, há apenas um melro à sombra, que saltita para andar. O ciclista chupa as maçãs do rosto e sopra fumaça para o parque.

O homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis está no cruzamento das ruas, o semáforo está vermelho. No verde ele se apressará, pois Clara atravessou a rua.

Clara está na loja diante dos casacos de pele, os olhos do homem olham através da vitrine. Ele joga o cigarro fumado pela metade no asfalto. Ele sopra uma nesga de fumaça para dentro da loja.

Ele gira o mostruário de gravatas. Os casacos de pele são de ovelhas brancas. Apenas um é verde, como se o casaco tivesse atravessado o campo depois de costurado. A mulher que o comprar chamará a atenção no inverno. O verão vai persegui-la na neve branca.

O homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis leva três gravatas à janela, aqui as cores são diferentes, ele diz, qual combina melhor comigo? Clara ergue o dedo à

boca, com o senhor ou com o terno?, ela diz. Comigo, ele diz, a mão dela aperta a gola verde de ovelha, nenhuma delas, ela diz, essa do seu pescoço é a mais bonita, os sapatos dele brilham, seu queixo é liso, o cabelo é repartido por uma risca que parece um fio branco, PAVEL, ele diz, pega a mão dela. Em vez de sacudi-la, ele aperta firmemente seus dedos. Ela olha para o ponteiro de segundos no relógio dele, diz seu nome, olha para a unha do polegar, depois para os vincos da calça, ele segura a mão dela por tempo demais sob seus polegares, ADVOGADO, ele diz. Há uma prateleira vazia atrás da cabeça dele, marcas de dedos na poeira. Seu nome é bonito, Pavel diz, e seu vestido também. Não é daqui. É de uma grega, diz Clara.

Os olhos dela são vazios e sua língua é quente, pelo pó na prateleira ela vê que a loja está escura e que lá fora na rua está claro, que o meio da tarde divide a luz entre dentro e fora. Ela quer se afastar e ele segura sua mão. Ela sente uma roda pequena, rígida e brilhante, na garganta, que se vira. Ela segue ao seu lado pela porta. E, do lado de fora, onde o sol lança uma pequena sombra sob o nariz dele, ela não sabe se a roda rígida e brilhante é o desejo pela ovelha verde ou pelo homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis. Mas quando ela se vira em direção ao casaco verde, ela sente que a roda na garganta fica presa nesse homem.

Uma velha está sentada na escada da catedral, ela usa grossas meias de lã, uma saia grossa de pregas e uma blusa branca de linho. Ao seu lado há um cesto de palha, com um pano molhado por cima. Pavel ergue o pano. Buquês de açafão-do-prado, finos como dedos, dispostos em filas, amarrados com linha branca até as flores, no alto. Debaixo um pano e flores e mais um pano, muitas camadas de flores e panos e fios. Pavel pega dez buquês do cesto, um para cada dedo, ele diz, a velha tira um barbante da blusa, há um saquinho de dinheiro preso nele. Clara vê os bicos dos seios dela, estão pendurados na pele como dois parafusos. Nas mãos de Clara as flores cheiram a ferro e grama. Esse é o cheiro da grama nos fundos da fábrica de arames, depois da chuva.

Quando Pavel ergue o rosto, a calçada cai do espelho de seus óculos escuros. Há uma melancia atropelada sobre os trilhos do bonde, pardais comem a parte carnosa vermelha. Quando os trabalhadores deixam sua comida sobre as mesas, os pardais comem o pão, diz Clara, ela olha as têmperas dele, na lente dos óculos as árvores que passam. Ele olha para ela com essas árvores que passam, ele espanta uma vespa e fala. Bonito?, pergunta Clara, como você sabe o que pode ser bonito numa fábrica?

Pavel amarra seu sapato no carro, Clara cheira o açafão-do-prado. O carro anda, a rua é feita de poeira, um tonel de lixo está pegando fogo. Um cachorro está deitado no meio do caminho, Pavel buzina, o cachorro sai devagar e se deita na grama.

Clara segura as chaves na mão, Pavel pega sua mão e cheira o açafão-do-prado, ela lhe mostra sua janela, não vê seus olhos, ela diz. Ele toca a haste de seus óculos escuros, ela vê a aliança. Ele não tira os óculos escuros.

Não há álamos na praça da ópera, a cidade não é listrada na praça da ópera. Apenas manchada pelas sombras dos pedestres e dos bondes que passam. Os teixos mantêm suas folhas bem juntas no alto, elas encerram o tronco contra o céu e contra o relógio na torre da catedral. É preciso atravessar o asfalto quente antes de se sentar nos bancos diante dos teixos. Atrás dos bancos as folhas estão caídas ou nunca cresceram, atrás dos encostos dos bancos o tronco está à vista.

Homens velhos sentam-se nos bancos, eles procuram sombras duradouras. Os teixos enganam, eles seguram por um tempo as sombras andantes dos bondes como se fossem as suas. Depois de os velhos terem se sentado, eles soltam as sombras novamente. Os velhos abrem os jornais, o sol brilha através de suas mãos, as rosas-anãs vermelhas do canteiro de flores cintilam através do papel sobre o topete do ditador. Os velhos não se sentam juntos. Eles não leem.

Às vezes, um que ainda não encontrou um banco vazio pergunta, o que você está fazendo?, e aquele sentado agita o jornal no rosto, pouisa a mão sobre o joelho e dá de ombros. Sentado e pensando?, pergunta o que está andando. O que está sentado aponta para duas garrafas vazias de leite e diz, sentado, apenas sentado. Não importa, diz o que está andando, não importa, e balança a cabeça e vai embora, e o que está sentado balança a cabeça e o segue com o olhar.

Uma plaina, uma tábua às vezes passam pela cabeça dos velhos e às vezes param nas têmporas, tão perto do teixo que não dá para diferenciar a madeira da ferramenta da madeira do tronco. E não dá para diferenciar da fila na loja, na qual o leite não foi suficiente e o pão era racionado.

Há cinco policiais na praça, eles usam luvas brancas, eles confundem os passos dos pedestres com os apitos. O sol não tem barreiras, ao meio-dia, quando olhamos para o

alto, para o terraço branco da ópera, o rosto inteiro cai no vazio. Os apitos dos policiais brilham, as reentrâncias dos apitos se estufam entre seus dedos. As reentrâncias são profundas, como se cada policial segurasse na boca uma colher sem cabo. Seus uniformes são azul-escuros, seus rostos são jovens e pálidos. Os rostos dos pedestres estão inchados pelo calor, os pedestres estão nus sob essa luz. As mulheres carregam pela praça as verduras em sacos plásticos transparentes do mercado. Os homens carregam garrafas. O olhar de quem anda de mãos vazias, de quem não carrega frutas e verduras, não carrega garrafas, balança. Para ele, as frutas e as verduras nos sacos transparentes dos outros são vísceras de verão. Tomates, cebolas, maçãs sob as costelas das mulheres. Garrafas sob as costelas dos homens. E, no meio do terraço branco, os olhos estão vazios.

A praça está fechada, os bondes pararam atrás dos teixos. Música fúnebre se esgueira pelas ruas estreitas atrás da praça, seu eco está na praça e o céu anda sobre a cidade. As mulheres e os homens deixam seus sacos plásticos transparentes diante dos sapatos. Saindo de uma rua estreita, um caminhão vem andando devagar pela praça. As portas laterais estão baixadas, recobertas por um pano vermelho de bandeira, os apitos dos policiais fazem silêncio, abotoaduras brancas brilham nos braços do motorista.

Sobre o carro há um caixão aberto.

O cabelo do morto é branco, seu rosto, encovado, a boca, mais funda do que as órbitas oculares. Uma samambaia verde balança no seu queixo.

Um homem tira uma garrafa de aguardente da sacola plástica, bebe e vê com um olho a bebida escorrendo na boca; com o outro, o uniforme do morto. No Exército, um tenente me contou que oficiais mortos se tornam monumentos, ele disse. A mulher ao seu lado tira uma maçã da sacola plástica. Ela dá uma mordida e com um olho vê o rosto do morto; com o outro, a grande fotografia do morto atrás do caixão. O rosto na foto é uns vinte anos mais jovem do que o rosto no caixão, ela diz, o homem volta a depositar a garrafa diante de seus sapatos, um morto muito pranteado, ele diz, se torna uma árvore, e um morto pelo qual ninguém chora se torna uma pedra. Mas se alguém morrer num lugar qualquer do mundo e outros chorarem pela pessoa num lugar qualquer isso não adianta de nada, diz a mulher, pois todos se transformam em pedra.

Atrás da foto do morto segue uma almofada de cetim com suas condecorações; atrás das condecorações segue uma mulher murcha, de braço dado com um homem jovem; atrás da mulher murcha, uma banda militar. Os instrumentos de sopro brilham, a luz os amplia. Atrás da banda militar seguem os enlutados, seus passos se arrastam, as mulheres carregam gladiolos em celofane, as crianças carregam margaridinhas desabrochadas de franjas brancas.

Entre os enlutados, segue Pavel.

Na beirada da praça, onde o homem bebia sua aguardente, há uma garrafa vazia; ao

lado, uma maçã comida pela metade. A música de luto soa baixinho de ruas cheias de quebradas. O cemitério dos heróis fica atrás da cidade. Sobre a praça há gladiolos pisoteados, os bondes circulam.

Os velhos caminham pela praça vazia, suas garrafas vazias de leite fazem barulho. Eles param sem motivo. No alto, a varanda branca da ópera colocou suas colunas na sombra da parede. E os buracos embaixo, no asfalto mole, são dos sapatos de salto das mulheres.

Há algodão encharcado no vaso sanitário, a água está enferrujada, sugou o sangue do algodão. No assento, sementes de melancia coladas.

Quando as mulheres usam algodão entre as pernas, o sangue das melancias está em suas barrigas. Dia da melancia e o peso das melancias, todos os meses: isso dói.

Qualquer mulher pode amarrar qualquer homem a si com o sangue das melancias, disse Clara. Na fábrica de arame, as mulheres contam umas às outras como uma vez por mês, no fim da tarde, misturam o sangue das melancias à sopa de tomate dos homens. Nesse dia, elas não trazem o panelão de sopa para a mesa, mas levam os pratos em sequência até o fogão e os servem. O sangue da melancia espera pelo prato do homem numa colher ao lado do fogão. Elas mexem a sopa com a colher até o sangue se dissolver.

Nos dias das melancias, o arame em tela passa sobre os rostos delas antes de subir no rolo grande e ser medido aos metros. Os teares batem, suas mãos têm ferrugem, seus olhos são baços.

As mulheres da fábrica amarram os homens a si no final da tarde ou à noite, Clara disse, de manhã elas não têm tempo. De manhã elas apressam o despertar dos homens, carregam no rosto uma cama cheia de sono e um quarto cheio de ar parado até a fábrica.

A filha da empregada disse, amarramos os homens em nós pela manhã, pela manhã de barriga vazia. Pois nos dias das melancias, a mulher do oficial coloca, pela manhã, quatro coágulos de sangue de melancia no café do oficial, antes de ele seguir para a caserna. Como sempre, ela lhe serve o café na xícara, ainda sem açúcar. Ela sabe que ele usa duas colheres de açúcar e fica mexendo a xícara durante um longo tempo. Os coágulos de sangue se dissolvem mais rápido do que o açúcar. O melhor, disse a mulher do oficial à filha da empregada, é o sangue do segundo dia. Nos passos do oficial sobre a ponte, nas bebidas de todos os seus dias no quartel está o sangue de melancia da sua mulher. Quatro coágulos dão para um mês, cada coágulo dura uma semana.

Cada coágulo de sangue tem de ser do tamanho da unha do polegar do homem que a mulher quer amarrar em si, disse a mulher do oficial. O sangue da melancia se dissolve no café e torna a gotejar depois de ter passado pela sua garganta, ela disse. Ele não passa pelo coração, ele não goteja para dentro do estômago. O sangue da melancia não consegue segurar o desejo do oficial, não existe nada contra o desejo porque o desejo voa, ele se desprende de tudo. Ele voa até outras mulheres, mas o sangue da melancia se deposita ao redor do coração do homem. Ele goteja e envolve o coração. O coração do oficial não consegue reter a imagem de outras mulheres, disse a filha da empregada, o oficial pode trair sua mulher, mas não esquecê-la.

Na parede do banheiro está escrito:

*À noite, sobre a colina,
os sinos dobram tristonhos*

Trata-se de dois versos de um poema, o poema está no livro escolar, as crianças o aprendem na escola. É a letra do professor de física, disse a filha da empregada, reconheço-a pelo “t” e pelo “m”. Os versos sobem a parede, tortos.

Há um marulhar quente entre as coxas de Adina, na porta do banheiro ao lado o trinco é fechado. Adina aperta os cotovelos sobre as coxas, ela quer pressionar o ruído para que ele saia baixinho e constante. Mas sua barriga não sabe o que é baixinho e constante. Sobre a descarga fica uma pequena janela sem vidro, recoberta apenas por teias de aranha. Nunca há uma aranha ali, o barulho da descarga as espanta. Apenas um fio de luz aparece todos os dias na parede e assiste a todos esfregarem o papel de jornal entre os dedos até que as letras fiquem farinhentas e os dedos, cinza. Papel de jornal esfregado não raspa as coxas.

A faxineira diz, não há papel higiênico no banheiro dos professores porque durante três dias consecutivos foi colocado um rolo inteiro e porque em todos os três dias todos os três rolos tinham sido roubados quinze minutos depois e porque três rolos têm de ser suficientes para três semanas.

No regime burguês-senhorial, palha de milho e folhas de beterraba eram boas o bastante, disse o diretor na reunião, naquela época apenas os grandes proprietários de terras tinham papel de jornal. Hoje em dia, todo mundo tem um jornal em casa. E, de repente, o papel de jornal é duro demais para os finos cavalheiros e damas. O diretor arrancou uma ponta do tamanho de uma mão de um jornal, é tão simples quanto lavar a mão, ele disse, ninguém vai me dizer que não sabe como lavar as mãos. Quem não souber isso aos trinta, que aprenda. Suas sobranceiras uniram-se sobre o nariz, finas e cinzentas como um rabo de rato sobre a testa.

A faxineira sorriu e se esfregou na cadeira ao se levantar, o diretor olhou debaixo da mesa. Hoje todo mundo tem um jornal em casa, o senhor já se esqueceu?, camarada diretor, as folhas de beterraba eram macias demais, o dedo as perfurava, as de bardana eram melhores. Já chega, disse o diretor, senão isso não tem fim.

A filha da empregada cutucou Adina com o pé, a faxineira pode tomar todas as liberdades, ela disse, o diretor dorme com ela. Seu marido é eletricista, ontem ele esteve na escola, cuspiu debaixo da mesa do diretor e arrancou dois botões do terno dele. Os botões rolaram para baixo do armário. Depois que o eletricista foi embora, o professor de física teve de afastar o armário da parede e ir à alfaiataria no meio da aula, para pegar agulha e linha. Ele não pôde levar o paletó do diretor. A faxineira tem de pregar os botões novamente, disse o diretor.

A faxineira pode recortar apenas as últimas páginas do jornal, as reportagens, a página de esportes e a programação da tv. Ela tem de dar as primeiras páginas ao diretor, essas vão para a coleção do secretário do partido.

Adina puxa a descarga. Diante do espelho no banheiro, a luz e o cabelo de Adina se entretecem, o cabelo está pendurado na luz, não na cabeça, ela abre a torneira. O fecho volta a abrir, o diretor sai pela porta do reservado. Ele se posta ao lado de Adina diante do espelho. Ele abre a boca, acho que estou com dor de dente, diz ao espelho. Sim, senhor diretor, ela diz, os molares dele são dourados, CAMARADA DIRETOR, ele diz, os molares dele têm um brilho amarelo. Para os homens, os dias das melancias são os dias das abóboras, pensa Adina. Ela seca a boca com um lenço passado a ferro e dobrado como um triângulo, passe na minha sala depois da última aula, ele diz tirando um fio de cabelo do ombro de Adina, sim, camarada diretor, diz ela.

O topete brilha sobre a lousa e a pupila do olho brilha, agarra o fio de luz que cai pela janela. As crianças mexem os cotovelos ao escrever, a redação se chama A COLHEITA DO TOMATE. Adina está do lado do barbante de luz junto à janela. A plantação de tomates cresce mais uma vez nos cadernos, ela é feita de verrugas e de letras.

A garota com o sapinho lê:

Há duas semanas os alunos da nossa escola ajudam os camponeses na agricultura. Os alunos da nossa classe ajudam na colheita de tomates. É gostoso trabalhar nas plantações de nossa pátria. É saudável e útil.

Diante da escola há um quadrado de grama amarela, atrás fica uma casa isolada entre os blocos residenciais. Adina vê as sempre-vivas sobre o telhado da casa. O jardim, vindo dos blocos residenciais, chegou até a parede. As parreiras se fiam diante

das janelas.

De manhã, quando acordo, lê a menina com o sapinho, não visto meu uniforme, mas as roupas de trabalho. Não levo cadernos ou livros, mas uma garrafa com água, pão com manteiga e uma maçã.

Um dos gêmeos escreve MANTEIGA e bate com os punhos sobre o banco.

Uma carroça para diante da casa isolada com as sempre-vivas, um homem desce, passa pelo jardim até a casa carregando uma rede cheia de pães. Ele caminha atrás das parreiras, bem junto à parede.

Às oito horas, todos os alunos se reúnem diante da escola, lê a menina com o sapinho. Somos levados de carro à plantação. Durante a viagem rimos muito. Todos os dias o agrônomo está esperando ao lado da plantação. Ele é alto e magro. Usa terno e suas mãos são bonitas, limpas. Ele é um homem simpático.

Só que ontem ele te deu um tapa na cara, diz o gêmeo, o cavalo está diante do carro vazio, ele não se movimenta, por que você não escreveu isso?, diz Adina.

O outro gêmeo mete a cabeça debaixo do banco, não se pode escrever sobre o tapa, ele diz; ele segura uma fatia de pão com manteiga e cola o pão com manteiga sobre a redação.

A menina com o sapinho arranca uma fita branca de sua trança, enfia a ponta da trança na boca e chora.

O homem passa com a rede de pão vazia pelo parreiral, sobe na carroça. Um anão caminha sobre a grama diante da escola. Sua camisa vermelha brilha, ele carrega uma melancia.

Camarada, diz a garota com o sapinho para Adina.

Há um relógio de parede acima da porta do diretor, seus ponteiros medem o ir-e- vir dos alunos e dos professores. Sobre a cabeça do diretor há o topete e a pupila. Sobre o tapete há uma mancha de tinta, na cristaleira estão os discursos do ditador. O diretor cheira a perfume, tabaco de talos amargos, sabe por que chamei você?, ele diz, ao lado do cotovelo dele há uma dália retorcida, a água no vaso não é límpida, não, diz Adina, não sei. As sobranceiras dele se juntam, cinzentas e finas, você disse para os alunos comerem tantos tomates quanto conseguissem porque não podiam levar nenhum para casa. E exploração de menores, foi isso que você disse. Sobre a dália há uma mancha de poeira pendurada na luz, não foi assim, camarada diretor. A voz dela é baixa, o diretor dá um passo sobre a mancha de tinta, ele está atrás da cadeira de Adina. A respiração dele é seca e curta, sua mão toca a gola da blusa dela, passa pelas suas costas, esqueça o

CAMARADA, não se trata disso agora.

As costas dela estão rígidas, o nojo não se curva, não tenho verrugas sobre as costas, diz a boca de Adina. O diretor ri, tudo bem, ele diz, ela aperta as costas contra o encosto da cadeira, ele puxa a mão da blusa, dessa vez não vou dar parte, ele diz. A dália toca o ouvido dele, dá para acreditar no senhor?, pergunta Adina. Ela vê nas folhas vermelhas da dália o sangue das melancias. Não sou desses, ele diz. O suor dele cheira mais forte do que o tabaco no perfume. Ele se penteia.

Seu pente é de dentes azuis.

Cabeças andam entre os rolos enferrujados de arame no pátio da fábrica. Andam uma atrás da outra. O zelador olha para o céu. Ele vê o alto-falante ao lado do portão.

De manhã, das seis às seis e meia, sai música desse alto-falante. Canções de trabalhadores. O zelador as chama de música matinal. Para ele, trata-se de um relógio. Os que passam pelo portão quando a música silenciou estão chegando atrasados ao trabalho. Os que não acertam o passo com o ritmo, os que não atravessam o pátio em silêncio até seu tear têm seus nomes anotados e são denunciados.

E ainda não clareou quando as músicas de marchar estão altas. O vento bate na chapa ondulada em cima do telhado. A chuva bate embaixo, no asfalto. As mulheres sujam as meias, os chapéus formam calhas. Na rua, do lado de fora, já está mais claro. Os rolos de arame estão molhados pela noite, são pretos. Por causa disso, o dia demora mais para chegar à fábrica, mesmo no verão.

O zelador cospe cascas de sementes de girassol na tarde. Elas caem no chão, sobre a soleira da porta. A zeladora fica na portaria, ela faz tricô, falta-lhe um dente no meio da boca, usa um avental verde. Ela conta as pessoas em voz alta pela banguela. A gata tigrada fica sentada ao lado de seus sapatos.

O telefone toca na portaria. O zelador escuta o toque com a têmpora. Ele não vira a cabeça, ele observa as cabeças caminhando entre os rolos de arame. A zeladora enfia a agulha de tricô na boca e mete a cabeça da agulha na banguela, passa a agulha dentro do avental, por baixo da laringe. Ela se coça entre os seios. A gata repuxa as orelhas e observa. Os olhos dela são uvas amarelas. Durante a contagem, o número de pessoas fica registrado na banguela e nos olhos da gata. O toque do telefone é estridente. Ele fica preso no fio de lã, o fio sobe pela mão da zeladora. A gata passa por cima do sapato da zeladora e vai para o pátio da fábrica. A zeladora não levanta o fone.

No pátio da fábrica, a gata é de ferrugem e arame humano. Sobre o telhado da fábrica, a gata é de chapa ondulada, diante dos escritórios ela é de asfalto. Nos galpões, a

gata é de barras, rolos e óleo.

O zelador enxerga pescoços entre as cabeças caminhantes pelos rolos de arame. Pardais trinam de cima do arame. O zelador olha para cima. Quando os pardais voam um a um até o sol, eles são leves, apenas o bando é mais pesado. A tarde é recortada torta pela chapa ondulada. Os gritos dos pássaros são roucos.

As cabeças no pátio se aproximam, elas deixam o arame, a fábrica. O zelador já enxerga os pescoços. Ele anda para lá e para cá. Boceja, sua língua é grossa, fecha-lhe os olhos no tempo ocioso, no qual o sol pousa molhado sobre seu queixo. Quando o zelador fica ao sol, uma careca dorme debaixo de seus fios de cabelo. O zelador não enxerga as mãos e as bolsas dos passantes.

Para o zelador, bocejar é esperar. Quando os trabalhadores deixam o arame, as bolsas deles são as bolsas dele. Elas são revistadas. Balançam sob as mãos, são leves. Ficam penduradas, rígidas, apenas quando há metal dentro. O zelador enxerga. Bolsas de mulher sobre os ombros também ficam penduradas rígidas quando há metal dentro. Tudo o que se pode roubar da fábrica é de ferro.

As mãos do zelador não revistam todas as bolsas. Elas sabem quando é o caso de revistar qual bolsa. E o caso se coloca quando os rostos e as bolsas passam por ele. Nessa hora, o ar no rosto do zelador fica diferente entre nariz e boca. O zelador entra nesse ar pela respiração. Ele permite ao pressentimento decidir entre uma bolsa e outra.

A decisão também depende da sombra da portaria, do gosto das sementes de girassol em sua boca. Quando algumas delas estão rançosas, sua língua se torna amarga. Os ossos malares endurecem, os olhos obscuram. As pontas de seus dedos tremem. Ao revirar a primeira bolsa, os dedos se tornam seguros. O espaço entre mão e polegar se aperta em objetos estranhos, o tocar é ávido. Para o zelador, revirar a mão na bolsa é como tocar um rosto. Ele consegue alterar os rostos da palidez ao rubor. Eles não retornam mais ao que eram antes. Murchos ou inchados, eles passam pelo portão depois do aceno dele. Mesmo já estando há muito na rua, permanecem alterados. Ouvir e escutar desfocados, de modo que o sol lhes parece uma grande mão. E o nariz não é mais suficiente, pois no bonde tomam ar com a boca e os olhos no rosto dos outros passageiros.

Durante a revista, o zelador ouve a deglutição silenciosa nos pescoços. As gargantas secas como um torno, o medo torce o estômago. O zelador cheira o medo, ele se solta dos homens e das mulheres como ar estragado e fica preso na altura dos calcanhares. Quando o zelador revira uma bolsa durante longo tempo, no medo muitos soltam, depois do primeiro, também um segundo flato, silencioso.

O zelador é muito crente, disse a zeladora para Clara. Por isso ele não gosta das pessoas. Ele castiga aqueles que não creem. E admira aqueles que creem. Ele não gosta daqueles que acreditam, mas tem respeito por eles. Ele respeita o secretário do partido, pois o secretário acredita no partido. Ele respeita o diretor, pois o diretor acredita no poder.

A zeladora tirou o grampo de cabelo do cabelo, meteu-o na banguela e enrolou melhor o cabelo. A maioria dos que creem em alguma coisa, disse Clara, são camaradas graúdos que não precisam do zelador.

A zeladora afundou bastante o grampo no cabelo, também há outros, ela disse, Clara estava junto à porta, a zeladora estava na portaria. Você acredita em Deus?, perguntou a zeladora. Clara olhou por sobre a cabeça inteira dela até o coque, na curvatura do grampo de metal. Pois as ondulações do grampo tinham sumido, a curvatura estava no alto e tão fina quanto o cabelo, como um único fio. Só que mais clara. Às vezes eu acredito, às vezes, não, disse Clara, quando estou despreocupada eu esqueço. A zeladora limpou o pó do telefone com a ponta da cortina, o zelador diz, crer é uma capacidade, ela disse. Os trabalhadores não acreditam em Deus e não acreditam em seu trabalho. O zelador diz, para os trabalhadores, Deus não passa de um dia livre, nos quais os trabalhadores, se Deus quiser, terão um franguinho frito à mesa. O zelador não come carne de aves, disse ela. Ao falar, ele observou os próprios olhos e o avental, que ficava mais escuro no vidro, o zelador diz, os trabalhadores comem em vez de acreditar em Deus, um franguinho de domingo, recheado com o próprio fígado.

O bando de pardais se desfaz. As vidraças nos galpões estão quebradas, os pardais encontram os buracos nos vidros. Eles voam para dentro mais depressa do que o zelador consegue ver. A zeladora ri e diz, não olhe, senão os pardais vão atravessar sua testa. O zelador olha para as mãos, os pelos pretos sobre os dedos, o pulso. A sombra da tarde corta sua calça na altura dos joelhos. A poeira gira em torno de si mesma diante dos rolos de arame.

Uma faca, um vidro de conservas melado, um jornal, um pedaço de casca de pão. Debaixo do jornal, uma mancha de parafusos. Ora, ora, diz o porteiro. O homem fecha sua bolsa.

Uma carta, um frasquinho de esmalte. Um saco plástico e um livro. A jaqueta na sacola de compras. Um batom cai do bolso da jaqueta no chão. O porteiro se agacha. Ele abre o batom, faz um risco vermelho sobre o pulso. Ele lambe o risco com a língua, argh, ele diz, framboesas podres e mosquitos.

O homem está com o polegar ferido. As fivelas de sua bolsa estão enferrujadas. O zelador pega um canivete de dentro da bolsa, debaixo do canivete um gorro, debaixo do gorro um ferro de passar. Veja só, diz o zelador. Só consertei a tomada, diz o homem. Horário de trabalho, diz o zelador. Ele leva o ferro de passar à portaria, amaldiçoa a mãe de todas as tomadas. A zeladora de avental verde deposita o ferro sobre a mão, estica os dedos, passa a palma da mão com o ferro frio.

Uma bolsa de mão. Um chumaço de algodão cai no chão. O homem com a ferida no polegar se agacha. A mulher prende uma mecha de cabelo atrás da orelha, puxa da mão o algodão ao lado da ferida no polegar. No algodão há uma casca de semente de

girassol e uma formiga penduradas.

Clara ri, o sol pisca branco no seu dente, o zelador libera sua passagem com um aceno. A banguela da zeladora ri.

O homem com a ferida no polegar tira o gorro da bolsa. Ele deposita o gorro sobre o punho. Estica o indicador e gira o gorro escuro feito uma roda. A zeladora ri, sua banguela é um funil, seu riso se esganiça. O homem com a ferida no polegar olha para os círculos feitos pelo gorro, ele canta:

*O aluguel já está atrasado
na pendura faz um mês*

Seu punho é uma roda, uma veia da dobra de seu braço engrossa e afina. Seus olhos estão presos nas agulhas de tricô da zeladora.

*E o patrão, patrão da casa
põe a gente no olho da rua*

Sua boca canta, seus olhos são miúdos, seu punho voa. E a outra mão, a mão vazia, a mão com a ferida no polegar, não fecha as fivelas enferrujadas da bolsa. A canção do homem espera pelo ferro de passar.

Uma folha de acácia bate na fresta da porta, se solta, voa e voa. A zeladora a observa. A folha é amarela como os olhos da gata. O homem com a ferida no polegar consulta o relógio.

A gata tem filhotes todos os anos. São tigrados feito ela. Ela logo os come, enquanto ainda estão molhados, escorregadios e cegos. A gata fica enlutada durante uma semana depois de comer os filhotes. Ela fica andando pelo pátio. Sua barriga é lisa, as listras, estreitas, de modo que ela consegue passar através e por tudo.

Enquanto está enlutada, a gata não come carne. Apenas pontinhas de folhas de grama jovem e a beirada de sal nas escadas do pátio de trás.

As mulheres nos teares dizem, a gata veio da periferia. E o administrador do almoxarifado diz, a gata saiu do pátio da fábrica, das caixas com a limalha de ferro, onde a chuva encharca devagar. Ele diz que ela estava molhada e enferrujada, e não era maior do que uma maçã quando a encontrou no caminho do almoxarifado até os escritórios, entre as caixas com a limalha. O administrador colocou a gata sobre uma luva de couro e levou-a ao portão, aos cuidados do zelador.

E a zeladora deitou a gata num gorro de pele.

E durante trinta dias dei leite para a gata com um canudinho, diz a zeladora. Como ninguém queria a gata, diz a zeladora, eu a criei. Depois de uma semana, diz o zelador,

ela conseguiu abrir os olhos. Ainda estou assustado, pois o administrador estava nos olhos, em ambos os olhos da gata. E ainda hoje, quando a gata ronrona, ele diz, o administrador está em ambos os seus olhos.

Para a gata, a fábrica é do tamanho de seu nariz. A gata cheira tudo. Ela cheira dentro dos galpões, nos cantos mais escondidos, onde se sua e se passa frio, se grita, se chora e se rouba. Ela cheira as frestas no pátio entre os rolos de arame, nas quais a grama é sufocada e, em pé, se amassa, se ofega, se faz amor. Lá, a trepada é tão ávida e oculta quanto o roubo.

No portão de trás, onde só passam caminhões, onde o telhado é de manta asfáltica, a calha de pneus de carros cortados e a cerca de portas de carro amassadas e ramos de salgueiro, há uma rua torta, ela se chama RUA DA VITÓRIA. A calha do telhado faz com que a chuva caia na rua da Vitória. A janelinha ao lado do portão de trás é a janela do almoxarifado. Lá fica o administrador. Ele se chama Grigore.

No almoxarifado, as roupas de segurança são uma montanha de jaquetas acolchoadas cinza, de aventais de couro e luvas de couro e botas cinza de borracha. Diante dessa montanha cinza há uma caixa grande emborcada, serve de mesa, e uma caixa pequena emborcada, serve de cadeira. E sobre a mesa há uma lista com os nomes de todos os trabalhadores. Sobre a cadeira senta-se Grigore.

Grigore vende ouro, diz a zeladora, colares de ouro. E alianças. Ele compra isso de um velho cigano que perdeu uma perna na guerra. Esse cigano mora no fim da cidade, ao lado do cemitério dos heróis. Esse cigano compra o ouro de um jovem sérvio que mora numa cidade na fronteira, na divisa com a Hungria e a Sérvia. Esse jovem tem parentes na Sérvia e viaja até lá se aproveitando de acordos bilaterais dessas fronteiras. E um cunhado trabalha na alfândega da fronteira.

Às vezes, Grigore também tem mercadorias da Rússia. As correntes de ouro grossas são da Rússia e as finas são da Sérvia. As grossas são de corações prensados e as finas, de dadinhos prensados. As alianças são da Hungria.

Quando Grigore fecha a mão e abre devagar os dedos dessa mão fechada, as correntes escorrem feito arame dourado por seus dedos. Ele balança suas pontas e segura-as na janela diante da luz.

O arame enferrujado passa de mão em mão durante meio ano. Daí o saquinho de pagamento é levado até Grigore, uma corrente de ouro é colocada ao redor do pescoço. Alguns dias mais tarde, tarde da noite, quando a corrente já brilha na camisola e o pé está descalço sobre o tapete, batem à porta. Alguém à paisana está diante dela e atrás, alguém de uniforme. A luz no corredor é fraca. O cassetete de borracha balança junto à perna da calça. As frases são curtas, o rosto estranho brilha, uma mancha lisa de luz sobe e desce. A voz permanece baixa, quase monocórdia, mas fria. Os sapatos estranhos estão sobre a

beirada do tapete. A corrente é confiscada do pescoço.

Na manhã seguinte, Grigore vai buscá-la com o primeiro bonde, quando o vagão está quase vazio e a luz acende e apaga pelas sacudidas. Quando alguém à paisana sobe no ponto ao lado da fábrica de cerveja e lhe passa em silêncio uma caixa de fósforos.

Nesses dias, quando a água sob a ponte ainda é sonolenta e o céu ainda está corcunda pela escuridão, Grigore é o primeiro a chegar à fábrica. Ele treme de frio, ele fuma. O alto-falante ainda está mudo quando ele passa pelos rolos de arame com suas correntes de ouro atrás de sua fumaça de cigarro. Algumas horas mais tarde, ele torna a fazer as pontas balançar e escorrer pela mão diante da janela da rua da Vitória. E volta outro dinheiro, o mesmo, assim como outras imagens, as mesmas, voltam ao olho do gato.

O zelador diz que frequentemente, durante a noite, o administrador informa à polícia para quem vendeu correntes de ouro pela manhã. Grigore não informa sobre as alianças.

O zelador respeita o administrador, pois Grigore acredita em seu ouro.

Mercado negro é negro, diz a zeladora, afinal ninguém é obrigado a comprar. Tudo que é negro é inseguro. O zelador diz, alguém tem uma coisa, outro alguém precisa dessa coisa, o mundo gira conosco. Cada um faz o que pode.

A gata também cheira quando o administrador deita mulheres no canto esquerdo. Lá o monte tem uma depressão e um corredor. Sobre o corredor fica a janela. Quando Grigore abre a calça, as mulheres erguem as pernas sobre a cabeça. A gata entra pelo telhado. Ela se senta acima da depressão, no pico do monte. Para as mulheres, a gata está sentada, pois as botas de borracha nas pernas delas estão mais altas do que os olhos sobre a cabeça. Enxote-a dali, dizem as mulheres, enxote-a. E Grigore diz, não tem problema, ela não vê nada, deixe estar, não tem problema. A gata repuxa as orelhas e observa.

Depois, as mulheres ficam em pé diante da mesa, suadas, com uma jaqueta acolchoada cinza nos braços. Elas procuram seu nome na lista do administrador para assinar. A gata não espera até os dedos terem assinado. Ela sai pelo telhado, ela anda entre os rolos de arame no pátio até os galpões.

Há uma imagem nos olhos da gata. Todos veem o que aconteceu. E todos falam a respeito do último amor na fábrica, em pé, deitado, estocado com pressa. Também o falatório sobre esse amor é apressado. Todos deixam as mãos sobre o arame, no lugar onde os dedos se encontram no momento em que a gata chega. Pois nenhuma imagem envelhece. Logo haverá uma nova imagem nos olhos da gata. E na próxima, a inveja

sabe disso, toda mancha de óleo no rosto de cada mulher sabe, na próxima imagem ela própria estará nos olhos da gata. No início do ano ou no outono, quando a jaqueta acolchoada pui e rasgar nos cotovelos e o vento arranhar, quente ou frio, sobre a manta asfáltica e soprar pela cerca sobre a rua da Vitória, as outras estarão assistindo. Pois a gata carregará pela fábrica as coxas, que agora estão diante do tear sob o próprio avental, nuas e abertas e mais altas que o rosto.

A gata só não carrega nenhuma imagem por uma semana durante o ano, quando está enlutada pelos seus filhotes comidos. Quem tem sorte, dizem as mulheres, e a quem o amor arrebatou na pressa dessas semanas voadoras, cegas, não é visto por ninguém na fábrica.

Quem suborna a zeladora sabe quando é essa semana. Muitos a subornam. Todos, dizem a zeladora, e preencho o calendário, ela diz, digo a todos o que eu quero.

E as mulheres disputam a frente, apressam-se de antemão nos seus gemidos curtos, para dentro da falsa semana de luto.

Mas, como o amor entre galpões e pátio e lavanderia e escritórios revira seus fios na verdadeira semana de luto, os homens e as mulheres formados casais são vistos pelos olhos do zelador, da faxineira, do supervisor, do responsável pelo aquecimento. Existe uma pequena diferença: como não há imagens nos olhos da gata, na verdadeira semana de luto todo amor permanece um boato.

Os filhos das mulheres se parecem com Grigore, diz a zeladora. Graças a Deus as mulheres não trazem os filhos à fábrica. Nunca vi seus filhos juntos, eu os vi apenas em sequência. Pequenos ou grandes, magros ou gordos, morenos ou loiros. Meninas e meninos. Quando estão lado a lado, dá para ver que são todos irmãos. Bem diferentes, diz a zeladora, mas em cada rosto há um pedaço de Grigore do tamanho de uma mão.

Os filhos das mulheres sofrem de insônia desde que nascem. Os médicos dizem que isso vem do óleo das máquinas. Durante alguns anos, esses filhos crescem diante da fábrica.

Mas em algum momento, diz a zeladora, eles vêm aqui à portaria procurar suas mães. É raro que isso seja urgentemente necessário. Em geral não há motivo.

Que esses filhos ficam parados ali, bem perto da portaria, diz a zeladora, que eles lhe dizem quem são, para que a zeladora faça chamar suas mães. Que eles, enquanto estão parados ali, colocam assustados as pontas dos dedos sobre o rosto. Que não enxergam nem o zelador nem a zeladora. Que, já quando dizem quem são, eles têm apenas olhos para esse arame, para esse pátio de fábrica enterrado. Que olham, ausentes. Que o Grigore do tamanho de uma mão aparece cada vez mais claramente, quanto mais

eles ficam parados ali.

E a zeladora enxerga a mancha de ferrugem nas camisas grandes ou pequenas, nos vestidos grandes ou pequenos, nas meias três-quartos. Enquanto esses filhos — pequenos, maiorzinhos ou quase crescidos — ficam bem perto da portaria, esperando, a zeladora enxerga a mancha dentada de ferrugem: todo filho carrega uma lâmina de ferrugem seca e esfarinhada numa peça de roupa.

Ferrugem das mãos das mães, das mesmas mãos que misturam o sangue das melancias na sopa dos homens antes da refeição. As beiradas pretas das unhas se dissolvem na lavagem das roupas. Depois da lavagem, a ferrugem não fica na água, não fica na espuma. Ela está no tecido. Não adianta secar ao vento, passar a ferro, produto contra manchas, diz a zeladora.

Os muitos irmãos que não se sabem assim, os filhos de Grigore, a zeladora continua reconhecendo-os depois de dez anos. Nesse tempo, toneladas de ferrugem e arame telado passaram pelo portão. Nesse tempo, toneladas de ferrugem e arame telado foram moldadas novamente e empilhadas no mesmo lugar, antes ainda de a grama encontrar sol para crescer. Nesse tempo, também essas crianças estarão trabalhando aqui na fábrica. Nunca quiseram isso. Elas vêm até aqui porque não sabem o que fazer. Da ponta do nariz à ponta dos sapatos, elas não topam com nenhum caminho, pois nenhum está aberto. Elas só encontram essa sarjeta de pobreza, falta de saída e fastio de mãe para filho e filhos dos filhos. Elas chegam com a mesma obrigação inesperada: no começo, ainda são barulhentas, irritadiças. Mais tarde, tornam-se suaves e mudas, enquanto se ocupam com suas lidas. O óleo de máquina ainda tem um cheiro penetrante, suas mãos há muito carregam as beiradas pretas. Elas se casam, estocam na barriga umas das outras de maneira traiçoeira, entre o turno do dia e o turno da noite, o amor que murchou. E fazem filhos. Eles têm manchas de ferrugem nas fraldas. Eles crescem, vestem camisas pequenas e depois grandes, vestidos, meias. Eles ficarão em pé diante da portaria com a lâmina de ferrugem seca e esfarinhada. Sem saber que, mais tarde, seguirão por um caminho que, mais tarde, nunca lhes oferecerá outra saída.

A mãe de Grigore também foi funcionária da fábrica. A mãe da zeladora também.

As agulhas de tricô estão sobre a mesa. O pátio da fábrica está em silêncio. O vento cheira a malte. Atrás dos telhados, adiante, fica a torre de refrigeração da cervejaria. O cano grosso, encapado, se estica da torre de refrigeração e passa sobre as ruas até o rio. Vapor sobe do cano. Ele se rasga durante o dia nos bondes que passam. À noite, é uma cortina branca. Alguns dizem que às vezes o vapor cheira a rato, pois na cervejaria, nas cubas de ferro, que são maiores do que a casinha da portaria, os ratos do rio se embebedam e se afogam na cerveja.

No oitavo dia, diz o zelador, restava a Deus ainda um chumaço de cabelo de Adão e Eva. Disso, ele fez o pelo dos animais. E no nono dia Deus arrotou no vazio do

mundo. Disso, fez a cerveja.

A sombra da portaria ampliou-se. O sol procura o caminho mais curto entre a rua da Vitória e os rolos de arame no pátio. Ele é anguloso, amassado nas bordas. O sol tem uma mancha cinza no centro.

Há dias no final do verão em que o alto-falante estala no alto da portaria. O zelador olha durante um bom tempo para o céu e diz, o sol sobre a chapa ondulada lá em cima, sobre os telhados da cidade, sobre a torre de refrigeração da cervejaria, é uma torneira enferrujada de água.

Diante do portão há um buraco na rua, lá dentro os pardais se empoam na poeira. Entre eles há um parafuso.

A zeladora e o zelador estão sentados na casinha da portaria. Eles jogam cartas. O ferro de passar está na beirada da mesa. O zelador denunciou o homem com a ferida no polegar à diretoria. Ele confiscou o ferro de passar. O homem com a ferida no polegar receberá amanhã uma advertência por escrito.

Pardais saltam no galpão. Seus dedos e bicos estão pretos do óleo de máquina. Eles bicam cascas de sementes de girassol e sementes de melancia e migalhas de pão. Quando o galpão está vazio, as letras dos lemas alcançam seu tamanho máximo. TRABALHO e HONRA e PARTIDO e a luz fica com um pescoço comprido junto à porta do vestiário. O anão de camisa vermelha e salto alto varre o chão gorduroso com uma vassoura gordurosa. No tear ao seu lado há uma melancia. Ela é maior do que sua cabeça. Sua casca tem listras escuras e claras.

E a luz fica inclinada junto à porta do pátio da fábrica. E a gata está sentada ao lado da porta comento um pedaço de toicinho. O anão olha através da porta para o pátio.

E o pó voa sem motivo. E a porta range.

A mulher das mãos nodosas cospe no pano e esfrega as maçãs até brilharem. Ela coloca as maçãs brilhantes lado a lado, as faces vermelhas para frente e as cicatrizes para trás. As maçãs são pequenas e tortas. A balança está vazia. Ela pesa com duas cabeças de pássaros de ferro, cujos bicos sobem e descem lado a lado, até que as maçãs e os pesos tenham o mesmo peso. E ficam parados. E a senhora conta em voz alta com a boca, até que seus olhos fiquem tão juntos quanto os bicos. Tão duros e silenciosos porque eles sabem o preço.

Os vendedores do mercado são gente velha. Os vilarejos em seus rostos estão sobre o chão de concreto, entre paredes de concreto, debaixo do teto de concreto, atrás de balcões de concreto. Jardins, nos quais a grama se esgueira.

Liviu conta desses vilarejos desde que é professor na planície do sul, onde o Danúbio corta o país. De noites de verão, para as quais o dia inteiro se encaminha, até ficar cansado e se fechar entre os olhos. Onde a cabeça se rende ao sono, antes ainda de o corpo conseguir alcançar o descanso. Liviu conta do sono vigilante dos jovens, do sono torpe dos velhos. E que, na vigilância e na torpeza, os passos do dia batem através dos dedos dos pés e que os dedos das mãos tremem à noite por causa da labuta. E que os ouvidos confundem, no sono, o próprio ronco com a voz do policial do vilarejo e a do prefeito. Que no sonho repetem mais uma vez o que deve ser plantado em cada jardim, em cada canteiro. Pois o policial do vilarejo e o prefeito têm suas contabilidades, suas listas. Eles esperam pelas doações, mesmo quando o pulgão, o fungo, o verme, o caramujo aparecem e comem tudo. Mesmo quando a chuva se esquece do vilarejo e o sol quicima até o último fio e torna o vilarejo tão aplainado que a noite entra nele por todos os lados ao mesmo tempo.

Liviu vem de visita à cidade três vezes por ano e não encontra seu lugar no apartamento de Paul, onde ele morou uma vez, e na cidade, onde ele viveu durante tanto tempo. E exige aguardente já pela manhã e chama a aguardente de LEITE DE AMEIXA.

Paul diz, Liviu anda pelo apartamento como um cachorro preso e pela cidade como um cachorro perdido. E Liviu está preso por um fio, diz Paul, e esse fio quase arrebenta e Liviu sabe disso e fala até sua voz ficar rouca.

Liviu conta das noites no vilarejo, nas quais apenas duas esquinas são iluminadas, a da casa do prefeito e a da casa do policial. Dois quintais, duas escadas, dois jardins vigiados até as folhas por luz. Realçados e quietos. Todo o resto está enterrado. Os cachorros andam no escuro, latem apenas onde há muito a lâmpada se apagou, onde as árvores se adiantam às casas e se inclinam sobre as águas do Danúbio.

Não vemos a água, disse Liviu, não a escutamos no vilarejo. Só a escutamos no meio da cabeça, não temos pés. Isso oprime. Sobre o chão seco, seria possível nos afogarmos dentro dos próprios ouvidos, ele disse.

Às vezes escutamos tiros ao longe, disse Liviu. Não mais barulhentos do que se um galho tivesse sido partido. Apenas diferentes, muito diferentes. Nessa hora, os cachorros ficam em silêncio antes de latir mais alto. Nessa hora, queremos sair pela noite, atravessar a fronteira, atravessar o Danúbio a nado. Apenas com nós mesmos, disse Liviu; nessa hora chegou o fim, sabemos. Olhamos para o canto da mesa, pressionamos a mão no encosto da cadeira e fechamos os olhos por um instante. Eu bebo, disse Liviu. O leite de ameixa queima, os olhos ficam dispersivos e a lâmpada treme, e, quando não há energia, é a vela. Bebo até esquecer que um tiro foi disparado. Até que o leite de ameixa faça minhas pernas tremerem. Esqueço, disse Liviu, até não conseguir pensar em mais nada, até ser inevitável que o Danúbio separe o vilarejo do mundo.

No interior você é um morador da cidade, na cidade você é um camponês, disse Paul a Liviu. Volte à cidade. Ela me conhece e conhece você, lá há uns milhares de policiais de vilarinhos sobre poucas centenas de trechos asfaltados.

Paul começou a cantar e Liviu acompanhou:

*Rosto sem rosto
frente de areia
voz sem voz
O que poderia trocar com vocês?
Dos meus irmãos, um
por um cigarro*

Liviu subiu na cadeira, acendeu a luminária com a mão. O fio da luminária voou de lá para cá. E sua sombra também.

*Tenho só uma ideia
O que poderia vender a vocês?
O casaco estropiado*

tem só um botão

Os olhos de Paul estavam semicerrados e, de cantar, os olhos de Liviu tinham nadado para fora da testa, talvez não fossem seus olhos, talvez fosse sua boca molhada.

*A noite tece
um saco de escuridão*

Liviu pegou a luminária com a mão. Ele parou de cantar e Paul batia mais forte com as mãos sobre a mesa.

*Grama taciturna
um trem de carga apita na estação
criança pequena sem os pais
sapato descalço sobre o asfalto*

Através da janela, Paul olhou para as antenas do bloco residencial próximo. Ele se ergueu e empurrou a cadeira junto à mesa. E ergueu a cabeça e levantou os olhos para Liviu. Liviu ria sem som. Não há nenhum fio de luminária pendurado do céu, Liviu lançou ao silêncio, senão estaríamos bem, daria para se enforcar em todos os lugares lá fora.

Não olhe assim, disse Liviu para Paul. E a frase bateu no rosto de Paul. Paul saiu do quarto, Liviu desceu da cadeira. Quando ele estava no chão, ele disse a Adina, como se estivesse dizendo a si mesmo, para mim Paul não é médico.

Paul estava sentado sozinho com sua voz na cozinha e monologava para os outros dois, alto. Hoje à noite, ele disse, um homem e uma mulher deram entrada no hospital. O homem tinha uma pequena machadinha de madeira enterrada na cabeça. O cabo da machadinha parecia ter nascido no meio do cabelo. Não se via nem uma gota de sangue em sua cabeça. Os médicos se reuniram em torno do homem. A mulher disse, aconteceu há uma semana. O homem riu e disse que se sentia bem. Uma médica disse, é possível apenas cortar o cabo, não dá para extrair toda a machadinha porque o cérebro se acostumou. Depois, os médicos extraíram a machadinha. O homem morreu durante o procedimento.

Adina e Liviu entrecolharam-se rapidamente.

As cenouras sobre os balcões estão ressecadas, as cebolas, estropiadas. O funileiro está em pé atrás das nozes. Mas ele não está usando seu avental de couro, não há nenhum cordão ao redor do seu pescoço, ele está usando a aliança no dedo. Ele põe a mão nas

nozes, elas tilintam como cascalho. Ele tem todos os dedos em ambas as mãos. O homem com as nozes não é o funileiro com as frutas no papel de jornal. Ele não diz, coma devagar para aproveitar bastante cada bocado.

Mas, se fosse, poderia ser.

Ele tem os olhos do funileiro, olha para a balança, os bicos dos pássaros sobem e descem. Os bicos param e os olhos sabem o preço. Adina abre sua bolsa, as nozes rolam para dentro. Duas nozes caem no chão. Adina se agacha.

Um homem com uma gravata de bolinhas vermelhas e azuis agachou-se antes dela. Adina se choca contra o ombro dele, ele segura as nozes fujonas na mão. Adina vê uma pinta no seu pescoço, ela é do tamanho da ponta dos dedos dela. Ele joga ambas as nozes na bolsa dela, elas não querem ir com você, ele diz, não dizemos CABECINHA DE NOZ à toa, posso comer uma? Ela assente, ele pega duas da bolsa. Ele fecha a mão, ao caminhar aperta uma noz na outra. A casca estala e ele abre a mão. Uma noz está inteira, a outra, aberta. Adina enxerga o cérebro branco na mão. Ele deixa a casca cair no chão, ele come. Sua pinta salta, sua testa brilha, a outra noz está no bolso do paletó. Como você se chama?, ele pergunta, e está com leite nos dentes, as nozes tilintam a cada passo. Adina pega a bolsa embaixo do braço, o que isso tem a ver com as nozes?, ela diz. O que faremos agora?, ele diz. Nada, diz Adina.

Ela segue na outra direção.

Pavel está junto à porta lateral esquerda do mercado e observa Adina, e a luz enovela redemoinhos de poeira diante de seus olhos. As maçãs de seu rosto se movimentam, sua língua encontra pedaços de nozes mastigados nos buracos dos dentes, sua pinta não salta. Ele pega a noz do bolso do paletó, deposita-a sobre o asfalto. Ele põe o sapato sobre a noz, empurra-a sob a sola até o salto, bem na beirada. Ele joga seu peso bem sobre a noz. E a casca se quebra. Pavel se agacha, tira o cérebro da casca, mastiga e engole.

Um carro preto de placa amarela e número pequeno está parado diante da porta lateral direita do mercado. Um homem está sentado dentro do carro, a cabeça apoiada no volante, e olha disperso para o mercado. Vê uma velha. O balcão de concreto separa a barriga das pernas dela. A velha peneira páprica vermelha. A páprica vermelha cai feito teias vermelhas de aranha pela peneira, cai sempre no mesmo lugar. O monte debaixo da peneira cresce rápido.

A senhora não quer ser perturbada, diz Pavel, não importa, diz o homem no carro, não importa. A velha bate a peneira para limpá-la. Ela alisa a ponta do monte com as mãos, as mãos são vermelhas como a páprica. E seus sapatos.

A língua de Pavel procura pelos pedaços mastigados de nozes no meio dos dentes, suba, diz o homem no carro, estamos indo.

O sol está sobre as caixas de correio na escadaria. As rosas silvestres fazem sombra na parede. Suas flores são pequenas, nascem embotoladas e conseguiriam se prender sozinhas nas mãos.

O olho da caixa de correio não é preto e vazio, ele é branco. E um olho branco de caixa de correio é uma carta de soldado de Ilije. Mas, como na semana passada, de novo não está escrito o nome de Adina no envelope. De novo nenhum selo, nenhum carimbo, nenhum remetente. Dentro do envelope há de novo a folha quadriculada do tamanho de uma mão, arrancada torta, de novo a mesma frase com a mesma caligrafia VOU TE FODER NA BOCA.

Adina amassa o bilhete e o envelope na mão e sente o papel seco na garganta. O elevador permanece escuro, nenhum olho verde está aceso, não há energia elétrica. A escadaria cheira a repolho cozido. As nozes matraqueiam ao caminhar. Adina começa a contar no escuro, em vez das escadas ela conta o sapato direito, sapato esquerdo. E como cada sapato se ergue sem ela e pisa por si. Até cada número ser apenas sua voz, depois uma voz estranha. Sua própria testa começa na voz estranha.

A bolsa com as nozes está sobre a mesa da cozinha, sobre as nozes está o papel amassado, ao lado da bolsa há uma vasilha vazia. A gaveta está meio aberta, faça garfo faça garfo garfo garfo, todos os dentes juntos como um pente. Adina abre totalmente a gaveta, faça grande, no meio o martelo.

Sua mão deposita uma noz sobre a mesa, o martelo bate de leve. A noz racha, o martelo bate três vezes e firme, e a casca se quebra. E o cérebro dentro da casca.

Baratas rastejam sobre o fogão. Sete grandes, marrom-avermelhadas, quatro médias, marrom-escuras, nove pequenas, pretas feito sementes de maçã. Elas não rastejam, elas marcham. Um verão de soldado para Ilije, para Adina nenhuma carta. Há um retrato pendurado na parede do outro cômodo, sobre o qual cai um raio de luz pelas manhãs — Ilije com o uniforme de soldado, o cabelo como o de um porco-espinho, uma folha de grama na boca, uma sombra sobre o rosto, grama ao redor dos sapatos. O dia inteiro fica pendurado nessa folha de grama, todas as manhãs.

Ilije está estacionado na planície do sul, assim como Liviu. Igualmente perto, igualmente longe do Danúbio, ambos em lugares diferentes. Num lugar, o Danúbio corre reto e corta o país, no outro lugar o Danúbio corre torto e corta o país. Apenas os tiros são disparados igualmente em ambos os lugares, como se um galho se quebrasse, só que diferente. Bem diferente.

Há dias nessa cidade, em agosto, em que o sol é uma abóbora descascada. Aí ela aquece o asfalto de baixo e de cima, o concreto dos blocos habitacionais. Aí a cabeça passa pelo dia com a tampa craniana solta da cabeça pelo calor. Daí o menor dos pensamentos se entorta na hora do almoço e não sabe o que aprontar. Daí a respiração se

torna pesada na boca. Daí as pessoas têm apenas essas mãos perdidas. Daí essas mãos colam lençóis molhados nos vidros das janelas, para se refrescar. Daí os lençóis já estão secos antes de as mãos se retirarem dos vidros.

Num desses dias em agosto, Ilije se postou junto ao fogão e esmagou baratas. Talvez não tenha sido ele, talvez tenha sido a brutalidade do calor em sua cabeça. Nas grandes, a morte estalava, nas pequenas ela ficava muda. Ilije contava apenas as baratas marrom-avermelhadas, as que estalavam.

Ao terminar de crescer, elas ficam vermelhas, disse Ilije. Elas sobreviverão a tudo, cidades e vilarejos. Também ao campo infinito arado sem caminho nem árvore, também ao mísero milho, aos Cárpatos e ao vento nas pedras, também às ovelhas e aos cães e aos seres humanos. Elas vão devorar esse socialismo, carregá-lo com barrigas gordas para baixo até o Danúbio. E do outro lado, na outra margem, haverá gente assustada piscando para o céu. E gritando sobre a água, são os romenos, eles fizeram por merecer.

Adina puxou Ilije para fora da cozinha quando ele chorou e tocou seu rosto com essas mãos que cheiravam a insetos. Ela lhe deu um copo de água, ele segurou-o nas mãos e não bebeu. Ele estava com nojo de seu suor frio quando empurrou Adina para longe e ficou tremendo no calor. Ele estava tão distante de si mesmo que engoliu a língua ao dizer, sorte do mundo o Danúbio existir.

Adina olha pela janela, mastiga a noz. O céu está vazio, a noz é amarga sobre a língua e depois, doce. O céu olha para cima, não para baixo. Ele prende seu grande vazio em pequenas manchas brancas, em cartas, todas já lidas, quando se esvai da cidade, quando foge — um fugitivo para o Danúbio acima da cidade.

Uma criança grita na rua, embaixo. A língua de Adina procura por pedaços mastigados de nozes entre os dentes. As cascas espirradas para longe estão debaixo da mesa.

Onde estão os rolamentos?, pergunta o diretor. Uma traça marrom sai voando do colarinho de sua camisa, bate as asas até a janela. Ela vai até o pátio atrás da janela, não é maior do que uma mosca. Mara diz, os rolamentos estão encomendados. Sapatos fazem barulho atrás do gerânio, atrás da cortina diante da janela do diretor. Cabelo castanho transita. O vaso de gerânio surge nas pontas do cabelo entre um passo e outro. Ele não balança suas flores vermelhas, mantém suas folhas inertes no cabelo dentro do pátio encalacrado da fábrica, na ferrugem corrosiva, no arame. O diretor não enxerga a cabeça daquele que passa, somente as pontas dos cabelos. E a traça no vidro; onde estão os rolamentos, já que estão encomendados?, ele pergunta. Ele se aproxima tanto do vidro que a cortina toca sua testa e os gerânios tocam seu queixo. Tanto que a traça perde o rumo, passa voando pelas suas têmporas raspadas até a mesa de reunião. Os rolamentos estão a caminho, camarada diretor, diz Mara.

Ele tinha contado com a traça. Ele puxa a cabeça rapidamente para trás, depois olha para o arame do lado de fora, por costume. Ele não tinha contado com os saltos, que sobre o asfalto são tão duros e altos como tijolos quebrados. Ele não tinha contado com os sapatos do anão, que fazem barulho, como se a cabeça fosse a cabeça de um anão só porque os saltos são altos demais. E ele não contou com as pernas curtas, que não se curvam ao caminhar. E com as costas, que se mantêm tão eretas como se um arame novo tivesse sido costurado lá dentro.

Esses sapatos, essas pernas, essas costas atrapalham o olhar que quer permanecer vazio. E, mesmo com o passar dos anos na fábrica, nenhum olho enxerga o anão sem sentir a si mesmo nessa hora. Sem atrapalhar o próprio caminho.

O diretor encolhe a nuca. O barulho atrás do anão, o costume quebrado é como passar frio.

Um anão e mesmo assim ele deu um jeito na vida, diz um. Outro em seu lugar iria mendigar à beira da estrada. Ele aponta para o retrato do ditador que está uma vez ampliado na parede e está outra vez sobre a escrivaninha, reduzido. Ele aponta para o pequeno retrato em pé. Mas ambos os retratos olham um para o outro, a pupila no olho. Entre a parede e a mesa, diante da cortina branca, o retrato pendurado encontra o retrato

em pé. Todos que vêm de SUA região, diz o diretor, têm uma vontade férrea.

Ele está se referindo ao sul, onde o Danúbio corta o país. Onde a planície é baixa, os verões esturricam entre o milho crescendo duro feito pedra, os invernos congelam entre o milho esquecido duro feito pedra. Onde travesseiros de cardos murchos são levados pela água. Onde as pessoas contam os travesseiros de cardos e sabem que todos que são baleados durante a fuga têm por três dias um travesseiro sobre as ondas e por três noites um brilho sob as ondas, como velas. As pessoas no sul conhecem o número dos mortos. Elas não conhecem os nomes dos mortos nem seus rostos.

Escreva uma advertência, diz o diretor. Os rolamentos estão a caminho, diz Mara. Ele agita o pescoço na camisa, seu colarinho pinica. Às vezes, diz o diretor, batem à porta. Não forte, mal escuto. E, quando abro a porta, não há ninguém se eu não olhar rapidamente para baixo. O supervisor mandou o anão falar comigo, o anão segura uma folha de papel e não diz nada. E vai embora ainda antes que eu consiga falar alguma coisa. E o anão se vai. E eu não o chamo de volta, pois me esqueci de seu nome. Afinal, não posso chamar: Ei, anão. Mara dá um sorriso débil, Mara, você tem pernas bonitas, diz ele. O gerânio balança. Ele se ajoelha sobre o tapete. Sua voz é grave debaixo da saia de Mara. As mãos dele são duras. As coxas dela são quentes. Os dentes dele estão alinhados um a um e molhados e pontudos sobre a coxa direita dela. E o retrato sobre a mesa, a pupila do olho, observa. E perde o foco. Ou é a traça no ar, a uma mão de distância dos olhos de Mara. Ai, isso dói, camarada diretor, ela diz.

O diretor vai toda semana até o portão, disse a zeladora para Clara. Ele não vem à portaria, ele não passa pela soleira. Ele só mete a cabeça porta adentro e logo a recolhe novamente. Ele olha para o arame e pergunta, qual é o nome do anão? O zelador também olha para o arame porque os olhos do diretor atraem os seus e porque o zelador acha que o diretor está com a cabeça inteira nesse arame. Pois quem olha para esse arame olha com a cabeça inteira, não escuta mais. Exceto o zelador e eu, disse a zeladora, ambos olhamos para o arame e não o vemos mais. O zelador diz a cada vez: camarada diretor, o anão se chama CONSTANTIN. Ele fala tão alto que eu escuto, mesmo que o zelador e o diretor estejam no pátio, disse a zeladora. E a cada vez que está no pátio, uma traça sai voando do colarinho do diretor. E o diretor diz a cada vez, quero guardar o nome, mas logo o esqueço. Lembro-me de tudo, mas me esqueço logo do nome do anão. Em seguida, o zelador diz, o anão é o diabo, senão não seria anão. Quando jovem, o diretor dirigiu uma fábrica de chapéus, ficava atrás dos Cárpatos, disse a zeladora. É de lá que vêm as traças. Desde então, ele dirigiu a companhia de água e esgotos no sul e a companhia de desenvolvimento da habitação aqui na cidade. Mas ele não se livra mais das traças da fábrica de chapéus. O diretor tira um pedaço de papel do bolso e uma caneta. Ele anota o nome. Ele escreve o nome com letras grandes sobre todo o papel,

que está sobre sua mão, disse a zeladora. Quando o diretor guarda o papel e a caneta, ele diz, agora eu sei. E a traça avança voando pátio adentro e se perde em meio ao arame. E uma semana mais tarde o diretor mete novamente a cabeça porta adentro e pergunta de novo, qual é o nome do anão?, quero guardar o seu nome, mas eu o esqueço logo. E ele tira o mesmo papel do mesmo bolso e a mesma traça sai voando de seu colarinho e ele anota o mesmo nome mais uma vez. E a traça avança voando pátio adentro, no meio do arame.

Certa vez o diretor me falou, disse a zeladora, acontece com o papel o mesmo que com o nome do anão, ele se perde sozinho.

Todos na fábrica sabem qual é o nome do anão porque o nome não combina com ele, diz a zeladora. Apenas o diretor não sabe. A cada vez ele se espanta que o anão se chame CONSTANTIN, e a cada vez ele diz que o nome não combina com o anão. Por isso sei que o nome CONSTANTIN não combina com o anão, não tinha percebido antes. O diretor percebe isso todas as vezes, ela disse. O diretor deveria se lembrar do nome porque percebeu que o nome CONSTANTIN não combina com o anão.

Meu filho também se chama CONSTANTIN, disse a zeladora a Clara, mas eu nunca ligaria o nome do meu filho ao nome de um anão, porque meu filho não é anão. E porque o mesmo nome num anão deixa de ser o mesmo nome. Proibi meu filho de me procurar na fábrica, disse a zeladora. Nunca deixarei meu filho entrar nesse arame. Pois eu sei que, na primeira vez em que meu filho olhar para esse arame, ele não vai mais me obedecer. Nunca vou deixar meu filho se empregar nesta fábrica, ela disse, nem um único dia.

O diretor se ajoelha sobre o tapete diante dos joelhos fugidios de Mara. Ele enxerga as pernas da mesa de reunião. Ele respira mais profundamente do que seus pulmões, ele atropela sua respiração. Nessa hora, sente sua testa tão salgada e molhada como se a boca aparecesse duas vezes no rosto, e da segunda vez quente e perdida, onde a testa alcança o cabelo.

A gata tigrada está sentada sob a mesa de reunião. Ela tem um rosto de pelúcia, boceja. O sono lhe escorre pelas listras escuras, pelas costas, pela barriga, até as patas. Seu nariz é preto do óleo de máquina, achatado e velho. Mas seus dentes são afiados, brancos e jovens. E seus olhos são alertas no rosto de pelúcia de listras finas. Há uma imagem nos seus olhos, as coxas de Mara até o joelho. Do lado de dentro da coxa, grande como uma boca, aparece uma mordida.

O diretor se levanta. A traça está sobre o encosto da cadeira. O diretor fica diante do espelho. Ele não sabe o motivo, mas se penitência.

No galpão, sobre o chão gorduroso, há um operário deitado. Seus olhos estão semicerrados, as pupilas escorregaram para a testa. Ao lado da prensa há uma poça de

sangue. Ela não escorre, o óleo a absorve. A gata tigrada cheira a poça. Seus bigodes tremem e ela não lambe. Debaixo da manga gordurosa do operário surge um punho sem mão. A mão está dentro da prensa. O supervisor amarra a manga com um pano sujo.

O anão segura a cabeça do acidentado. A cabeça está quente e inconsciente em suas mãos. E o anão não movimenta as mãos. Pois o cabelo da cabeça parece morto, e debaixo do cabelo, a nuca, e debaixo do crânio, o cérebro. Debaixo das pupilas reviradas, o globo ocular entre as pálpebras se parece como a borda de uma xícara branca. Debaixo dos olhos há uma ruga. E o anão observa a ruga durante tanto tempo até ela dividir o rosto inconsciente. E o rosto da gata e o seu próprio rosto. Pois aquilo que é sentido como morto em suas mãos lhe sobe à garganta quando não o movimenta. A gata fareja suas mãos, depois o queixo inerte. As extremidades dos bigodes da gata estão vermelhas. Seus olhos, porém, permanecem tranquilos e grandes, não espatifam a imagem da coxa de Mara e a mordida do tamanho da boca.

Em seguida, alguém diz, o diretor está chegando. Em seguida, chegam Grigore e um homem. E o homem pergunta o nome do acidentado. E ninguém conhece o estranho; as mãos dele são limpas e ele não trabalha na fábrica. E o supervisor diz CRIZU.

E o estranho enxota a gata com um chute e Grigore enxota o anão aos gritos. E o anão mete as mãos vazias nos bolsos. Fica parado lá onde o acidentado estava deitado, no meio do seu próprio caminho, e olha. E os outros operários ficam em volta. E ficam no meio do caminho de Grigore e do estranho e olham. Em seguida, Grigore e o estranho carregam o inconsciente até o final do galpão, para o vestiário. Seu corpo está mole e pesado. E seu avental está pendurado, semiaberto e estufado para baixo.

Em seguida, o diretor chega ao galpão pela porta aberta, anda em linha reta pelo chão escorregadio, como sobre uma corda, até o vestiário. Enquanto anda, grita, não fiquem parados, voltem ao trabalho. E uma traça sai voando de seu colarinho. Voa e se perde nas janelas, onde as acácias seguram a luz porque em seus troncos, embaixo, já nascem galhos finos e folhas erráticas. E o diretor tranca por dentro a porta do vestiário.

E o estranho segura a cabeça do acidentado. E Grigore abre-lhe a boca. E o diretor pega do casaco uma garrafa que é chata e cabe em sua mão e entorna aguardente na boca aberta. E ele lava as mãos e aperta a maçaneta e abre a porta do vestiário com o pé. O diretor sai do galpão com o estranho pelo caminho gosmento mais curto, até o pátio, junto ao arame.

Grigore caminha atrás dele. E fica parado na porta e chuta o anão. E diz, voltando ao galpão, Crizu está bêbado desde hoje cedo, Crizu está bêbado no trabalho.

O anão se encosta na porta e olha para o arame e come uma pera. Seus olhos estão vazios, sua cabeça é grande. Sua boca diz baixo, Crizu não bebe. E o sumo pinga de sua boca. E o sol enrola uma nuvem transparente ao redor da própria barriga. O anão morde fundo na pera e mastiga. Mastiga a casca, a parte carnuda, as sementes. Seus dedos estão grudentos; os sapatos, salpicados. Suas bochechas estão cheias de pera mastigada. Cheias até debaixo dos olhos.

Não importa, não importa, diz alguém em voz alta no galpão. Carrega sua cabeça ao longo da janela e diz, não dá para fazer nada.

Aquele que diz isso carrega a desgraça pendurada na boca, assim como as folhas estão penduradas na árvore diante da janela. Verdes no verão ou amarelas no outono, a desgraça é um galho em seu rosto. A cor existe, apenas as folhas é que não. Pois a desgraça é nua, sempre pelada, como a madeira de inverno mais tarde do lado de fora. Tem de afastar a vida nua do olho. Tem de afastar o falatório nu da boca antes de um pensamento aparecer na cabeça. Tem de fazer silêncio e não se queixar. E o anão tem de comer e não engolir. E Crizu tem de engolir e ele não bebe.

Mas quando o médico chega, quando sente o cheiro do álcool, Crizu já perdeu seu direito, inconsciente e bêbado.

Em seguida, um bando de pardais passa flamejando feito um guarda-chuva pelo pátio. Um pássaro se solta e se senta sobre o arame e depois no chão. Ele salta até suas penas se dividirem por igual e suas asas serem somente penas. Em seguida, o pássaro atravessa a porta até o galpão. E atravessa o galpão em linha reta sobre o chão escorregadio, como sobre uma corda. Os operários observam-no. E ninguém diz nada.

Apenas o supervisor está ao lado da prensa e se agacha. Ele olha para outro silêncio, ele procura a mão esmagalhada.

E o anão está em pé sobre uma telha quebrada no pátio e mastiga uma pera no vazio.

Anca guarda todos os lápis na lata vazia de Coca-Cola. Ela tira o pó da lata vazia de cerveja. E Maria guarda todas as esferográficas na lata vazia de cerveja. E Eva rega a trepadeira de manchas brancas e pendura suas folhas de manchas brancas ao redor da moldura da foto na parede. A foto mostra uma papoula florida. E David pega um lápis da lata de Coca-Cola. E Anca diz que a trepadeira de manchas brancas se chama LÍNGUA DE SOGRA. E David abre a revista com as palavras cruzadas. E Clara pouso o pequeno pincel sobre a escrevinha e assopra as unhas recém-pintadas. E David diz, sensação depois de comer com quatro letras. E Anca diz ÜBEL [indisposição]. E Eva diz VOLL [cheio]. E Mara diz SATT [satisfeito].

Em seguida a porta se abre e Grigore está na sala. E pela terceira vez Mara põe a perna sobre a cadeira e ergue a saia e mostra a coxa também para Grigore. E Grigore

toca o joelho de Mara e olha o pescoço dela, lá onde a correntinha de ouro de Mara está balançando. Um dia maluco, diz Mara, o diretor me mordeu.

*Rosto sem rosto
frente de areia
voz sem voz
O que resta?
Resta tempo*

Paul só enxerga olhos no auditório. A luz está apagada e todos os olhos são iguais. E um pouco mais de cem olhos são de policiais.

*Tempo sem tempo
O que se pode mudar?*

As cabeças que se movem no ritmo da música distinguem-se das cabeças alertas. Elas movimentam mãos e, nas mãos, lanternas acesas. Elas iluminam as cabeças dos cantantes. Também fixam os rostos que passam da cantoria ao berro. Anna está sentada na primeira fila e vê os círculos das lanternas na parede.

*O que poderia trocar com vocês?
Dos meus irmãos, um
por um cigarro*

A porta lateral se abre por dentro e, vindo do saguão, um facho de luz corta a sala. Cães latem.

*Fiquei maluco
estou apaixonado*

*ela me ama
meu amor é estúpido
porque ela, apesar de tudo,
não me ama de verdade*

E um homem com as costas arqueadas é puxado para fora e levado embora pelo facho de luz.

*Tenho só uma ideia
O que posso vender a vocês?
O casaco estropiado
tem só um botão*

Um cantor se vira e olha para Paul. Paul olha para Sorin. Ele ergue a baqueta e toca o braço de Abi.

*A noite tece
um saco de escuridão*

A porta lateral se abre do lado de fora e cabeças com quepes azuis estão sob o facho de luz. Adina está sentada no meio do auditório. Enxerga debaixo dos quepes as orelhas em riste.

*Gnuma taciturna
um trem de carga apita na estação*

Essas orelhas perscrutam o auditório, os cães latem. A boca de Paul canta, seu crânio está elétrico e os dedos de seus pés também. As lanternas brilham. Em seguida, todas as portas são escancaradas, os sapatos batem. O palco fica escuro e o auditório clareia. E os rostos que gritavam estão sob a luz, nus. Os policiais, os cachorros e um homem de terno estão no auditório. Os dedos das mãos de Paul puxam as cordas, a guitarra está muda. As baquetas de Sorin não têm som. Em seguida, o homem de terno está ao seu lado no palco, ergue as mãos e grita, chega, o show acabou, saiam do auditório com calma.

Os cantores e Paul e Abi e Sorin cantam e não se escutam mais uns aos outros. Pois a canção ficou opaca, exalou medo, tão grande feito a boca e o olhar. Tão grande feito o auditório. Lá embaixo, sob a luz, os policiais empurram, chutam e espancam os cantantes porta afora.

*criança pequena sem os pais
sapato descalço sobre o asfalto*

Os cassetetes de borracha procuram, ao acaso, costas, cabeças, pernas. Revólveres e pistolas automáticas estão embainhados em cintos de couro. Adina está encostada na parede. As filas de cadeiras estão vazias. Os policiais se fartaram de bater, os cachorros se fartaram de latir. Apenas os sapatos dos policiais fazem barulho. Eles se aproximam da saída. Anna está sentada entre cadeiras vazias na primeira fila. E os cachorros de pernas longas, perdidas, seguem os sapatos.

O homem de terno está no palco. Amanhã às oito na sala 2, diz ele. Paul olha e diz, entendido. Abi pergunta por quê. Sorin está puxando um cabo. Adina está ao lado de Sorin e observa o cabo aninhar-se na dobra do braço dele. Anna está sentada na beirada do palco, segurando-se com as duas mãos e olhando para o vazio. E o homem de terno diz, as perguntas fazemos nós. E Paul diz, trabalho no turno da noite. E o homem de terno salta para baixo do palco ao lado das escadas, caminha pelo auditório e grita, venha em seguida. E bate a porta atrás de si. E Anna beija Paul. Paul diz, vá para casa, amanhã venho te ver.

Ela pressiona a boca. Olha para o chão e esfrega o sapato. Paul diz, venho depois do interrogatório, sem falta.

Anna passa por Adina e seu semblante é vazio. Apenas um rosto fino. E as maçãs de seu rosto estão desfiguradas de ciúmes, por saber que Adina viveu três anos com Paul. Seus braços estão impotentes, por isso ela tem de entrelaçar os dedos a fim de conseguir andar. Por isso ela tem de erguer as pernas alto demais a cada passo nas escadas. Em seguida, ela se arrasta lentamente entre as cadeiras vazias para dentro do auditório. Por isso seus passos não enganam e mostram que Anna está levando embora seu rosto antes que ele seja descartado entre Adina e Paul. Adina escuta os passos no auditório e, no rosto de Paul, observa como o olhar de despedida se desgarrava novamente. Sem olhar para trás, Anna sai do auditório por uma porta lateral.

A garrafa de aguardente passa de mão em mão. As vozes se enovelam. Uma bela noite. Num belo país. Todos podemos nos enforcar. Morrer no coletivo é proibido. Quando estivermos mortos, deixaremos o auditório com calma. Eu assino os atestados de óbito, diz Paul. Sorin ergue a garrafa até a boca, diz ao gargalo da garrafa, à aguardente que está batendo contra seus dentes, para mim, por favor, meu diagnóstico preferido, OTITEMÉDIAAGUDA.

Paul desce as escadas, Adina salta do palco ao lado da escada. No auditório, entre as cadeiras vazias, ele percorre o mesmo caminho que Anna. Adina o segue.

Ela sente as costelas dele, sua jaqueta é fina. A rua tão escura que apenas o céu faz barulho porque não se vê as árvores. Sem carros, sem gente. O asfalto é frio e as solas

dos sapatos, finas. O pescoço dela passa frio, mas o caminho existe, os sapatos batem. E as batidas se esgueiram até o rosto. O estádio fica ao lado da maçã do rosto de Paul. Quietos e altos. Uma montanha, como se lá, onde de noite a lua caminha, uma bola nunca pudesse voar de dia.

O hospital fecha o caminho com sua altura e comprimento escuros. Algumas janelas estão acesas, mas estão acesas para si, não lançam o brilho para a noite.

Olhe para isso, diz Paul. Um dia contei as janelas, cento e cinquenta e quatro. No verão, quatro se jogaram pela janela, não tem importância, não tem importância. Se não se jogarem, eles morrem na cama. Lá não se trata de uma canção, há meses não temos algodão, ataduras, usamos os restos de uma fábrica de meias.

Paul beija Adina, ele fica pendurado em sua boca. As mãos dele estão quentes, ela fecha os olhos e sente na barriga o membro duro. Ela tira a boca, pressiona a testa contra o pescoço dele. Fica parada com os sapatos entre os sapatos dele, no meio do cruzamento, onde de dia as ruas se cortam. O colarinho da camisa dele estala no ouvido dela. Mas os ouvidos dela estão longe da cabeça, estão lá atrás, onde os cães latem. E seus olhos estão lá em cima, onde a lua anda à procura de buracos nas nuvens.

Vá agora, diz Adina.

Em seguida, ela atravessa a rua com passos pequenos sobre o asfalto, mas não há nada. Apenas o estalar dos sapatos permanece denso e a testa quente, para que o caminho se sustente. No meio-fio ela vira a cabeça. Paul não se mexeu, está parado feito uma sombra. A mancha branca é sua cabeça. Paul está no cruzamento, olhando para ela.

Paul vai em direção às janelas iluminadas. O vento ergue seu cabelo, há um cheiro de terra molhada e grama recém-cortada.

Há uma floresta atrás do hospital. Não é floresta. Um viveiro, deixado à mercê do mato. Mais velho do que os fogões dos conjuntos residenciais na periferia da cidade, mais velho do que o hospital. Ainda é possível reconhecer as fileiras bem embaixo junto às raízes, junto aos poucos galhos retos. Mas, para o alto, agulhas e folhas se entrecruzam. Modificam-se diariamente. O que permaneceu igual durante os anos foi que árvore nenhuma combina com outra, que atrás do hospital cresce um matagal que não suporta qualquer rosto. Que os doentes dos andares do alto são os que mais claramente enxergam o matagal e são perturbados. Paul sabe que os doentes passam horas observando esse matagal com seu binóculo. E se tornam monossilábicos como guardas-florestais.

Essa observação começou com um guarda-florestal doente dos Cárpatos ocidentais e não parou mais. O guarda-florestal ficava no décimo andar. Um guarda-florestal da mesma floresta veio visitá-lo e lhe trouxe o binóculo. Para matar o tempo, ele disse. O guarda-florestal doente passou dias olhando a floresta com os homens do décimo andar. Até morrer. Quando o guarda-florestal da mesma floresta veio com a viúva e um

caixão, ele levou a dentadura do morto, seus óculos, uma tesourinha de unhas e seu chapéu. Ele deixou o binóculo para os homens do hospital. E, aos poucos, todos os homens se tornam guardas-florestais doentes, cada vez mais, descendo até o terceiro andar, porque estão ligados a esse binóculo. Há listas que relacionam o décimo com o terceiro andar. Nas listas estão nomes, dias e horários. Elas mostram quando e por quanto tempo cada doente pode olhar a floresta com o binóculo.

Certa vez, Paul olhou a floresta com o binóculo. Ele queria saber o que os guardas-florestais doentes enxergavam. Ele conhece a floresta porque muitas vezes passeia entre essas árvores depois do trabalho. Mesmo assim, a imensa bola de agulhas e folhas atrás do binóculo assustou Paul. Também a folhagem desganhada que toma conta de tudo. Os galhos, que há muito reconheceram sua maneira de crescer. Pois o mato expulsa aquilo que se mantém dócil, corta-lhe a luz no alto e no chão. E os gramados atrás do binóculo ficam mais próximos do que quando o pé está dentro deles.

Os guardas-florestais doentes dizem que também se vê cachorros e gatos. E homens com mulheres, que copulam no meio do dia em locais escuros ou nas clareiras na semiescuridão da noite. E, pela manhã, crianças escondendo-se de outras crianças. E outras amassam folhas de grama. E, quando ninguém as procura, se esquecem do esconde-esconde.

Paul escuta essas crianças porque elas passam por cima das três fiadas de arame farpado para dentro do pátio dos fundos do hospital, até a ambulância enferrujada, sem janelas, à procura da dor.

Há uma grossa camada de poeira sobre o para-brisa.

O cotovelo dele está sobre o cabelo dela. A boca dele ofega, a barriga estoca. Ela apoia o rosto contra o encosto. Ela escuta o tique-taque do relógio no pulso. O tique-taque cheira a caminhos apressados, pausas para almoço e gasolina. A cueca está no chão, a calça sobre o volante. Atrás do vidro, pés de milho estão curvados na frente do rosto dela. A calcinha está debaixo do sapato dele.

O cabelo das espigas de milho está repicado e ressecado. As folhas do milho farfalham secas, os pés de milho batem uns contra os outros, duros. Entre as pontas, cresce um céu incolor.

Ela fecha os olhos. O céu incolor sobre o milharal deságua sobre sua testa.

Ouve-se um barulho do lado de fora.

Ela abre os olhos. Uma bicicleta encosta num pé de milho no campo. Um homem carrega um saco nos ombros até a bicicleta. Está vindo alguém, ela diz.

Os pés de milho batem na cabeça do homem que caminha.

A calcinha de Clara está com uma marca de um solado ripado. Ela veste a calcinha. Ele não vai chegar até aqui, diz Pavel, ele roubou milho. Clara consulta o relógio. O homem empurra a bicicleta por entre os pés secos.

Tenho de voltar para a fábrica, diz Clara. Pavel puxa sua calça do volante, sementes de girassol caem do bolso sobre seu joelho nu, por quanto tempo você pode ficar fora do tribunal?, pergunta Clara.

O carro zumbe, está cinza, envolto pela poeira. Não trabalho no tribunal, diz Pavel. O vestido de Clara está amassado, as costas, suadas. Você é advogado?, pergunta Clara. Sim, ele diz, mas não no tribunal. O céu se alarga, pois o milho busca a amplidão, corre na direção oposta. Continua uma plantação baixa, farfalhante, que vai até o horizonte. Eu vi você num outro carro, diz Clara. Ele olha para fora, onde?, ele pergunta. Ela enxerga as sementes de girassol entre os sapatos dele, na catedral, na rua ao lado do parque. Pavel gira a direção com tanta suavidade como se suas mãos não estivessem fazendo nada. Carros pretos há em todas as fábricas, ele diz. Ela observa o ponteiro de segundos pulando no relógio, mas você não é de nenhuma fábrica.

Ele fica em silêncio e dá de ombros. E Clara fica em silêncio e olha para fora.

Lá há um canto onde o céu impede a vista. Lá um cansaço límpido espera e se ergue todos os dias até a cidade. Nos intervalos de almoço e nas tardes vazias da fábrica. Cansaço que cerra os olhos entre arame e ferrugem. Que bate no pescoço, porque a mão do zelador revira a bolsa. Cansaço que coloca frente a frente no bonde, entre os pontos de parada, rostos iguais, envelhecidos. Cansaço que entra na própria casa com o olhar na frente, diante da própria cabeça. E que permanece na casa até que um dia se encerre entre janela e porta.

E se eu imaginar o pior?, pergunta Clara e olha para a testa dele.

A pinta de Pavel anda diante do para-brisa, é preta como os montinhos recém-escavados de toupeiras na grama, ao lado da janela.

O carro procura pelos buracos do caminho. Pavel puxa sua gravata de bolinhas vermelhas e azuis. Há um fio de cabelo pendurado no colarinho da sua camisa. É um cabelo dela. Ela o retira com a ponta dos dedos. Pavel aperta o pescoço contra a mão dela e pergunta, o que é? Ela diz, nada, um fio de cabelo. O que você vai dizer para sua mulher? A alameda de álamos sobe voando na beira do caminho. Ele diz, nada. Quantos anos tem sua filha? Ele diz, oito. Os álamos soltam folhas amarelas de ambos os lados. Os dedos de Clara se tornam inseguros e deixam o cabelo cair.

Sei o que eu sei, diz Pavel.

Uma gralha está sentada na grama e brilha.

Há uma escada de incêndio ao lado do quarto com o sistema de alto-falantes. Ela conduz ao sótão. Os degraus são estreitos e de ferro. Clara sobe a escada atrás dos calcanhares de Eva. Mara, Anca e Maria já estão lá em cima. A pequena janela não está fechada, apenas encostada. Eva abre a janela, empurrando-a. Lá embaixo, no pátio, do outro lado, há três escadas e uma porta aberta. E no corredor, logo atrás da porta, ficam à esquerda o vestiário e à direita as duchas dos homens.

O cabelo de Mara está diante do rosto de Eva. Anca pressiona o ombro nas costas de Maria, Clara sente a fivela de cabelo de Maria na sua orelha.

Os homens de avental sobem todos os dias as escadas, entram no corredor e pegam a porta esquerda. Depois de um tempo, eles saem nus da porta esquerda, atravessam o corredor e vão tomar ducha na porta direita. A água quente enche o corredor de vapor. Mas de maio até setembro, quando o sol do fim de tarde cai do outro lado do pátio da fábrica, inclinado sobre o arame, a luz fica sobre as escadas e ilumina o corredor. A claridade é tanta que atravessa o vapor, que dá para ver os homens nus caminhando de uma porta à outra.

Os homens nus entortam os pés, pisam hesitantes com dedos nodosos, o chão de cimento está sempre molhado e frio e escorregadio. Eles têm barrigas gordas e costas

esquálidas, encolhem os ombros. Suas barrigas são peludas, as coxas, finas. Os pelos púbicos, um nó grosso. Da janela do sótão não dá para ver seus testículos. Só o membro balançante.

Os loiros têm paus tão brancos, diz Mara. Eva encosta nas suas costas e diz, todos os moldávios têm paus brancos. Não, diz Maria, o velho Georg não. Ainda não vi o dele, diz Clara. O cabelo dela está sobre o olho, ela o põe para trás e há cabelo de milho em sua mão. Eva diz, Georg subiu as escadas antes, virá logo. Mara ergue o rosto sobre o cabelo de Eva. Os olhos dela são grandes. Clara solta o cabelo de milho.

O anão, diz Maria, meu Deus, o anão tem o maior. O menor dos homens tem o maior cajado.

Clara fica na ponta dos pés.

Uma mulher está na janela em frente regando as petúnias. Ela não é mais jovem e ainda não é velha, Paul disse já há anos. Naquele tempo, ela tinha cabelo castanho-avermelhado, de cachos largos, naquele tempo, quando Paul ainda morava com Adina. E naquele tempo o vidro da janela já estava rachado, torto. Passaram-se cinco anos, eles não alteraram o rosto da mulher. O cabelo não ficou mais liso, não ficou mais opaco. E as petúnias-brancas mudam todos os anos, mesmo assim são as mesmas.

Naquele tempo as petúnias-brancas já estavam penduradas para baixo, naquele tempo a mulher já não via nada além dos caules tortos. Ela não via os funis brancos.

Quando alguém levantava a cabeça embaixo, na rua, elas já estavam penduradas tão no alto, entre todas as janelas, de modo que quem não soubesse que as pequenas manchas brancas eram petúnias enxergava meias de crianças ou lenços esvoaçados pelo vento do verão até o outono.

Adina está sobre a pele de raposa diante do armário semiaberto. Ela procura a saia cinza de pano. As saias leves de verão estão penduradas para fora, as saias de inverno para dentro, sobre o cabide. Quando o calor e o frio se trocam entre si, as roupas trocam de posição no armário. Nessa hora Adina percebe há quanto tempo Ilje está fora. As roupas dele não trocam de nenhum cabide, de nenhuma gaveta, de nenhuma prateleira. Ficam lá como se ele não vivesse. Seu retrato está na parede, ele com os pés na grama. Mas a grama não lhe pertence e os sapatos não lhe pertencem. Nem a calça, a jaqueta, o quepe.

Certo dia, há dois verões, uma voz chamou lá de baixo, alto, pelo nome de Adina. Adina foi até a janela. Ilje estava bem próximo do lado das petúnias do outro bloco de apartamentos. Ele ergueu a cabeça e perguntou: para quem estão florindo? E Adina gritou: para si mesmas.

Adina veste a saia cinza. Seu pé escorrega no pelo da raposa. O rabo da raposa se afasta da pele. Rasgou debaixo do seu sapato, lá onde a faixa de pelo fica clara e fina nas

costas. Ela arruma a raposa com os pelos para baixo, olha o verso, uma textura tão branca e enrugada feito massa velha. Os pelos em cima e a pele embaixo são mais quentes do que o chão e mais quentes do que suas mãos.

Apodrecida, embolorada, pensa Adina. Empurra o rabo de raposa até a pele, até ficar parecendo como se tivesse grudado de novo; da moldura do retrato, Ilije olha para as mãos dela com as roupas que não são dele, com os olhos que não são dele. Ele está segurando uma folha de grama na boca.

Apodrecer, embolorar é molhado, pensa Adina, uma pele seca assim esturrica como uma folha de grama. Nesse retrato, a folha de grama é a única coisa que pertence a Ilije. A folha de grama envelhece seu rosto. Adina vai à cozinha. A mulher rega as petúnias-brancas até diante da janela da cozinha.

Elas se abrem pela manhã, quando chega a luz, e se fecham à noite, quando acinzentam. Abrem e fecham os funis todos os dias, dão mais de uma volta em outubro. Elas têm um mecanismo de relógio como o escuro e o claro.

Sobre a mesa da cozinha há uma faca, cascas de marmelo e meio marmelo. O corte secou ao ar como a parte de baixo da pele da raposa, mas tão marrom como o pelo da raposa. Uma barata está comendo da cobra de casca de marmelo.

Seria preciso segurar um marmelo e uma faca, descascar uma cobra de casca de marmelo, pensa Adina, comer um marmelo descascado que pressiona a gengiva. Seria preciso morder, mastigar, engolir e fechar os olhos até que o marmelo da mão chegasse ao estômago.

Adina põe as mãos sobre a mesa da cozinha e o rosto nas mãos. Ela prende a respiração.

Seria preciso pensar que nunca deixamos meio marmelo sobrando, porque ele resseca feito uma pele, esturrica feito uma folha de grama. Depois de comer um marmelo inteiro, quando ele saiu da mão e chegou ao estômago, diz Adina com as mãos sobre a mesa, seria preciso abrir os olhos e ser outra.

Uma que nunca come marmelos.

O gravador está ligado. Uma voz grave fala do alto-falante sobre a escrivadinha, KASCHOLI, como se fala isso? KARACZOLNY, diz uma voz pouco audível. Ou seja, húngaro, diz a voz grave, isso significa alguma coisa em húngaro? Natal, diz a voz pouco audível. A voz grave ri.

Pavel folheia uma pasta, segura torto uma foto sob a luz e ri. Ele ri por mais tempo e mais alto do que a voz grave.

Primeiro nome, diz a voz grave. ALBERT, diz a voz pouco audível. E ABI?, pergunta a voz grave. A voz pouco audível diz, é como meus amigos me chamam. E o seu pai?, diz a voz grave. Ele também me chamava de ABI, ele não é mais vivo, diz a voz pouco audível. E a voz grave fica como a voz menos audível e diz, ah, certo. Quando ele morreu? E a voz pouco audível fica como a voz grave e diz, o senhor sabe exatamente. A voz grave diz, como assim? E a voz pouco audível diz, porque o senhor está perguntando. Ao contrário, diz a voz grave, não perguntamos o que sabemos. Um isqueiro estala no alto-falante. Naquela época eu ainda estava no jardim de infância, diz a voz grave, como o senhor. Seu pai também se chamava ALBERT, como o senhor. O senhor ainda se lembra de seu pai? Não, diz a voz pouco audível. O senhor disse que seu pai o chamava de ABI, diz a voz grave, e depois disse que não se lembrava mais dele. Isso é uma contradição. Não é contradição, diz a voz pouco audível, minha mãe me chama de ABI. O que o senhor quer de mim?

E bem no começo o senhor disse que seus amigos o chamam de ABI, diz a voz grave. Isso também é uma contradição. Veja, KASCHOLI, o sobrenome, eu não sei falá-lo. A voz grave se torna parecida com a voz pouco audível. Veja, ALBERT, diz ela, as contradições se relacionam. Ou será que eu posso chamá-lo de ABI, como os seus amigos?, diz a voz grave. Não, diz a voz pouco audível. Isso deu para escutar bem, diz a voz grave. O que o senhor quer de mim?, diz a voz pouco audível.

Pavel segura uma foto sob a luz da lâmpada. Ela é velha, não brilha, apenas alguns feixes de luz riscam o céu, onde tudo está vazio. Pois onde ele termina há uma parede e encostado nela há um homem de rosto emaciado e orelhas grandes. Pavel anota uma data no verso da foto.

A voz grave tosse. Papel estala no alto-falante. Como aqui, diz a voz grave, e fica parecida com a voz pouco audível: fiquei maluco, estou apaixonado e ela me ama, meu amor é estúpido porque ela, apesar de tudo, não me ama de verdade. Isso também é uma contradição e as contradições se relacionam. Isso é uma canção, diz a voz pouco audível em alto e bom som.

Pavel consulta o relógio, guarda a foto na pasta, com o rosto para baixo. Ele desliga o alto-falante e fecha a gaveta. Tira o fone de ouvido, diante da janela há um álamo. Ele olha para fora, seus olhos são pequenos, seu olhar, tão molhado quanto o álamo. Seu olhar atravessa os galhos do álamo sem enxergá-los. Ele discar um número e o disco gira duas vezes, assim não é possível, ele diz, são quatro horas.

Ele fica em silêncio e olha para o álamo, o vento sopra, as folhas estão molhadas, seu isqueiro estala. O cigarro arde em brasa. Ele assopra a fumaça diante de si e bate a porta.

Escreva, diz a voz. Os olhos na testa são castanho-claros. Eles giram e se tornam escuros. E a pasta sobre a qual está o papel que os olhos leem tem a grossura de um dedo. E, do lado de fora, o vento sopra no álamo. A boca se move entre o telefone e a luminária da escrivaninha. E os olhos de Abi ficam presos no vidro da janela, e lá fora chove, não dá para ver a chuva caindo sobre o álamo, é como se o álamo não fosse nada. Apenas quando a chuva goteja das folhas é que se enxerga as bolinhas d'água caindo. Abi aperta os dedos na esferográfica. E no alto, no teto, uma lâmpada nua brilha tanto que os fios de luz não param quietos. Abi olha para o tampo frio da mesa. A esferográfica não é dele e a folha em branco não é dele. A voz grita e tropeça assim como os fios de luz não param quietos. Debaixo da voz, na dobra do queixo, há um pequeno ferimento de corte. Tem alguns dias.

A porta se abre devagar. Os olhos ao lado da lâmpada estão semicerrados. Eles não erguem o olhar, eles sabem quem vem.

Por trás do canto da mesa, Abi levanta os olhos da folha em branco e não tira a esferográfica da mão. O homem da gravata de bolinhas vermelhas e azuis chega até a mesa, estica a mão e olha para a folha em branco. E Abi enxerga uma pinta entre o colarinho e a orelha, estica a mão com a esferográfica entre os dedos. E o homem diz: PAVEL MURGU e aperta a mão de Abi com a esferográfica.

Rosto sem rosto, então ele perdeu seu rosto, diz o corte, ergue a mão até a testa. Testa de arcaia, ou seja, cabeça sem razão. Voz sem voz, ou seja, ninguém escuta, ela diz. A pinta está sentada ao lado do corte e olha para fora através do vidro.

Talvez o homem com a pinta esteja olhando para o álamo, ele pode se dar a esse luxo, ele pode fugir com o pensamento, pensa Abi. Pois os olhos castanho-claros estão arregalados e são duros. Eles brilham e encaram Abi. Os olhos castanho-claros estão sobre seu rosto, que não lhe pertence, nas pontas dos dedos de Abi, em seu rosto, nas breves tomadas de ar que a boca de Abi furta da luz que cega.

É uma contradição alguém morrer e não ter tumulto, pensa Abi, e o fato de ele ter tido de dizer isso, ele pensa. E sua garganta bate e sua boca não se mexe. E é uma contradição ir, como filho de um morto, a uma cidade na qual há uma prisão e procurar em todos que moram aqui algo resistente ou destruído — e só encontrar o comum. Olhos comuns, passos comuns, mãos comuns, bolsos comuns. Nas vitrines, há fotos de casamento comuns, o véu da noiva no parque está disposto sobre a grama como espuma de água. E, ao lado, a camisa branca do terno preto é como neve sobre ardósia. E fotos de formandos comuns com enfermeiras. E é uma contradição que homens e mulheres comuns se encontrem em ruas da cidade e assustem o filho de um morto porque, em vez de COMO VAI?, lhe perguntam COMO VOCÊ VAI LEVANDO A VIDA?

Rosto sem rosto, a quem se refere isso?, pergunta o homem com a pinta.

E é uma contradição, pensa Abi, que os presos — entre fome e açoites, no ritmo da tortura — tivessem de transformar sua culpa em móveis para uma moveleira. E eles próprios não tinham camas, apenas madeira cheia de nós e dedos calejados. E que casais jovens, sabendo disso ou não, comprassem depois do casamento essas cadeiras e cristaleras feitas por essas mãos. E a altura vertiginosa do céu sobre o presídio é uma contradição nessa cidade. E que ela já estivesse lá antes, olhando e verificando que essa cidade está no cixo, no rastro de um raio de sol retíssimo, frio, onde corvos circundam os telhados, devagar e em silêncio.

Não é ninguém, diz Abi, trata-se de uma canção. E o corte pergunta, por que vocês cantam isso, se não é ninguém? Porque é uma canção, diz Abi.

É o presidente do país, diz a pinta. Não, diz Abi.

As paredes estão cheias de tomadas elétricas. Elas têm um focinho. No pé da luminária há números amarelos, um número de inventário.

Então você não está informado, diz a pinta, seu amigo Paul confessou e ele deve saber das coisas. Afinal, foi ele quem escreveu a canção, diz o corte.

Há um número amarelo no canto da escrivaninha e também na porta do armário. Paul não pode ter confessado isso porque não é verdade, diz Abi. A pinta ri e o telefone toca. O corte aperta o fone contra o rosto e diz não, sim, ora, puxa. Bem. A boca sussurra algo à pinta e o rosto da pinta reflete apenas a luz clara e nenhuma emoção.

O corte diz, como você vê, seu amigo Paul não lhe diz tudo.

Escureceu atrás da janela, o álamo sumiu. A lâmpada se reflete, o teto, o armário e a parede, as tomadas elétricas e a porta. Uma sala como meia janela, encolhida e reduzida a vidro. E sem ninguém dentro.

Então escreva quem é, diz a pinta. E o corte diz, se ficarmos satisfeitos, você

poderá sair. E, se não, você vai ficar e refletir, diz a pinta. O corte segura a pasta debaixo do braço. A pinta está junto à porta e sopra fumaça pelo nariz. Dá para refletir melhor a sós, diz o corte. Ele cospe sobre a ponta dos dedos e conta cinco folhas em branco. Os olhos castanho-claros são redondos e estão animados, há papel suficiente, dizem eles.

Gosto da parte da canção de vocês que não se refere a ninguém: a noite costura um saco da escuridão, diz a pinta.

A porta se fecha por fora. As chaves tilintam na porta. O chão se estica sob a luz. A fumaça dos cigarros é sugada até a janela escura. Fora isso, nada se mexe: a escrivadinha vazia está deitada, a cadeira está deitada, o armário está deitado, as folhas em branco estão deitadas. A janela está de pé.

É uma contradição, pensa Abi, que do lado de fora, na rua molhada, essa janela seja apenas uma janela. Que cada dia e cada noite e o mundo se dividam entre aqueles que interrogam e torturam, e aqueles que silenciam e silenciam. E é uma contradição que, no verão, uma criança pergunte pelo pai à mãe, diante da banheira enferrujada na qual crescem gerânios, ao lado da colmeia de abelhas no quintal. E que a mãe erga o braço do filho e dobre os dedos na mãozinha e estique o indicador e o levante. Que ela tire a própria mão e diga: veja, lá em cima. E que o filho erga apenas rapidamente a cabeça e só enxergue o céu, enquanto a mãe olha para os gerânios na banheira. Que o filho meta o indicador esticado nas fendas estreitas da caixa da colmeia até a mãe dizer, pare, você vai acordar a rainha. Que o filho pergunte, por que a rainha está dormindo?, e a mãe diga, porque ela está muito cansada. É uma contradição que uma criança puxe o indicador porque não quer acordar a rainha cansada e pergunte, como ele se chama? E que a mãe diga: ele se chamava ALBERT.

Abi escreve na folha em branco:

KARACZOLNY ALBERT

mãe MAGDA, nascida FURAK

pai KARACZOLNY ALBERT

A mão não se sente. Numa metade do vidro escuro da janela, lê-se sala 2. A lâmpada está acesa. Não há ninguém. Apenas três nomes sobre uma folha.

Pavel abre a porta. Os olhos de uma mulher olham por trás da mesa. Ela está segurando a caneta na mão. Sobre a mesa há uma folha. São três frases curtas, nomes tortos anotados. Vamos ver, diz Pavel, pega a folha e lê.

Suas mãos voam, a cadeira bate. A mulher bate com a cabeça no armário. Os olhos da mulher permanecem imóveis e arregalados. Os cílios inferiores são ralos e estão molhados. Os superiores, fartos e secos e curvados para cima feito grama. A porta se fecha.

O armário está curvo nos globos oculares da mulher. O silêncio é tamanho que os objetos se deitam ao sol. A mulher está deitada no chão, diante do armário. Seu sapato está debaixo da cadeira.

A sala 9 está iluminada numa janela com metade de vidro escuro. Não há ninguém lá.

Pavel abre o portão do jardim. Os troncos das bétulas brilham na grama preta. As chaves tilintam diante da porta da casa. A mulher de Pavel abre a porta por dentro antes de ele girar a chave.

Ela está com cheiro de cozinha, ele beija sua face. Ela carrega a bolsa dele para a cozinha. A testa de sua filha alcança seu cinto, até a ponta da gravata. Pavel a ergue, papai, seu cabelo está molhado, ela diz, e escorrega para baixo.

Pavel abre a bolsa, as fivelas estão frias e gastas. Ele coloca uma embalagem de café Jacobs, um pote de margarina para o café da manhã, um vidro de Nutella ao lado da televisão sobre o armário da cozinha. Um coral de trabalhadores está cantando, ele tira o som. Ele conta e diz doze e deposita doze carteiras de cigarro sobre a geladeira ao lado do cachorro de porcelana branca. O diretor do frigorífico está numa viagem de trabalho, amanhã ele volta, daí vou mandar o porteiro buscar a carne de vitela, ele diz. Ele põe o chocolate ao leite dos Alpes no prato de frutas, sobre as maçãs. Uma maçã rola do prato, Pavel segura-a. A filha estica a mão pelo chocolate. O pai pergunta, como foi na escola? A mãe mexe na panela e diz, nada de chocolate, agora vamos comer. E olha para o pai e leva a colher à boca e diz no olho desfeito da sopa, a escola não melhora por causa do chocolate.

O pai olha para a tela da televisão. Um homem e uma mulher estão diante do coro de trabalhadores. Eles deitam a cabeça para o lado de fora e saltitam, deitam a cabeça para o lado de dentro e saltitam.

Há um mês que estou falando para você, diz a mãe, você precisa ir à escola, você precisa falar com a professora. Todos lhe levam café, diz a filha, só nós que não. E isso acaba aparecendo nas notas, diz a mãe.

Ela sorve o olho de gordura em sua boca. Na tela da televisão, o homem saltita para a esquerda e a mulher saltita para a direita diante do palco. O pai pendura a jaqueta no encosto da cadeira.

Ela não vai receber café, diz o pai, no máximo uma porrada no olho. Se eu for falar com ela, seremos nós que vamos receber café.

Uma gota de sopa cai sobre a mesa. Não era vitela, diz a mãe, há sete anos era vitela. Agora a carne cozinha há horas e não fica macia. Era uma vaca velha. A filha ri, bate com a colher no prato. Um pedaço de salsinha está preso em seu queixo. A mãe empurra uma folha de louro do prato até a borda. Meus sapatos não vão ficar prontos até o Natal, ela diz. Prontos, sim, mas não para mim. Hoje o inspetor da escola foi com a

esposa até a fábrica. Ela levou dois pares. Um par era cinza, embora, no início, ela quisesse um marrom. Depois os pretos não estavam bons, depois quis brancos com fitelas. Os pretos, esses eram meus, de verniz. E eles serviram.

A filha fez um bigode de um pedaço de carne. O pai lambe uma folha de salsinha da ponta do dedo. E o inspetor?, ele pergunta à mãe. Ela está olhando para o bigode da filha, ele contou para todo mundo que está com dois calos, ela disse, um no dedo do meio e outro no dedinho do pé.

Na tela da televisão, o presidente do país passa por um saguão de fábrica. Duas trabalhadoras lhe entregam buquês de cravos. Os trabalhadores aplaudem, seus lábios abrem e fecham no ritmo das mãos. Pavel se escuta dizendo, carros pretos há em todas as fábricas. E escuta Clara dizendo, mas você não trabalha em nenhuma fábrica. Ele estica o braço atrás de si e desliga a televisão.

O diretor da fábrica ficou três horas ajoelhado ao lado da cadeira da esposa do inspetor, diz a mãe. Os olhos dele estavam inchados, a boca, torta e amolecida. Suas mãos eram dois calçadores, passaram três horas enfiando os calcanhares da esposa do inspetor nos sapatos. Ele não conseguia mais esticar os dedos. E entre as provas ele lhe beijava as mãos. Você tinha de ver as panturrilhas dela. O pai puxa uma fibra de carne do dente. A filha está sentada diante da geladeira e remexe a bolsa do pai. Ela joga três gotas gordas de um frasco de perfume na mão. As panturrilhas, diz a mãe, são como as de um porco de abate, sapatos de verniz não ajudam. Ela tinha de usar galochas. Ela cheira a mão da filha, Chanel, diz, segura o cachorro de porcelana branca da geladeira na mão. Depois os trabalhadores imitaram diretor e madame, diz a mãe, arregaçaram a barra das calças até o joelho e caminharam para cá e para lá com os sapatos de salto, mostrando como a madame experimenta sapatos.

Há carne grudada no garfo, os olhos do pai estão cansados. O rosto da filha está sujo de chocolate, ao redor da boca há uma borda feito terra. A filha chora. O pai encosta o rosto nas mãos, sua testa está pesada. Rechearam as pernas das calças com toalhas para se parecerem panturrilhas, subiram nas mesas, puxaram as cortinas sobre o cabelo, ele escuta a mãe dizer. E não escuta. Ele escuta o milharal farfalhar no meio da testa. Ele escuta a voz de Clara dizendo, e se eu pensar no pior.

O diretor abriu a porta de supetão, diz a mãe, todos vão passar por um processo disciplinar, ele disse. Também as mulheres que assistiram e que riram. Eu também. Pavel escuta a risada de Clara no meio da testa. Ele pega a mão da mulher na sua. Ele pressiona a boca contra a orelha dele. O beijo inunda seu pescoço, seu rosto, sua testa. Ele escuta a própria voz dizendo para Clara, eu não trabalho no tribunal.

A orelha de sua mulher está ao lado da boca dele como uma folha jovem enrolada. Eu queria te dar o perfume esta noite, Pavel diz à orelha. E ele não se escuta.

Ele se escuta dizendo para Clara, sei que eu sei.

O estádio fica trancado dentro de sua trincheira. A grama está tão comida pelo outono que dá para enxergar a terra no meio. Pedras também. Do outro lado há blocos residenciais. Estão próximos uns dos outros, atrás do estacionamento vazio, não mais altos do que o mato que escala a trincheira. Lilás, jasmim e hibisco, vegetação que nunca é cortada porque não ultrapassa a trincheira. Floresceu paulatinamente no início do ano e no rápido início do verão. Agora está careca sobre a trincheira, balança os galhos e não pode cobrir nada do vento, que lufa os galhos.

O corredor fundista lá em cima é apenas uma imagem desenhada na pedra. Mas nas estações peladas do ano ele não conhece nenhum obstáculo. Quando não há mais nenhuma folha na planta, o corredor fundista é um vencedor. Os rostos que gritam e os vestidos gordos estão na fila do pão diante da loja. Ele a vê do alto, ele não tem fome. O sol está de costas para o estádio. Ela não propaga calor, só um colarinho leitoso. O corredor fundista não passa frio. Ele caminha com panturrilhas nuas sobre pequenas pessoas na cidade.

Um carro para no estacionamento. Dois homens descem. Um é jovem, o outro mais velho. Eles usam jaquetas de frio, olham rapidamente para o sol cego. Atravessam rapidamente o lugar, as pernas de suas calças voejam, os sapatos reluzem. Cospem cascas pretas sobre o caminho, comem sementes de girassol. Entre latas de lixo e montanhas de caixas vazias, eles andam em fila em direção aos blocos residenciais, o mais velho diante do mais jovem, procurando o caminho escondido.

O mais velho está sentado num banco, olha para as janelas no alto e come sementes de girassol. Atrás de sua cabeça, lá no alto, há uma parede de petúnias. Lá no alto, disse o mais jovem, diante de sua cabeça e na mesma altura, fica o apartamento. Um quarto e uma cozinha. O quarto fica na frente, lá está a raposa, disse o jovem, a cozinha fica ao lado.

Está ventando no banco. O homem esfrega as pernas, ergue o colarinho até as orelhas.

O jovem abre a porta. Sua chave não tilinta. Ele tranca a porta por dentro. Ele não tromba com os sapatos, ele sabe onde estão. As sandálias com a marca preta dos dedos ficam bem perto da porta do quarto. A cama está desfeita, a camiseta, sobre o travesseiro.

Ele vai até a janela. A mulher com o cabelo cacheado castanho-avermelhado está atrás das petúnias. Ele lhe faz um sinal com a mão. Ele vai até a frente do armário, ajoelha-se no chão. Tira uma lâmina de barbear do bolso interno de sua jaqueta. Ele a desembulha, põe o papel ao lado do joelho. Ele corta a pata esquerda traseira da raposa. Ele umedece o indicador com a ponta da língua e limpa o pelo cortado espalhado no chão. Ele esfrega o pelo entre o indicador e o polegar até formar uma bolinha firme, solta a bolinha no bolso da jaqueta. Ele embrulha a lâmina de barbear no papel e a guarda no bolso interno. Ele junta a pata decepada à barriga da raposa.

Ele se levanta, conferindo do alto se dá para perceber o corte. Vai ao banheiro. Levanta a tampa do vaso. Cospe no vaso. Urina, não dá descarga, fecha a tampa. Vai até a porta do apartamento e a destranca. Estica brevemente a cabeça na direção do corredor, sai. Tranca a porta do apartamento.

As petúnias são mais brancas do que o colarinho de leite do sol. Elas logo vão se resfriar. O banco do bloco residencial do lado das petúnias está vazio. Diante do banco há sementes de girassol.

Dois homens seguem pelo caminho escondido entre latas de lixo e montanhas de caixas vazias. Eles caminham um atrás do outro, o mais jovem na frente do mais velho. Eles atravessam o estacionamento. O mato sobe pela trincheira, sempre mais alto na estação pelada do ano.

O zelador anda para cima e para baixo diante do portão, seu sobretudo está pendurado nos ombros. O sol bate frio sobre seu rosto. Ele espera pelas bolsas, come sementes de girassol. Seu sobretudo se arrasta pelo chão.

Mara sai do galpão, ela trouxe três facas para David. Estão recém-amoladas. Com uma delas, David corta uma tira de toicinho pela metade e não limpa a lâmina gordurosa, para o zelador não perceber que ela foi recém-amolada, ele diz, guardando a faca na bolsa. As outras duas facas ficam na gaveta, uma leve amanhã e outra depois de amanhã, ele diz.

Eva enxágua os copos de água, seus dedos rincham no vidro molhado. O anão não tem de varrer o galpão hoje, diz Mara, ele será um dos primeiros na área das duchas, temos de nos apressar. Anca não abotoa seu sobretudo, apenas pendura a bolsa no ombro.

David abotoa seu sobretudo e pega sua bolsa.

David segue com sua faca gordurosa na bolsa até o portão. Mara, Eva e Clara passam pelos rolos de arame no pátio interno, um bando de pardais sai voando do arame. A janela do sótão está encostada em frente, sob o beiral do telhado.

Clara sente um nó na garganta, sua língua se ergue debaixo dos olhos. Ela sente ânsia de vômito, seu olhar perde o foco. Quando ergue a cabeça, a janela do sótão está alinhada no ar. Mara e Eva estão bem à frente no arame, entre os rolos, talvez já sobre os degraus da escada de ferro.

Os olhos das três mulheres estarão todas as tardes lá pelas quatro horas na janela do sótão por mais alguns dias, enquanto o sol cair rápido e frio sobre as escadas. Daí virão meses nos quais o sol não toca nessa escada. Opaco e pálido, ele passa girando pela parede sobre as escadas num círculo estreito demais. Daí o vapor no corredor da área das duchas será grosso e cego, nenhum olho consegue perfurá-lo. A curiosidade não diminui ainda, ela aumenta por mais alguns dias na cabeça, e por mais alguns dias as

mulheres escalam os degraus. Elas esperam pela luz que não vem mais. Esperam em vão. Cada vez que os primeiros homens chegam à área das duchas, o sol já se esgueirou junto à parede. As mulheres se entreolham. Elas olham ao redor como se não tivessem mão. Daí, desistem. Mara fecha a janela do sótão sem fazer barulho e também cerra o pequeno fecho enferrujado. Ela permanecerá trancada por alguns meses.

São os meses nos quais as mulheres riem, todos os dias, à mesma hora. Um riso desenxabido de inverno vindo da lembrança, pois o vapor permanece cego até o começo do ano.

Clara se agacha, encosta a cabeça no arame e afasta bastante os pés um do outro no caminho enferrujado. Ela vomita toicinho e pão. Suas mãos estão frias, ela limpa a boca com o lenço, observa as cabeças de Eva e Mara, desfocadas, na janela do sótão, não vê os rostos. A gata tigrada senta-se duas vezes entre os sapatos de Clara. Ela come o vômito, também lambe o arame. Suas listras saem nadando de seu pelo.

Adina se encosta na acácia nua, os rolos de arame são mais altos do que a cerca da fábrica, fumaça sobe da chaminé da casa do zelador. Ela não se rasga sobre a rua quebrada. Ela sobe com sua lâ cinzenta e cai de volta sobre o telhado. No vento, o vapor da fábrica de cerveja cheira a suor frio, a torre de refrigeração está cortada pelas nuvens.

Há duas semanas, a filha da empregada ganhou da mulher do oficial um sobretudo com gola de pele. É pelo de raposa. Vem com duas patas penduradas, dá para amarrá-las debaixo do queixo. As patas têm coxins e unhas marrons, brilhantes. O vapor da fábrica de cerveja cheira como a gola de raposa. Adina espirrou por causa do cheiro. E a filha da empregada disse que isso era naftalina. Se as peles de raposa não cheiram a naftalina, ela disse, aparece um pozinho no verão. Ele come o pelo. O pelo não cai dentro do armário. Ele fica como que colado, esperando que a pele seja pega nas mãos. Daí ele escorrega em pedaços grandes como se fosse queda de cabelo. A pessoa fica segurando uma pele nua nas mãos, uma cartilagem. A pele está recoberta com minúsculos grãozinhos de arcia, fininhos. A filha da empregada sorriu e, usando os dedos, brincou com as patas da raposa da gola.

Clara vai até o portão. A zeladora segura a gata zebrada no colo, ela acaricia seu pelo zebrado. Sobre a mesa está a faca de David, o zelador percebeu que ela tinha sido recém-amolada na fábrica. O sobretudo do zelador escorrega do ombro, sua mão devolve rapidamente o lenço melado na bolsa de Clara. Um caminhão estrepita pelo portão em direção à rua, as rodas estrepitam, em cima e embaixo arame amontoado. O rosto do motorista balança no espelho retrovisor. Na frente aparece a cortina branca de vapor da fábrica de cerveja. Clara escuta seu nome através do estrepitar.

Adina anda através de uma nuvem de pó. Ela beija Clara debaixo do olho, suas mãos estão azuis por causa do vento gelado, seu nariz está úmido. Vamos logo para minha casa, ela diz, tenho de lhe mostrar uma coisa.

Clara se agacha e ergue o pelo de raposa, uma luz cinza cai através da janela. A mesa vazia brilha, escura. Na cozinha, diz Adina, está o pão que eu tenho de comer, o açúcar, a farinha. Clara passa a ponta do dedo pelo rabo da raposa, depois pelo lugar do corte na pata, eles podem me envenenar qualquer dia, diz Adina, Clara põe a pata no chão. Ela está sentada de sobretudo sobre a cama desfeita e observa a lacuna entre a barriga da raposa e a pata, o vazio do chão tem a largura de sua mão. O rabo está próximo da pele, como se tivesse crescido ali, não dá para ver o local do corte.

Os dedos de Clara surgem pontudos e finos das mangas do sobretudo, esmalte brilha nas pontas dos dedos, dedais vermelhos. Adina apoia a mão sobre a mesa, tira os sapatos dos pés. Quando Clara move a mão dá para ver os dedos pelo lado de dentro. Estão com ferrugem.

Eu não tinha nem dez anos, diz Adina, quando fui com minha mãe à vila vizinha comprar a raposa. Passamos sobre a ponte sem rio, usada às manhãs pelos trabalhadores para ir ao abatedouro. Naquela manhã, o céu não estava vermelho, estava pesado e revoltado. Os homens não carregavam um pente vermelho sobre a ponte. Era pouco antes do Natal, gelo por todo o lado, nada de neve. Apenas farinha espalhada rodava no vento, nas depressões do campo. Não dormi a noite inteira tamanha minha impaciência. Desceva a raposa havia tanto tempo que a alegria de recebê-la no dia seguinte era metade medo. A manhã estava tão gelada que não havia nenhuma ovelha do lado de fora, no campo. E, caminhando, pensei, onde não há ovelha sobre o campo também não há vilarejo. Embora o campo fosse muito plano, com alguns arbustos retorcidos, achei que tínhamos nos perdido. Pois de todos os lados o céu vinha em nossa direção. Como o céu descia até o lenço de cabeça de minha mãe, fiquei com medo de estarmos perdidas. Eu andava e andava e não me cansava. Talvez sonolenta, pois senti uma cosquinha cansada na testa, mas o cansaço me incentivava. As ruas estavam vazias quando chegamos ao vilarejo. Havia árvores de Natal em todas as janelas. Seus galhos estavam tão próximos dos vidros que era possível ver cada uma das folhas, como se elas fossem para os passantes do lado de fora e não para as pessoas das casas. Como ninguém passava, elas eram para minha mãe e eu. Minha mãe não percebeu isso. Carreguei sozinha as árvores de uma janela a outra.

Então, paramos. Minha mãe bateu numa janela. Ainda me lembro, não havia árvore de Natal nessa janela. Fomos ao quintal. De tantas peles de raposa, não enxergávamos as paredes no longo corredor aberto.

Depois chegamos num quarto. Havia uma estufa de ferro fundido e uma cama, nenhuma cadeira. O caçador veio de fora e trouxe essa raposa. Ele disse, é a maior. Ele

pendurou a raposa sobre os dois punhos, as patas pendiam para baixo, ele mexeu os braços. As patas balançaram como se estivessem correndo. E, atrás das patas, o rabo é como de outro animal, menor. E eu perguntei, posso ver a espingarda? O caçador pôs a raposa sobre a mesa e alisou seu pelo. Ele disse, não se atira em raposas, as raposas caem em armadilhas. Seu cabelo e sua barba e os pelos de suas mãos eram vermelhos como a raposa. Seu rosto também. Naquele tempo a raposa já era o caçador.

Clara tira o sobretudo e sai do quarto. Ela passa mal no banheiro, vomita. Adina vê o sobretudo sobre a cama, está disposto como se houvesse um braço dentro, como se tocasse uma mão sob a coberta. A água escorre no banheiro.

Clara volta ao quarto com a blusa aberta, senta-se rapidamente no sobretudo, estou enjoada, ela diz, vomitei. Sua bolsa está sobre o travesseiro. Sua boca está entreaberta, sua língua, seca e branca como um pedaço de pão dentro da boca.

Você está com medo, diz Adina, você está parecendo a morte. E Clara se assusta, seu olhar é direto e cortante. Clara enxerga um rosto que foi embora. Ele está desfigurado, as maçãs do rosto sozinhas e os lábios sozinhos, sem vida e ávidos ao mesmo tempo. Um rosto igualmente vazio, de lado e de frente, como um quadro sem nada pintado.

No rosto vazio, Clara procura uma criança que caminha ao lado de uma mulher e, apesar disso, está sozinha, porque carrega árvores na cabeça de uma casa até a outra. Uma criança como aquela na sua barriga, ela pensa, tão sozinha como uma criança ignorada por todos.

Adina quer ser o caçador, pensa Clara.

Você tem mais medo do que eu, diz Adina. Não olhe, não olhe mais para a raposa.

Os olhos de Clara estão revirados, vasinhos vermelhos à sombra da base do nariz. Ela mira desatenta o quadro na parede, os sapatos grosseiros no gramado, o uniforme do soldado, a folha de grama na boca de Ilije. Você não pode contar para Ilije, diz Clara, ele não vai aguentar.

Não há janelas na escadaria, na escadaria não há luz do dia. Não há luz elétrica na escadaria. O elevador está parado entre os andares no alto. O isqueiro bruxuleia e não ilumina. A chave encontra o buraco da fechadura. A porta não faz barulho, a maçaneta não faz barulho. A porta do quarto está aberta, a máquina de costura está ligada, um quadrado claro é lançado da porta aberta do quarto.

Pavel tira os sapatos, ele anda na ponta dos pés, de meias, até a cozinha. Diante da janela da cozinha, pernas de calças tremulam no vento. Ele não enxerga o varal de roupas. As fivelas de sua bolsa são frias. Ele deposita um pacote de café Jacobs, uma caixinha de margarina sobre o armário da cozinha. Ele conta e põe doze carteiras de cigarros ao lado do café. Ele abre a geladeira e guarda a carne. Ao lado do armário da cozinha há um guarda-chuva. Ele pega o guarda-chuva.

Pavel vai na ponta dos pés até a porta do quarto. A pequena roda da máquina de costura está girando, a correia se movimenta, a linha escorre do carretel, os pés de Clara pisam no ritmo. Pavel abre o guarda-chuva na porta. Está uma forte tempestade lá fora, ele diz, será que posso dormir aqui com a senhora? Os olhos de Clara sorriem, sua boca permanece séria. Sim, meu senhor, ela diz, entre, tire suas roupas molhadas.

Depois o guarda-chuva cai no chão, a roda da máquina para no meio do ponto.

A mão de Clara está na sua cueca. O cabelo dela deságua sobre o rosto dele, o senhor está duro de frio, meu senhor, diz a boca dela, suas coxas estão quentes e sua barriga é funda e o membro dele estoca.

A geladeira começa a fazer barulho, a energia voltou. Clara cheira o papel, acende a luz, abre o pequeno pacote de café. Seus dedos estalam, ela segura um grão de café sobre a pinta dele, você está vindo do trabalho?, ela pergunta, o moedor de café corta sua voz. A chama está lambendo ao redor da panela, a água forma bolhas. Ela joga três colheres de café na água, não molha a colher. Ela bate com o cabo da colher no fogão, você seria capaz de fazer algo contra Adina?, ela pergunta. O café sobe, ela pega a espuma com a

colher, o que você está querendo dizer?, ele pergunta, ela deixa a espuma escorrer dentro das duas xícaras vazias, o que você está querendo dizer?, ele pergunta, de tão clara, a espuma parece areia na colher. Você poderia envenenar Adina?, ela pergunta, tirando a panela do fogo.

Um fio preto de café escorre na espuma. Não, ele diz, a espuma sobe até a alça da xícara, porque ela é minha amiga, diz Clara. Ele leva as xícaras até a mesa, as pernas de calças tremulam ao vento do lado de fora, também por isso, ele diz e segura um torrão de açúcar na mão, o que ela quer?, ela não sabe onde mora, ele diz, ela não quer nada, ela está falando de raiva. O torrão de açúcar mergulha e rasga a espuma da xícara.

Não dava para brigar com meu pai, diz Pavel, quando ele estava com raiva, emudecia. Ele passava dias sem dizer uma palavra. Minha mãe ficava enfurecida. Certa vez ela o arrancou da mesa e apertou o rosto dele diante do espelho e sacudi o cabelo. Olhe para você, ela gritou, mas ele não piscou os olhos, acho que ele não se viu, ele enxergou através do espelho. Seu rosto se transformou em pedra. Quando ela soltou as mãos do cabelo, a cabeça dele caiu para trás. Ele disse bem baixinho, todo homem tem um pedaço de brasa na boca, por isso é preciso olhar a língua de cada um. Num átimo, uma palavra raivosa pode destruir mais, ele disse, do que dois pés em toda a vida. A colher de Pavel tilinta na xícara.

Vocês procuram suas vítimas, diz Clara, todos pensamos o que elas dizem, você também. Ele remexe, a espuma nada na borda, todos somos vítimas, ele diz. O isqueiro dele faz clique, ele segura a chama, ela puxa o cinzeiro da borda da mesa até bem perto da mão. Você pergunta o que Adina quer, Clara diz, o que ela pode querer?, ela quer viver.

Clara gira o cigarro na mão. Ele bebe fazendo barulho, vê os olhos dela sobre a xícara de café, o que vocês vão fazer com aquele que atirar em Ceausescu?, ela pergunta, não sopra nenhuma fumaça pela boca, ela engole a respiração.

Pavel está com um nó na garganta e borra de café sobre a língua, depende, ele diz. De quê?, ela pergunta, ele silencia.

Clara está junto à janela, enxerga as pernas das calças tremularem e a bola presa no galho da árvore, a bola verde que ninguém viu durante um verão inteiro entre a folhagem que balançava. Que está presa lá há dois invernos nus, porque nenhuma criança ousa subir pelo tronco liso até os galhos finos.

O que aconteceria depois?, a boca de Clara pergunta ao vidro, ele passa a mão pelo cabelo dela, daí peço o divórcio, daí nos casamos, ele diz, sente a testa dela bater na sua mão, ele está com câncer, não vai viver mais muito, ele diz, afunda mais a mão no cabelo dela e aperta sua cabeça.

Ele vai sobreviver a nós todos, Clara diz, ele vira a cabeça dela, quer ver o seu rosto. Ele tem câncer, sei de fonte segura, Pavel diz. Mas mesmo com todos os dedos da mão ele não consegue tirar os olhos dela da bola verde.

Você tem de ajudar Adina, ela diz, ele enfia a mão no bolso da calça, abre dentro do

bolso o fecho do frasquinho de perfume, goteja perfume na dobra do pescoço de Clara, isso cheira a quê?, ele diz e deixa o fecho cair para dentro da blusa dela na nuca. Ele põe o frasquinho aberto sobre a mesa e o cheiro está presente na cozinha, o cheiro é opressivamente pesado no pescoço de Clara.

Seu olhar se arranca do galho da árvore, desse mudo jogo de verão preso, dessa bola verde amassada.

Cheira a serviço secreto, diz Clara.

Ele vai ao quarto e tromba com o guarda-chuva. Ele está no corredor e calça os sapatos, a chave do seu apartamento está sobre a cama, diz Pavel, seus dedos não encontram o cadarço.

Você pode ficar com a minha chave, diz Clara, daí vocês não precisam de uma chave extra, os sapatos dele estão apertados, são estreitos e duros, vocês também têm uma chave de Adina, só que Adina nunca lhes deu uma.

Sobre a mesa há dois pratos. Dois garfos se tocam, as facas, não. Sobre a margarina há migalhas de pão, duas extremidades foram cortadas tortas, dá para ver o fundo. Sobre o prato dele há uma casca de pão.

Não fale nada, ele diz.

Ela abre a geladeira, guarda a margarina. A luz cai, quadrada, sobre os pés dela, estou indo, ele diz. O rosto dela está frio. A carne está embalada em papel celofane, uma camada branca cresce sobre o celofane como lá fora no jardim.

Os pés de Pavel estão confusos, sua mão está segura, encontra a maçaneta. Ele fecha a porta com barulho.

Nem pela manhã Clara toca no guarda-chuva aberto no chão. O guarda-chuva é de Pavel. A roupa na máquina de costura também é de Pavel. A agulha está no meio do ponto, a agulha é de Pavel. As rosas no vaso são dele.

A bola verde na forquilha do galho está olhando para a cozinha, a água do café ferve. O café é de Pavel, os torrões de açúcar, o cigarro que Clara está fumando, o pulôver que está usando, a calça, a meia-calça. Também os brincos, a sombra dos olhos, o batom. Também o perfume de ontem à noite.

A fumaça fria de cigarro tem um gosto amargo na língua e a respiração fria tem um gosto amargo na boca, ela fica flutuando no ar feito fumaça. Nas ruas, as ondas de pó atrás dos caminhões também cheiram diferente do que o pó do verão. Na cidade, as nuvens também cheiram diferente do que as nuvens de verão. Clara anda para lá e para cá diante do prédio do serviço secreto.

Dois homens descem a escada, um homem, três homens, uma mulher veste uma jaqueta de pelo de cordeiro enquanto caminha.

Há um calendário grudado atrás da cabeça do porteiro, a primavera, o verão, o outono, todos os meses que já passaram estão circulados, quase um ano inteiro. O porteiro está enfiado dentro da portaria até a barriga.

Há um nó na garganta de Clara, ela acende um cigarro, a senhora foi convocada?, pergunta o porteiro, ela não guarda o isqueiro, segura a carteira de cigarros para ele. Ele pousa a mão esquerda sobre o telefone e com a direita puxa devagar dois cigarros. Ele põe um na boca, o outro no bolso esquerdo da camisa do uniforme. Um para a boca e outro para o coração, ele diz. O isqueiro dele bruxulcia, ele olha para ela, quem?, ele pergunta, sopra a fumaça para cima, até o cabelo. Ela diz: PAVEL MURGU. Ele pressiona um botão, ele está aqui, ele diz, quem devo anunciar?, ele pergunta. Ela diz: CLARA. O cigarro no bolso da sua camisa se parece com um dedo, do quê?, ele pergunta, ela diz, o camarada MURGU já sabe.

Os caminhões fazem barulho do lado de fora, está frio e escuro, não neva. As árvores sacodem a poeira sobre o caminho, a senhora conhece o camarada chefe faz tempo?, pergunta o porteiro, ela assente, eu nunca a vi aqui, ele diz. Ele escuta com o pescoço, com o queixo no fone, a brasa cai para baixo, sim, sim, ele diz. O cigarro entrou bem fundo no seu bolso, espere no café lá do outro lado, ele diz, em quinze minutos o camarada chefe estará aqui.

A garçonete usa uma coroa de renda sobre o meio da cabeça. Seu cabelo é grisalho, ao caminhar entre a fumaça e mesas vazias, ela murmureja uma canção. Os caminhões zumbem através da vidraça, de cima dá para ver o que estão carregando, madeira e sacos. A garçonete equilibra a bandeja com cinco copos, à mesa estão cinco policiais. Na mesa ao lado, seis homens de terno e a mulher com jaqueta de pelo de cordeiro.

Há uma mancha marrom de água no teto e uma luminária com cinco braços, quatro soquetes vazios e uma lâmpada. Ela está acesa, ilumina apenas onde sobe a fumaça de cigarro. A mulher na jaqueta de pelo de cordeiro chama MITZI, a garçonete apoia a bandeja vazia sobre a mesa e um dos homens de terno diz, sete runs da Jamaica. Um caminhão sacode a vidraça. Ele carrega tonéis e canos. De onde será que vêm?, pensa Clara, há neve sobre os tonéis e os canos.

Dois homens de rosto mal barbeado, desdentados, estão sentados no canto ao lado da porta. Eles jogam cartas. Um deles usa um anel azinhavrado. As cartas estão amassadas e desgastadas, às de bolota,^[1] diz o com o anel, mas sobre a carta que ele puxa da mão não há bolotas, apenas manchas cinza.

Camarada MURGU, diz o do anel azinhavrado.

Pavel aperta sua mão, como vai a vida?, ele pergunta, o do anel sorri com a boca preta vazia, pague uma rodada para nós, camarada MURGU, ele diz. Pavel sinaliza que sim, o da boca sorridente chama, MITZI.

O outro deposita as cartas com a frente para baixo sobre a mesa, nossa MITZI já foi

uma grande cantora, ele diz. A garçonne murmureja, dois runs da Jamaica, diz o do anel azinhavrado. Nossa MITZI, filha da classe trabalhadora, diz o outro, mas é um anjo. Ah, como era bom quando nossa MITZI ainda era jovem e famosa por toda a cidade, se apresentava no SCHARI NENI, onde havia a melhor música e a aguardente mais clara, destilada no porão.

Pavel olha para Clara e Clara escuta e vê um caminhão andando do lado de fora na poeira do inverno. O caminhão carrega arcia e pedras.

Naquela época, os eruditos ainda bebiam com os pobres, diz o com o anel azinhavrado, e o professor desenhava com um fósforo queimado sobre um pedaço de papel o quão delicada era a alma humana. E o tabelião real só tinha olhos para a nossa MITZI. A boca dela se parecia com uma rosa, diz aquele com o anel azinhavrado, e a voz de rouxinol.

O outro dava risadinhas com seus lábios murchos, e peitos de porcelana branca, diz ele, e os bicos de seus seios eram mais bonitos do que os olhos dos outros.

Os homens de terno riem, um policial tira o quepe e bate com ele na mesa, a mulher com a jaqueta de pelo de cordeiro acaricia os cachos de pelo de sua gola, Pavel meneia a cabeça para ela, bate no ombro do homem que está ao lado da mulher.

A mulher carrega a bandeja, ela não murmureja ao caminhar. Seu rosto é macio e está comovido, seus olhos embaçados, ela põe dois runs da Jamaica sobre as cartas de ambos os homens desdentados, sorri e suspira e passa a mão pela cabeça daquele com o anel azinhavrado.

Pavel está apenas meio sentado na cadeira. Estou tão feliz, ele diz para Clara, agora vamos tomar uma bebida, ele olha para a mancha de água no teto. Depois para a garçonne, dois runs da Jamaica, ele diz, tocando com a ponta de um dedo a mão de Clara. Aqui chamamos a atenção, ele diz, aqui todos escutam e todos observam.

Você gosta daqui?, pergunta Clara. Pavel puxa a gravata, assim como você gosta da fábrica, ele diz.

Adina sai da escola à tarde. Ela lava as mãos porque o giz corrói os dedos. Há duas cascas de sementes de girassol boiando na privada. Antes de conseguir pensar, ela sabe: a raposa.

A segunda pata traseira está cortada e foi deixada junto da barriga, como se tivesse nascido lá. Fora isso, tudo está como sempre, o quarto, a mesa, a cama, a cozinha, o pão, o açúcar, a farinha. Do lado de fora, ar cego pressiona contra a janela, paredes cegas se entrecolham. Adina se pergunta, por que o quarto, a mesa, a cama permitem o que está acontecendo aqui?

Adina acerta o despertador para o começo da manhã, o ponteiro gira a folha de grama na boca de Ilije. Ela vai até ele.

A lanterna não é suficiente para enxergar, o círculo claro diante dos sapatos é suficiente para apertar os olhos. Roupas vazias caminham para lá e para cá no ponto do bonde e já no começo da manhã carregam sacolas cheias.

O trilho range, o bonde passa fazendo barulho debaixo das casas. Em seguida passam as janelas claras, todos sabem onde a porta se abre. Os cotovelos empurram. O sono viaja também, o suor de inverno tem um cheiro amargo, a luz apaga duas vezes nas curvas, é amarela e fraca e, mesmo assim, explode no meio do rosto. Duas galinhas marrom-avermelhadas surgem do cesto de uma mulher. Elas curvam o pescoço, mantêm o bico semiaberto, como se tivessem de procurar a laringe no pescoço antes de respirar. Seus olhos são rasos, marrom-avermelhados como as penas. Mas quando elas curvam o pescoço, uma cabeça de alfinete brilha nos olhos.

No início do ano, a costureira da periferia tinha comprado dez pintinhos no mercado. Ela não tinha uma poedeira. Estou sentada aqui e costuro e eles crescem sozinhos, ela disse. Enquanto tinham penugem, os pintinhos ficavam com ela na oficina. Eles andavam por lá ou ficavam sentados nos restos de tecido e se aqueciam. Quando ficaram maiores, passavam desde de manhã até a noite no quintal. Apenas um estava

sempre na oficina. Ele saltava com um pé sobre os restos de tecido, o outro pé era aleijado. Ele sentava-se durante horas e observava a costureira costurando. Quando ela se levantava, ele saltava atrás de seus passos. Quando não havia clientes, ela conversava com ele. A galinha tinha penas vermelhas cor de ferrugem e olhos cor de ferrugem. Sendo a que menos andava, foi a que cresceu mais rápido e que engordou antes. Foi a primeira a ser abatida, antes ainda de o verão começar de verdade. As outras galinhas ciscavam no pátio.

A costureira falou durante todo um verão sobre a galinha aleijada. Ela disse, tive de abatê-la, era como um filho.

O homem na plataforma da estação carrega um grande bigode preto no rosto, um grande chapéu de veludo preto sobre a cabeça e uma estufa de lata de três pernas diante da barriga. E a mulher ao seu lado usa um lenço de cabeça florido e uma saia florida e uma chaminé de fogão com um joelho debaixo do braço. E a criança ao seu lado usa um gorro de pompom grande e uma porta de forno na mão.

No compartimento há um homem sentado diante de uma mãe e um pai, e entre eles uma criança bem agasalhada.

A noite rasga, Adina enxerga o viaduto no alto sobre os trilhos e embaixo, as escadas. Grandes roupas escuras descem as escadas e pequenas roupas escuras já estão caminhando no alto do céu, como se quem chegasse lá em cima fosse apenas metade de si. No começo do dia, pouco antes do trabalho, apenas uma criança velha, que encolhe.

Do outro lado, as escadas descem diante do portão da fábrica. Mesmo quando o trem passa pelos ouvidos, dá para escutar a fábrica.

Durma, diz a mãe, a criança encosta nela. Os blocos residenciais oprimem no escuro. Atrás, na periferia, fica o presídio da cidade, as torres de vigia passam pelo vidro, em cada uma delas há um mesmo soldado morto de frio, outro Ilije, pensa Adina, alguém que tem a confiança da noite, da geada, da arma e do poder, mesmo que ele esteja totalmente a sós.

Durante um ano, mês a mês, Ilije teve de ir a trabalho a Bucareste, saiu da cidade todas as vezes nessa direção, passando ao lado do presídio. As celas ficam atrás, no pátio. Quem não tem ninguém lá não as vê, Ilije disse naquela época, mas quem tem alguém lá sente na cabeça para onde tem de olhar. Por algumas centenas de metros nesse trecho, ele disse, os rostos se confrontam no vagão. Nessa hora é possível sentir, debaixo de todos os outros olhos, aqueles que sabem para onde têm de olhar.

Deveríamos dormir o tempo todo, pois assim não sentimos nada, diz o pai ao

filho. O filho assente. A mulher com as galinhas marrom-avermelhadas atravessa o vagão.

Antigamente eu sempre dormia no trem, diz o velho, e no bonde. Todas as manhãs eu deixava o vilarço para ir à cidade e todas as noites para casa. Eu tinha de ir para a estação às cinco, durante vinte e sete anos. Eu conhecia o trajeto como o pai-nosso. Um dia, apostei uma ovelha que saberia encontrar o caminho de olhos fechados, e ganhei a ovelha. Encontrei o caminho com os olhos vendados, e isso no inverno, com gelo e com neve. E o caminho é longo, mais de trezentos passos. Naquela época, ele diz, eu conhecia cada fresta do chão, eu sabia onde havia um buraco e uma elevação. E eu sabia, com três ruas de antecedência, onde um cachorro latia e também onde um galo cantava. E, quando o galo não cantava às segundas, eu sabia que tinha sido abatido no domingo. Eu sempre adormecia no trabalho, ele disse, era alfaiate, conseguia dormir até com alfinetes na boca.

Quero uma maçã, diz a criança, e a mãe diz, durma, e o pai diz, dê uma maçã para ela.

E agora sou velho, diz o homem, e não consigo mais dormir, nem mesmo na minha cama. Não importa, diz ele, não importa.

A criança morde a maçã, mastiga devagar e aperta o dedo na mordida. Está gostosa?, pergunta a mãe, e a criança diz, está fria.

Nas segundas-feiras do inverno, quando o pai de Adina voltava do abatedouro, ele trazia uma sacola cheia de pequenas maçãs. Elas eram tão frias que as cascas embaçavam no quarto como as lentes dos óculos. Adina sempre comia rapidamente uma maçã. A primeira mordida doía, ela era tão fria que a mordida girava nas têmporas antes de ser engolida. E a segunda mordida era sentida por toda a cabeça. A mordida não doía mais porque o cérebro já tinha congelado.

Depois de Adina ter comido a maçã fria, ela levava três maçãs para o quintal e as deixava congelar durante a noite, ao relento. Ela deposita as maçãs sobre as pedras, com um palmo de distância uma das outra, para que o gelo escuro pudesse morder toda a casca. Pela manhã, elas descongelavam na cozinha. Estavam macias e marrons. Adina preferia comer maçãs congeladas.

O pai da criança saiu do compartimento, ele está há tempos no corredor, carrega há tempos o campo nu na testa. Ele viu três veados e a cada vez chamou a mãe e a cada vez ela, dormindo, mexeu a criança e a cabeça e não foi até lá.

Agora os passageiros se apertam no corredor, Adina também, uma mulher redonda também, que usa uma gola de raposa com as patas amarradas, e o velho esquelético que ganhou a aposta e a ovelha.

O Danúbio corre ao lado do rio, dá para ver também a outra margem e as ruas, finas como uma linha, carros em movimento e florestas. Nenhum sapato se arrasta no

corredor, ninguém caminha, ninguém fala. Os olhos do velho também estão arregalados e afastam as rugas. Da boca do pai sai um suspiro, uma inspiração escondida. Em seguida ele fecha a boca, olhe, a Iugoslávia, ele diz para dentro do compartimento. Mas a mãe continua sentada no compartimento. O irmão dela foi nadando para lá há seis anos, ele diz, agora está em Viena. Ele pisca, ele quer ver cada uma das ondas no brilho, a senhora tem filhos?, ele pergunta. Adina diz, não.

Não há bancos na sala de espera, apenas uma estufa de ferro fria. Sobre o chão quebrado de cimento há escarro verde-claro e cascas de semente de girassol. Sobre a estufa fica um dazibao, três vezes a foto do ditador, a pupila tão grande quanto o botão do sobretudo de Adina. Ela brilha. E o escarro sobre o chão brilha.

Aquilo que brilha vê.

Diante da estação há um banco, Ilije escreveu no verão, ao lado fica o ponto de ônibus. O ônibus é exclusivo para os oficiais que vêm da cidade pequena para o quartel. Às vezes, porém, o motorista dá carona aos soldados, mas prefere mulheres jovens.

Há cinco oficiais no ônibus. Eles estão usando gorros com orelhas cinza de pelos, amarrados na cabeça com fitas verdes. As orelhas dos oficiais estão debaixo das orelhas de pelos; as orelhas dos oficiais têm bordas vermelhas por causa da brasa do frio. Suas nuças são raspadas.

O motorista usa um chapéu e um terno debaixo do sobretudo aberto. Das mangas do sobretudo despontam punhos brancos com riscas escuras de sujeira e gordas abotoaduras azuis. Na mão esquerda do motorista reluz um anel de sinete. Três oficiais embarcam.

Para onde?, pergunta o motorista, Adina ergue a bolsa sobre os degraus, para o quartel, ela diz. Ele se curva, sobre sua mão há um cachecol azul. Ele leva a bolsa até o corredor, mulheres bonitas sempre fazem bem ao nosso Exército, ele diz. Os oficiais riem, suas vozes são uma cascata.

Adina senta-se no primeiro banco ao lado de um oficial de têmporas brancas. Ele cheira a roupas úmidas de inverno. Quem a senhorita está indo visitar?, pergunta uma voz atrás, e Adina gira a cabeça e vê um dente dourado por trás de assentos vazios. O sobretudo dela está embrulhado em sobretudos verdes, um soldado, ela diz. O motorista ergue a mão no ar, uma fábrica despeja canos e cercas no campo, temos muitos, ele diz, quando chegarmos lá a senhorita terá de se decidir por um.

O milho se curva para longe do vidro, quebrado, esquecido no gelo, por que um?, pergunta o do dente dourado, há suficientes neste país. A risada bate num pedaço de floresta, preta e desmatada.

Como se chama o seu soldado?, pergunta o oficial ao pé do ouvido de Adina, suas têmporas são de papel, seus olhos olham para as mãos dela, seus globos oculares têm

um brilho verde do sobretudo. Ela diz, ele se chama Dolga, corvos voam pelo campo, e o oficial diz, há dois desses, e o do dente dourado ri tão alto que a fita sobre sua cabeça se solta e a orelha esquerda de pele cai sobre a ombreira.

Ele tira o gorro, seu cabelo está amassado, suas têmporas, raspadas. Ele prende as orelhas, a fita é curta, seu dedo é grosso, ele fecha os lábios sobre o dente dourado, o laço fica tão pequeno como as pontas de dois dedos, ele veste o gorro.

Como ele se chama mesmo?, pergunta o oficial ao lado de Adina, e ela puxa os dedos para dentro das mangas do sobretudo e diz, Ilije.

Uma cova passa lá fora, está recoberta por um juncal seco, qual é a sua profissão, senhorita?, pergunta o oficial ao lado de Adina e gira o botão de seu sobretudo, e atrás da curva fica a alameda dos álamos que Ilije descreveu e um muro e a caserna, professora, diz Adina.

Tudo é plano, Ilije tinha escrito, ficamos sentados ou deitados do lado de fora sobre o nada, mas mesmo as menores plantas atrapalham a vista, até em pé não se enxerga lugar nenhum.

O vento bate nas fileiras de árvores, não dá para escutá-lo, então a senhorita conhece *A última noite de amor, a primeira noite de guerra*, diz um oficial atrás do motorista, um livro parecido com a vida, minha senhorita, um belo livro.

Todos eles têm nuças nuas, têmporas nuas, pensa Adina, eles são tosados há anos, nenhum deles é jovem. Em algum momento irão rir e, no meio da risada, no meio do alarido, um perceberá no outro que os sacos com os cabelos cortados estão tão cheios e pesados quanto eles mesmos.

As mãos de Ilije tremem, suas unhas estão sujas e lascadas. Fiquei por uma hora sozinha no vagão, diz Adina, não havia sol em lugar nenhum, mas sombras por todo o lado, e daí adormeci.

Sonhei, diz Adina, que uma raposa passava por um campo vazio, ele tinha acabado de ser arado. A raposa se agachou ao andar e comeu terra. Ela comia e comia e ficava cada vez mais gorda.

Há um painel ao lado da porta, uma foto com um tanque no limite de uma floresta, soldados estão sentados sobre o tanque e um deles é Ilije. Os oficiais estão em pé na grama.

Você está com a vida boa, diz Ilije, você ainda tem medo, minha cabeça está escura, há tempos não sonho mais nada. Acima e abaixo da foto do tanque há a foto do ditador, a pupila. Aqui é preciso se esquecer todos os dias, diz Ilije, sei apenas uma coisa sobre mim, que eu vivo pensando em você. Diplomas de honra da unidade estão pendurados ao lado da pupila.

Ilije aponta para o tanque, em outubro, ele diz, estivemos com o tanque na chapada. Ele beija os dedos de Adina, em qual chapada?, ela pergunta, aqui é tudo plano. Longe,

ele diz, aqui é tudo chapada, atrás da floresta há um morro. Subindo o morro, tivemos todos de descer e jogar pedras atrás das correntes; descendo o morro, na frente das correntes. Quando o tanque chegou no limite da floresta, embaixo, nos deitamos na grama. Não levantamos o dia inteiro. À noite, marchamos a pé de volta para o quartel.

Sua mão é áspera, ele ri e engole a voz, o tanque está até hoje lá na floresta, ele diz, venha até o pátio.

Seu braço puxa e sua boca também, se os russos estivessem esperando por nós, ele diz, ainda não teriam chegado a Praga.

Ilije fica parado diante de uma porção de sacos molhados, carregamos esses da parede até a cerca, da cerca até o caminho, do caminho à parede, ele diz. Seus sapatos fazem barulho, quando eu me livrar deles, ele diz e aponta para os sapatos encalombados, será verão, e eu só conheço um caminho suave, o Danúbio.

Um soldado passa carregando um balde fumegante, Adina fecha o sobretudo, se tranca com os braços dentro dele, para que seus ossos apareçam deitados no trigal no verão seguinte, ela diz. A alameda de álamos é pequena, ela se esconde na terra porque logo vai escurecer e o rosto de Ilije está repuxado para a frente, você vem junto, ele diz, seu rosto é comprido, sua nuca, suas têmporas estão raspadas. Ele se curva até ela, e ela balança a cabeça.

Lá no céu, você será um anjo com um ferimento à bala, diz Adina olhando para o chão, ou lá embaixo, no asfalto. Lá você estará à noite com a vassoura, varrendo as ruas em Viena.

E você vai ficar aqui, diz Ilije, você vai ficar esperando que eles retalhem sua raposa, e depois?

O despertador faz tique-taque, tique-taque, são três horas.

Talvez à noite as patas da raposa tenham se grudado novamente na raposa, pensa Adina. Ela estica o pé na cama, empurra a pata traseira para longe do pelo. O rabo, embora tenha sido cortado, continua tão fofo e macio: isso atemoriza os dedos de seu pé. Ele não encolhe, também.

Ela leva ambas as patas e o rabo até a mesa, arruma-as lado a lado. Surge uma raposa inteira, apenas metade escondida na mesa. Ela remexe debaixo do tampo da mesa com a cabeça e as patas da frente, as patas de trás e o rabo ficam sobre o tampo da mesa a fim de se segurar.

A lua está na janela da cozinha, tão inchada que não consegue ficar lá. A madrugada mordiscou-a. São seis da manhã e a noite está caindo de sono, ainda tem três dedos amarelos e um deles é cinza e lhe segura a testa. Os primeiros ônibus fazem barulho ou lá em cima é a fronteira da noite, na qual a lua se pendura quando ela não é redonda ao deixar a cidade. Cachorros uivam, como se a escuridão fosse uma grande pele e o vazio das ruas nas cabeças fosse um cérebro tranquilo. Como se os cachorros da noite tivessem medo do dia no qual a fome que procura encontraria a fome que grassa no instante em que as pessoas passassem por eles. Quando o bocejo se encontrar com o bocejo e, com o mesmo hálito na boca, a fala se encontrar com o latido.

A meia-calça cheira a suor de inverno. Adina a veste nas pernas nuas com o balanço do trem, veste o sobretudo sobre a camisola. No sobretudo ainda estão presos os pequenos sobretudos pretos do viaduto e os grandes sobretudos verdes do ônibus. Nos botões do sobretudo ainda estão a pequena estação e a pupila. No bolso do sobretudo ainda há dinheiro da viagem e a lanterna. A chave está sobre a mesa da cozinha. Os pés ainda carregam a sujeira do pátio do quartel. Ela calça os sapatos.

O círculo da lanterna tropeça, o canto de pedra é anguloso. Um gato salta diante da lata de lixo, suas patas são brancas, vidro se quebra atrás dele.

O estacionamento está vazio, o estádio ecoa sua trincheira no escuro, o céu em cima

se torna cinza. Ferro é batido atrás do estádio, lá fica a fábrica. Não dá para ver a chaminé, apenas fumaça amarela. O bonde estridula na esquina. Janelas se iluminam, estão acordadas, e janelas ao lado estão escuras, encostadas na parede enquanto dormem.

Nas ruas silenciosas do poder, a manhã tem horários tardios. As janelas são escuras, há arabescos nos postes das luminárias. As lâmpadas estão penduradas nos jardins sobre as escadas, iluminam os anjos e os leões de pedra. Os círculos de luz são propriedade privada, não são para os que passam, que não moram aqui, que não são daqui.

Os álamos são facas, escondem a lâmina e dormem em pé. Lá do outro lado fica o café. As cadeiras brancas de ferro estão guardadas, o inverno não precisa de cadeiras, ele não se senta, ele caminha ao redor do rio, fica parado debaixo das pontes. A água não brilha e não enxerga, ela deixa os álamos sozinhos.

Os pescadores deitam-se cedo à noite e cedo pela manhã estão diante dos comércios. Eles se encontram à tarde no café enfumaçado, bebem e conversam até a água voltar a brilhar. O relógio da torre da catedral bate a hora sete vezes na neblina, mas as acácias já acordaram. Agora os cadeados são destrancados, os ferrolhos são abertos, as portas das lojas, erguidas. As acácias descascam no cinza a madeira nas pontas. No fim do parque, surgem espinhos de todos os galhos, os troncos embaixo não percebem.

Ainda não há ninguém na loja. A caixa veste uma blusa corta-vento sobre o avental azul-claro. O gorro de pele engole suas sobrancelhas. Adina pega um cesto. Os vidros de geleia estão dispostos em fileiras. Eles são igualmente grandes, igualmente empoeirados, têm as mesmas barrigas com as mesmas tampas de metal e etiquetas. Se um oficial passar por aqui, Adina pensa, eles sairão marchando. Apenas a ferrugem nas tampas e as gotas que rolaram para fora, sobre as barrigas, os diferenciam.

Adina põe uma garrafa de aguardente no cesto. O café solta vapor no rosto da caixa. Bebidas só são vendidas a partir das dez, ela diz, dá um gole pequeno e um grande e limpa a gota de café do queixo. Ela ergue pela metade os olhos debaixo do gorro e abaixa a xícara de café. Ela enfia a mão dentro do cesto; há esmalte descascado vermelho nas unhas, como se pontas de dedos crescessem a partir dos dedos. Ela guarda a garrafa de aguardente debaixo do caixa.

Adina deposita a cédula de dinheiro ao lado da xícara de café. Nunca fiquei embriagada, ela diz baixinho, são sete horas e eu nunca fiquei embriagada, o dia está diante da porta, ela diz em voz alta, são sete horas, todos os dias tiveram sua sete horas e todos os dias tiveram o dia diante da porta e eu nunca fiquei embriagada, e sua voz desmonta, seu rosto está quente e úmido, são sete horas, aqui está minha aguardente e aqui está meu dinheiro e um dia diante da porta, e eu nunca fiquei embriagada, e não quero esperar mais, quero me embriagar agora, não apenas às dez. A caixa devolve a nota na sua mão, é o que muitos querem, ela diz.

Um homem de avental azul-claro empurra Adina pelos ombros até a porta, diz por trás de sua cabeça, lei e álcool e polícia. Os sapatos dela se arrastam, a sujeira seca do

quartel se solta das solas em pedaços pequenos e a sujeira úmida do parque se solta em pedaços grandes. Sua camisola está pendurada sobre sua meia-calça, um palmo para fora do sobretudo. A caixa segura a porta aberta. Quem são vocês?, Adina berra, não encoste a mão em mim, ei, não encoste a mão em mim.

Adina toca a campainha três vezes. A porta do apartamento se abre, um quadrado luminoso ofusca seu rosto. Ela atravessa o corredor, está segurando um galho nu nas mãos. Vá até a cozinha, diz Paul, Anna ainda está dormindo no quarto. Adina assente uma vez e duas vezes e três vezes, ele a acompanha com o olhar, sua camisola está pendurada para fora do sobretudo. Ela lhe dá o galho pelado e ri, uma risada solta, vai virar sabugueiro, ela diz. Ela se senta junto à mesa da cozinha, diante dela há uma xícara de café manchada, ao lado, uma chave. Adina olha para o relógio na parede, deposita uma nota de dinheiro sobre a mesa e toca o rosto. Aqui estão meus olhos, ela diz, aqui está minha testa, aqui está minha boca. Ela desabotoa o sobretudo, e aqui está minha camisola, ela diz. E aqui um relógio está pendurado na parede e aqui uma chave descansa sobre a mesa e lá fora há um dia diante da porta, eu não estou louca, são oito horas, e todos os dias são oito horas e eu nunca me embriaguei, quero me embriagar agora, não apenas às dez. Ela empurra a xícara de café até o limite da mesa.

Paul guarda o dinheiro no bolso do sobretudo dela, põe um copo diante do queixo dela, depois uma garrafa. Ele serve aguardente no copo, ele mete o copo na mão dela. Ela não bebe, ela não chora, seus olhos escorrem e sua boca está muda. Ele segura a cabeça dela. Anna está junto à porta. Ela não está de banho tomado, não está penteada, apenas se vestiu. Ela pega a chave da mesa, calça seus sapatos. Ela atravessa o corredor na ponta dos pés. A porta bate ao fechar.

Você pode ficar, diz Paul, tenho de ir trabalhar agora. A porta bate ao fechar.

Os sapatos de Adina estão no corredor. Seu sobretudo está no quarto sobre a cadeira, sua meia-calça, no chão. O galho pelado, que vai virar sabugueiro, está no vaso ao lado da cama. A cama ainda está quente de Anna.

Adina veste a meia-calça, suas pernas não estão dentro da meia-calça. Ela veste o sobretudo, seus braços não estão dentro do sobretudo. Apenas a camisola fica pendurada para fora do sobretudo. Ela mete a camisola dentro da meia-calça. A chave, o dinheiro, a lanterna estão no bolso do sobretudo. Na cozinha, o sol se encontra sobre a mesa, debaixo da mesa ficou sujeira de seus sapatos, na parede o relógio faz tique-taque e escuta a si mesmo. Logo é meio-dia. Adina escorrega os pés para dentro dos sapatos, seus dedos não estão nos sapatos, eles estão no relógio. Adina sai da cozinha na ponta dos pés, antes de os dois ponteiros se encontrarem na metade da cabeça do dia, onde é meio-dia. A porta se abre, a porta bate.

A respiração de Adina caminha na sua frente, ela tenta segurá-la com a mão, mas não a alcança mais. Há uma lata de lixo do lado da calçada. Uma velha com uma bengala e um saco de pão está encostada na lata de lixo. Ele está pela metade. A bengala arranha o asfalto, tem um prego na extremidade inferior. Ela curva a cabeça e a bengala para dentro da lata de lixo, espeta pão seco com o prego.

A esquina é de vidro de janelas. Por trás, há um homem sentado debaixo de um pano branco. O homem é jovem e magro, o saco de seu cabelo não ficará pesado quando ele morrer, pensa Adina, não mais pesado do que o saco cheio de pão. A tesoura abre e fecha, pontas curtas de cabelo caem sobre o pano. O barbeiro corta e conversa. Ele prolonga o tempo para além do inverno, assim como Adina prolonga o caminho de casa, porque a raposa está se remexendo debaixo da mesa, porque há uma árvore aqui no meio do asfalto diante da janela, onde o cabelo é cortado, e porque a árvore está pelada.

O segundo ônibus comprime seu acordeão preto. As dobras abrem e fecham. Os chifres procuram pelo caminho, o motorista come uma maçã. Um homem se levanta antes de a escada estar imóvel. As pernas de sua calça tremulam, seus sapatos brilham. Ele usa uma jaqueta corta-vento. O acordeão estridula, troncos de árvores passam pelos

vidros, sobretudoos caminham devagar e o andar de ônibus pressiona-se para cima contra o vidro. Apenas o caixão, que está preso com cordas ao teto de um carro vermelho, carrega consigo o ônibus por um tempo. Pois o caminho mantém os troncos das árvores à distância, empurra o caixão para cima de tudo, através do acordeão, de um vidro para o outro. Depois são blocos habitacionais que passam, cujas calçadas já são parede. O caixão passa pela janela mais ao fundo e o homem com a jaqueta corta-vento belisca o traseiro de Adina. Ela está em pé nas escadas, ela o empurra, ela tropeça, a porta bate, pó se levanta.

O rosto do homem continua andando de ônibus. Ele lhe mostra o punho junto à janela, ele abre os dedos e lhe joga um beijo voador.

A raposa não está se remexendo debaixo da mesa. O pelo está inteiro no chão diante do armário. Adina põe a chave sobre a mesa. Ela está no quarto, mas o quarto está apenas para si. As patas traseiras e o rabo estão tão próximos do pelo que não dá para ver o corte. A ponta do pé de Adina afasta a pata traseira esquerda, afasta a pata traseira direita, afasta o rabo. A pata dianteira direita traz consigo a barriga e a cabeça, ela está crescida ali. A pata dianteira esquerda deixa a barriga e a cabeça paradas. Ela foi cortada. A cama está desfeita.

A cozinha, as maçãs, o pão.

Adina está no banheiro e o banheiro está a sós consigo. Há um toco de cigarro nadando dentro do vaso sanitário. Na água faz horas, está estufado e rasgado.

Adina põe a nota de dinheiro e a lanterna sobre a mesa. Ela tira o sobretudo e a meia-calça. Ela se deita na cama. Os dedos de seus pés estão gelados, a camisola, a cama estão geladas. Seus olhos estão gelados. Ela escuta o coração batendo sobre o traveseiro. Ela gira a mesa nos olhos, a nota de dinheiro, a lanterna, a cadeira. O despertador faz tique-taque até a luz sumir na janela.

Algo toca, não é o despertador. Adina encontra os dedos do pé e o chá ao lado da cama. Ela acende a luz, ela abre a porta. Um quadrado claro pousa sobre a escada, ela sorri e oferece o rosto. A boca de Paul está fria. Ele segura um galho nu nas mãos, vai virar sabugueiro, ele diz. Com o galho na mão, ela estica o indicador, aponta com a extremidade do galho para a raposa. Ele ergue em sequência as patas cortadas, desde hoje são três, ela diz, olha para ele e tira o cachecol do pescoço dele. A nuca dele está raspada, estive no barbeiro, ele diz.

Ela põe o cachecol sobre a cama. Em todos os quartos em que vivi até hoje, a raposa ficava diante do armário, até no abrigo dos estudantes, onde o quarto era apertado, ela diz, éramos quatro. Havia um gato no abrigo, ele era gordo e quase cego, não pegava mais os ratos. Ele passeava por todos os quartos, das escadas da frente até atrás na direção do corredor. Farejava os pedaços de toicinho e os comia. Nunca entrava no nosso quarto, tinha farejado a raposa.

Ela enfia a ponta nua do galho na boca, não olhe assim, ele diz, senão não vai virar sabugueiro. Ela vai até a cozinha, o vaso ficou com uma borda marrom por causa dos últimos crisântemos. Ontem vi Clara no hospital, ele diz, ela cheira o galho, Clara estava esperando no setor dos abortos, ele diz, a torneira aberta faz barulho, ele está parado junto à porta da cozinha, há bolhas na água, ela enche o vaso até a borda marrom. Ela passa ao seu lado com o vaso, ele a segue.

Mais uma pata, diz Paul, a gente enlouquece com uma raposa dessas. Ele põe o galho na água, não é preciso binóculo, isso é uma raposa, diz ele, entre cama e cadeira estamos no meio da floresta, o galho nu faz uma sombra nua sobre o rosto dele. O binóculo, ele diz, estava hoje de manhã com o porteiro. Ele não estava olhando para trás, observando a floresta, ele estava olhando para a frente, observando a entrada. Quando me coloquei na frente dele, ele não abaixou o binóculo, ele me encarou e disse, meu senhor, seu olho é do tamanho de uma porta. A sombra nua no rosto de Paul poderia ser uma ruga. Depois veio um homem, ele diz, que deu dinheiro ao porteiro porque hoje não era dia de visitas. O porteiro deixou o homem olhar pelo binóculo, eu tirei meu sobretudo e coloquei o avental branco sobre o braço. Paul pousou os dedos sobre as pontas dos dedos de Adina, como dizemos para um homem, ele perguntou, que dá dinheiro ao porteiro e pela manhã já está subindo as escadas com um pão fresco na sacola, que sua mulher morreu há uma noite durante a queda de energia? Ele puxa Adina para si, andamos devagar, ele diz, porque o pão fresco está cheirando, ela sente como o queixo dele se movimenta na cabeça dela, dentro da orelha dele há tufos de cabelo. Torcemos por esse homem, ele diz, para que a ampliação do binóculo tenha esvaziado o susto durante todo um dia. Ela puxa as pernas para debaixo da camisola e põe os pés sobre seu joelho. Torcemos em vão, ele diz, pois ouvimos nos passos desse homem que em poucos minutos ele vai perder a razão.

Adina segura o rosto nas mãos. Ela enxerga, pelo meio dos dedos, como os galhos são claros, como a haste fica escura na água.

Paul acende e apaga a lanterna. Ele pega a nota de dinheiro de cima da mesa, você queria ter me dado isso pela manhã, ele diz, e a alisa com a mão. Há um rosto estampado nela, sujo, amassado e mole. Ele fura com a ponta do galho mais longo um buraco no rosto, ele espeta a nota de dinheiro no galho nu. Mais uma pata, ele diz, e depois?

O joelho esquerdo se ergue, o joelho direito se abaixa. A grama está pisoteada, o chão está macio. A sujeira escorrega para longe, os sapatos encalombados apertam os tornozelos. Os cadarços são de lama, desde de manhã até o meio-dia, rasgados duas vezes e duas vezes amarrados. As meias estão molhadas, o vento sopra e seca a sujeira nas mãos. O boné caiu na sujeira.

O cigarro, interrompido por comandos, fica sujo por cada mão que desde de manhã até o meio-dia acende esse único cigarro quatro vezes e a fumaça em voos finos de boca em boca, e amassado três vezes, o último jogou-o fora em brasa.

A trincheira é funda o suficiente, vai até o pescoço, e a luz está tão baixa sobre a grama como o tanque na floresta, como a testa sobre os olhos. O dia é puxado até o chão entre a floresta e a colina.

É noite, os cantos dos olhos dos soldados espreitam, o oficial do dente de ouro foi mijar depois do último comando, passou pelo tanque, três árvores para dentro da floresta. Os soldados não movimentam sapatos e pás, eles fazem silêncio e escutam o jato d'água do oficial atingir o chão. Mas os galhos estalam e os corvos voam até os ninhos e gritam, eles pressentem a neblina que aos poucos recobre as árvores. Talvez eles pressintam a neve atrás da paisagem, nas costas planas dos dias seguintes. Neve, que é áspera e seca e que fica caída. Neve tão branca que seus bicos pretos ficam sempre abertos e se resfriam, porque não encontram nada para comer, só milho congelado.

O jato sobre o chão da floresta emudeceu.

O oficial abotoa a calça, afunda mais o quepe na cabeça, aperta mais o cachecol ao redor do pescoço. Ele raspa a sujeira da bota com um galho ressequido.

Ficar em formação, fazer a contagem, cada voz tem um tipo de cansaço diferente, cada inspiração de cada boca é um animal bafejante diferente. Duas fileiras, os grandes, os pequenos.

Pás no ombro, grita o oficial, passa as filas em revista, DOLGA, onde está sua pá? Ilje ergue as mãos até o gorro, bate uma das botas na outra, às ordens, camarada oficial,

minha pá sumiu. O oficial ergue o dedo indicador e seu dente de ouro é mais claro que seu rosto, procure-a, ele diz, sem pá você não volta à unidade.

Direita volver, marche, esquerda, direita. Os soldados sobem a colina marchando ao lado das marcas do tanque. O pico da colina os engole de baixo, o céu os engole de cima.

Ilije não escuta mais seus passos sincopados, ele caminha ao longo da trincheira. Seus olhos vasculham a trincheira, ela é mais escura do que o chão. Suas mãos estão doendo por causa da pá, porque a pá não pressiona mais, porque as mãos não cavam mais, porque os calos viraram pele e ardem. Seus sapatos encontram apenas grama e sujeira, seus olhos encontram a colina. Ela se postou na noite e a floresta é um canto escuro, não há árvores por lá.

Ilije pensa que há uma terra lisa atrás da colina, que à noite talvez ela seja feita de água, uma água igualmente lisa, que ele poderia fugir se fosse escura feito a margem e o lugar de onde ele saltaria não o visse e a água o carregasse. Se nadar bastante, ele pensa, os olhos vão se acostumar com a noite e atravessar bastante, e, depois de ter atravessado tudo, as mãos vão tocar numa outra margem. Mas ele pensa que teria de tirar os sapatos encalombados antes de chegar ao pico da colina. Ele se livraria deles antes mesmo de saltar; livre deles, não perderia tempo em desamarrá-los na margem, com os cadarços cheios de nós. E amanhã, quando o dia começar igualmente cedo e sombrio com um comando, com um dente de ouro, desperto há tempos, quando a colina marchar colina acima ao lado das marcas do tanque, esses sapatos estarão lá e as árvores estarão novamente na floresta e os corvos também.

Mas há uma carta para Adina numa caixa de correio distante. Dentro dela há uma foto dele, cabelo preto sem quepe, uma testa branca e um sorriso débil sem grama na boca.

No pico da colina, Ilije fica com medo de pisar para fora das solas dos próprios pés. A planície é escura, mas não há água no chão. Ele caminha para lá e para cá ao lado das marcas do tanque e está com medo de se virar para si mesmo. A trincheira viu tudo e amanhã o oficial do dente de ouro vai saber, isso é traição. Sua boca vai gritar, seu dente vai brilhar. O pico da colina ficará parado, mudo, sem saber mais que passou a noite numa testa, que foi quem incitou à fuga uma cabeça transparente de medo.

Em seguida, cada passo abre um buraco no estômago, cada inspiração cria uma pedra na garganta. Folhas de milho rasgadas raspam os joelhos, há grama na altura do traseiro nu. Ilije tem de cagar. Ele ergue a cabeça, ele faz força. Ele arranca uma folha do cabo, uma folha estreita, longa, de milho. A folha de milho se rasga e seu dedo fede. E fedem o milharal e a floresta. E a noite e a lua, que não apareceu, fedem.

Ilije chora e amaldiçoa a mãe dos soldados dos oficiais dos tanques e trincheiras.

Os deuses e todos os partos do mundo.

Suas maldições são frias, suas pragas não são de comer, não são de dormir. São para ficar vagando por aí e passar frio, sobem por entre talos de milho e vomitam. Suas maldições são para se agitar e deitar esticado, para um curto ataque de raiva e um longo repouso.

Quebradas, as maldições nunca existiram.

QUANDO ESTÁ FRIO NÃO CONSIGO OLHAR PARA A ÁGUA

Sei o que eu sei, diz Clara em voz alta, o bonde resfolega, passa perto da chapada, Ilje é sensível, ela diz, a ponte treme, as árvores se amontoam no parque. Eu sabia, ela diz em voz baixa, que ele não suportaria a raposa, as unhas vermelhas mergulham primeiro no cabelo e só emergem de novo depois de uma mão branca curvada. Eu também sei que ele não fugirá, ela diz. E o cabelo dela voa e se arma ao vento feito um leque sobre sua testa. Disso você não sabe, diz Adina, como você poderia saber? Ela olha para o rosto de Clara, os cantos dos olhos agudos e com um traço preto.

Sem pescador, o rio é fio d'água na cidade, apenas sua bile podre permeia a superfície e o fundo, dá para cheirá-la.

Os sapatos de Clara batem sobre as placas de pedra. Adina fica parada e Clara, sem perceber, dá mais três passos, continua andando bem no meio da placa de pedra. Venha, ela diz, quando está frio não consigo olhar para a água. Em seguida, ela para; em seguida seu cabelo, na água, parece escuro como grama de rio. Ficamos nuas de frio, diz Adina. Clara a puxa pelo braço, estou tonteando, ela diz. Depois ela se afasta da água, dá alguns passos caminho adentro. Adina joga uma folha murcha dentro d'água, mas não é o rio que provoca ânsia, ela diz, e fica observando a folha que é pesada e já está tão molhada que as ondas pequenas não a carregam, Paul viu você no hospital, ela diz.

Eu sei, diz Clara, eu também sabia que ele te diz tudo. As unhas vermelhas dela mergulham nos bolsos do sobretudo, ela forma uma barriga com as mãos por dentro do sobretudo, eu estava grávida, ela diz. Os punhos brancos curvados emergem de novo, as unhas, não. Como assim, você pôde abortar?, Adina pergunta. Há uma folha molhada pendurada no salto de Adina, Pavel conhece o médico, ela diz.

A grama está congelada no parque, fica em fardos ao lado dos caminhos, espessa e vazia. Mas os galhos do alto escutam mesmo sem folhagem.

Clara pega uma folha de grama, ela não precisa arrancá-la, está jogada lá, não cresceu. Ela está amassada, não fica em pé entre seus dedos. Adina se vira, mas o estalido não é um passo estranho, é apenas um galho sob o próprio sapato, ele é médico?, Adina pergunta, e Clara diz, ele é advogado. Ela se vira, mas o ruído não é um passo estranho, é apenas um frutinho da noqueira que caiu no caminho. Por que você não me contou

nada?, Adina pergunta, Clara joga a folha de grama fora, ela não voa, é leve demais, ela cai sobre o seu sapato, porque ele é casado, ela diz. Depois os sapatos fazem barulho e a areia raspa o caminho. Uma mulher vem empurrando uma bicicleta, por que você o esconde de mim?, pergunta Adina, há um saco sobre a bicicleta, porque ele é casado, diz Clara, a mulher se vira, nós nos vemos raramente, Clara diz. Desde quando você o conhece?, pergunta Adina.

Nove soldados e um oficial estão diante do cinema. O oficial distribui as entradas do cinema. Os soldados conferem as filas e os assentos. O cartaz mostra um soldado sorridente e uma cancela de via férrea fechada de um lado do rosto ao outro. Sobre o quepe do soldado fica o céu azul, e debaixo do rosto aparece o título do filme, NINGUÉM PASSA POR AQUI.

Clara dá uma cotovelada, seu queixo aponta para os soldados, veja como eles estão parados ali, diz ela, os olhos de Adina vagueiam pelas fardas verde-escuras, eu os vi, ela diz, Ilije não está no meio.

Uma voz cumprimenta, o anão nos seus saltos altos, sobre seus tijolos quebrados.

Clara sorri, está frio na cidade, diz o anão. Clara assente. A cabeça dele é grande demais, o cabelo espesso demais e tão claro diante das fardas verde-escuras como a grama congelada do parque. Agora resfriou, diz o anão, quando comprei estava quente. Ele carrega um pão debaixo do braço.

Um velho carrega um botijão de gás num carrinho de mão. Há uma tampa na torneira do botijão, um saco com pão está pendurado na tampa. O braço do carrinho de mão é um cabo de vassoura, suas rodas são de um triciclo de criança. As rodas são estreitas, elas se engastalham nas frestas das placas de pedra. O homem faz força e por alguns passos seu caminhar é o de um cavalo magro. A tampa do botijão de gás está solta. O homem para, deixa o cabo de vassoura bater sobre as placas de pedra. Ele se senta sobre o botijão de gás, arranca um pedaço da casca do pão. Mastigando, ele olha para os troncos dos álamos, depois para os galhos no alto.

Atrás da cabeça andam sapatos, ouvem-se passos na nuca. Adina vira a cabeça, as mãos dele enfiam sementes de girassol na boca, seus sapatos brilham, as pernas de sua calça tremulam, sua jaqueta corta-vento estala. Os sapatos repicam sobre o rosto dela. É o homem do ônibus, que empurrou o caixão em trânsito de uma janela à outra. Gosto de você, ele diz, e cospe uma casca de semente girassol sobre a pedra, você é boa na cama. Lá há um banco, e sobre o banco há uma garrafa vazia, você deve foder bem, ele diz, e no banco seguinte há os pregos nus do ferro onde havia uma tábua de sentar. Ela diz, suma, e se senta no terceiro banco vazio. Ela fica no centro, ele cospe uma casca de semente de girassol sobre o banco, ela se recosta. Ele se senta. Há bancos o suficiente, ela diz e vai para a ponta, ele se recosta e olha no rosto dela. Ela não se recosta mais, suma ou eu grito, ela diz. Ele se levanta, não importa, ele diz, não importa. Ele sorri para dentro de si, abre a calça, segura o pau na mão. Daí eu vou me despedir, ele diz, e mija no rio. Ela se levanta, sua língua subiu-lhe aos olhos de tanto nojo, ela não enxerga as placas de pedra no primeiro passo. Ela sente como sua cabeça se preenche de água fria pelas duas orelhas. Ele sacode os pingos do seu pau. Eu pago, ele grita atrás dela, dou trezentos lei, eu mijo na sua boca.

Adina olha para a ponte, ele segue devagar na outra direção, na direção de que veio. As pernas de sua calça tremulam, as pernas são finas. Ao caminhar, ele ergue várias vezes a mão ao rosto, ele come sementes de girassol. Suas costas são estreitas.

Ele caminha feito um homem tranquilo.

Como é a história do romeno baixinho que chega ao inferno?, ele perguntou, eu disse que não sabia. E ele me disse que há três semanas eu sabia. Depois ele disse que dava para notar, por “n” razões, que eu achava que os baixinhos iam para o céu e não para o inferno. E isso é uma contradição, ele disse. Eu abri a gaveta porque estava resfriada, procurei meu lenço, e ele disse que era para eu fechar a gaveta. Eu perguntei por que e ele disse que poderia haver algo na gaveta que ele não devesse ver. Eu disse, isto é um escritório, e ele disse, depois de quatro anos e meio, toda gaveta se torna íntima. Eu ri e disse que não sabia que ele era tão discreto. Depois ele disse que era advogado e que tinha boa educação. Então, o que é que o romeno baixinho vê no inferno?, ele perguntou. Depois ele contou a piada inteira: um romeno baixinho morre e chega ao inferno, há muito empurra-empurra e todos estão metidos até o queixo na lama quente. O diabo aponta o último lugar livre num canto para o romeno baixinho e o romeno baixinho se posta no lugar livre e afunda até o queixo. No meio, ao lado do assento do diabo, porém, há alguém metido somente até o meio na lama. O romeno baixinho estica o pescoço e reconhece Ceausescu. E ele pergunta ao diabo onde está a justiça, ele tem mais pecados do que eu. Sim, mas ele está de pé sobre a cabeça da mulher, diz o diabo.

Ele ria e ria. Então percebeu que estava rindo e seu olhar ficou penetrante, ele encolheu os ombros e a pinta na jugular começou a pulsar. Ele me odiou porque teve de rir. Seus toques se tornaram precipitados, suas mãos eram como garfo e faca, ele tirou uma folha de papel de sua maleta e pôs uma esferográfica sobre a mesa. Escreva, ele disse. Peguei a esferográfica e, olhando através da janela para o pátio da fábrica, ele ditou, EU, e eu perguntei EU ou O SENHOR, e ele disse, escreva EU e seu nome. Meu nome é suficiente, eu disse, afinal sou EU. Ele gritou, escreva o que eu estou dizendo e daí percebeu que estava gritando, apertou o queixo e os cantos da boca entre os polegares e os indicadores e disse baixinho, escreva EU e seu nome. Eu escrevi, NÃO DIREI A NINGUÉM, INDEPENDENTEMENTE DA RELAÇÃO DE PROXIMIDADE EXISTENTE, QUE COLABORO. Baixei a esferográfica e disse, não posso escrever isso. Ele perguntou, por quê?, e eu disse, não posso viver assim. Ah, é isso, ele disse, suas têmperas mastigavam, mas sua voz permaneceu muito tranquila. Levantei-me e me afastei da mesa, me postei diante da janela e olhei para o pátio, não quero mais ser importunada na fábrica, eu disse. Tudo bem, ele disse, pensei que você precisasse das tardes para coisas pessoais. Ele meteu a esferográfica na jaqueta e amassou a folha e guardou a bolota na maleta. Ele tinha aberto totalmente a maleta e eu vi um retrato lá dentro. Não consegui enxergar o retrato claramente, apenas uma parede. Eu sabia que conhecia essa parede. Você acha que estamos perseguindo você, ele disse, você ainda vai vir por conta própria. Ele fechou a maleta com força e depois fechou a porta com força. Quando ele partiu, eu vi meu pai nessa parede com suas faces descarnadas e as orelhas grandes. Era a última fotografia que mamãe tinha recebido de papai.

Como ele se chama?, perguntou Adina, e Paul diz, MURGU, e Abi diz, PAVEL MURGU. Que idade?, pergunta Adina, e Paul diz, trinta e cinco, quarenta e cinco. Ele não

tem quarenta e cinco, diz Abi.

O café está escuro, as cortinas nas paredes de vidro são de um vermelho escuro, as toalhas das mesas são de um vermelho escuro e engolem o pouco de luz. E os sobretudos e os gorros são pretos. As lâmpadas brilham para si, a fumaça é mais clara, fica pendurada feito sono atravessado pela conversa. Nos buracos das cortinas, do lado de fora ao lado do rio, sobre as placas de pedra, o dia está ficando noite. Os troncos dos álamos se estorvam entre si, o vento gira no caminho junto à margem, junta folhas secas e as enxota novamente. Os pescadores estão no café. Eles se embebedam. Eles bebem até que a noite se torne inseparável da bebedeira na cabeça. Quando seus olhos casualmente olham pela janela, uma folha tomba do ar, aqui e acolá. E eles sabem que ela vem de longe, pois os álamos junto à água são pelados, seus galhos são varas de pesca. Os pescadores não confiam nos álamos pelados. Eles sabem que as varas de pesca continuam sendo no alto aquilo que as cabeças dos pescadores são embaixo. Os álamos proíbem a felicidade no inverno, dizem os pescadores, os álamos pelados devoram a felicidade enquanto eles bebem.

Para quem você contou a piada?, pergunta Paul. Se eu ainda soubesse, diz Abi.

O pescador com medo de melões põe uma garrafa de aguardente pela metade sobre a cabeça. Ele estica os braços feito asas e dá uma volta ao redor da mesa com a garrafa na cabeça.

MURGU leu uma declaração para mim, diz Paul, na qual rosto sem rosto significa Ceausescu. Ele diz que ela é sua. Eu não acreditei. Daí ele me mostrou a folha, era sua letra. Ele ditou, diz Abi, e um homem gritava na sala ao lado, escutei a surra, escrevi tudo. Era uma gravação, diz Paul olhando para Adina. Ela olha para o vazio entre os dois rostos. E no vazio o rosto de Abi tem faces encovadas e orelhas grandes. Não era uma gravação, diz Abi, não acredito. Tinha passado da meia-noite quando pude ir embora, diz ele. Desci as escadas. Na casa do zelador havia um espelho do tamanho de uma mão apoiado no telefone, ao lado um cinzeiro com água e um pincel de barba dentro. O zelador estava com espuma branca no rosto e uma lâmina de barbear na mão. Não acreditei no que vi. Procurei a pinta no seu pescoço. Apenas quando eu estava ali do lado e o zelador afastou a lâmina da face e gritou, está ventando, feche a porta, é que compreendi que o zelador se barbeava. Não havia mais ninguém na rua, estava escuro feito breu, diz Abi, eu só via uma espuma branca diante dos meus sapatos. Em seguida, passou um bonde vazio de um vagão e janelas claras. O motorneiro andava sozinho e estava com espuma branca no rosto. Não consegui entrar.

O pescador com medo de melões ergue a garrafa de aguardente até a boca, ele não bebe, ele fecha os olhos e beija a boca da garrafa. Depois, cantarola uma canção, os olhos do pescador nadam na bebedeira, e a bebedeira nada na fumaça. Lá fora, o relógio da catedral bate, quem sabe quantas vezes, menos do que a canção cantarolada, ninguém acompanha as batidas, nem Adina.

Para quem você contou a piada?, pergunta Paul.

É durante a noite, diz Abi, sonhei que estava procurando o túmulo numa cidade

estranha. Fui levado até um pátio de pedra. O muro de trás era a parede na qual a última foto do meu pai estava encostada. Eu tinha de cortar uma fita branca. Um homem grande e gordo me passou uma tesoura e um homem pequeno e gordo de avental branco estava ao meu lado e se pôs na ponta dos pés. Ele disse ao meu ouvido, o pátio está sendo inaugurado. Em seguida, os homens passaram em fila. Eles todos eram muito magros e seus olhos pareciam bolas de vidro, não havia nenhum olhar nelas. O homem pequeno e gordo perguntou, você o vê? Eu disse, não pode ser ele. O homem pequeno e gordo disse, nunca dá para saber, eles estão todos mortos.

Paul e Abi estão em silêncio, seguram a cabeça nas mãos, seus crânios com a razão abalroada. Tiratirá-tiratá, cantarola o pescador, e sua boca está em todos os rostos. De mão em mão, a garrafa de aguardente dá a volta da mesa. Cada um dos pescadores fecha os olhos e bebe.

É uma noite no café, que acaba com as horas no meio da cidade assim como aqui e ali uma sombra do tamanho de um homem se suicida, sem mais, no rio. É inverno na cidade, um inverno demorado, envelhecido, que insere seu frio dentro dos homens. Há um inverno na cidade no qual a boca resfria, em que as mãos, ausentes, seguram e deixam cair a mesma coisa, porque a ponta dos dedos da mão se torna como couro. Há um inverno na cidade em que a água não chega nem a congelar, em que os velhos carregam suas vidas passadas feito sobretudos. Um inverno em que os jovens se odeiam feito infelicidade quando aparece, entre suas temporadas, a suspeita da felicidade. E, mesmo assim, procuram suas vidas com as órbitas oculares nuas. Um inverno passa ao redor do rio, onde em vez da água apenas o sorriso resfria. Onde o gaguejar já foi o conversado e o grito alto já foi a palavra dita pela metade. Onde cada palavra morre na garganta e bate com a língua nos dentes, muda, cada vez mais muda.

O pescador com medo de melões beija a boca da garrafa e canta:

*Antigamente e não agora
Eu dormia e meu pau, não
Mas agora e agora e agora
Meu pau dorme e eu, não
Tinutini-tinatá*

A escuridão está trancada na escadaria, ela cheira a repolho cozido. Ela não encontra a corrente de ar, embora a porta do bloco residencial esteja aberta. Ela está presa, com as pernas pesadas, nos primeiros degraus. Tão pesadas que até o círculo pálido da lanterna fica preso no corrimão e salta até a parede em silêncio. Os sapatos fazem barulho na cabeça. Há uma câmara de secagem no primeiro andar, uma mancha de luz vem de fora e cai sobre fraldas brancas. A lixeira ao lado é cinza, como uma manga de tecido. No segundo andar, há um gerânio pelado num balde de plástico. Ele cheira a terra embolorada e repolho cozido. Adina não quer encostar nele, ela vai para o lado do corrimão. No terceiro andar, os sapatos estalam. Pernas de calça vêm descendo a escada, uma camisa reluz. Adina segura a lanterna mais para cima. O círculo pálido salta sobre o ombro do homem. Seu meio rosto, seu olho, seu ouvido, a ponta do colarinho branco. Entre o colarinho e a orelha, uma pinta está iluminada. O canto de seu nariz, o círculo da lanterna dobrou-se em seu queixo.

Ambas as nozes, pensa Adina, e esse homem, que amassa uma noz na outra em sua mão, e como você se chama?, uma voz perguntou, ele já desceu até o segundo andar, ele vai embora e fica preso na cabeça de Adina. Era verão, e o que vamos fazer agora?, ele perguntou. E ele contou a piada do romeno baixinho. Sua pinta pulsava na carótida, Abi disse.

No quarto andar, a campainha toca, Adina tira o indicador, a campainha silencia, sei o que eu sei, Clara disse, e a porta estala e o cabelo de Clara aparece revoltado na porta.

Em seguida, Adina aperta a porta contra o rosto de Clara e seu cabelo dá um passo para trás, fica atrás da porta aberta. Como se o cabelo fosse da porta, Adina passa, segue em frente até o corredor. A porta da cozinha está aberta, recende a café.

Duas xícaras sobre a bandeja, duas colheres, grãos de açúcar espalhados sobre o criado-mudo. A cama está desfeita, o padrão adamascado no traveseiro, como sussurros exalados pela boca.

Ele esteve com você, diz Adina, o homem, agorinha na escadaria, era Pavel. Clara

ergue o cabelo, sim, ela diz, sua orelha está em brasa junto ao rosto debaixo de seus dedos finos, o cabelo se anela, revoltado, ao redor de seus olhos, vocês se veem tão raramente e raramente é todo o dia. Sua respiração espanta qualquer palavra, eu sei por que você o esconde, ela diz, não minta para mim, seu advogado trabalha no serviço secreto. Há uma toalha sob o braço de Clara na cadeira, e seus dedos finos abotoam a blusa, os botões redondos e brancos, você mente mesmo quando você não fala nada, diz Adina. Há cravos vermelhos inchados no vaso, seus cabos se tocam, ao redor das folhas a água está turva.

Eu não seria capaz de fazer nada que pudesse prejudicar você, diz Clara, ele também não. Sobre a máquina de costura há uma meia-calça, Adina segura o queixo com a mão e vai até a cozinha.

Clara está encostada na geladeira, põe o indicador sobre a boca, Pavel é uma boa pessoa, ela diz com os lábios fechados. O bule de café está torto sobre a grelha, o fogão está todo respingado, Pavel prometeu, diz Clara, ele sabe que eu só posso amá-lo se não acontecer nada com você. O pano de prato está amarrotado sobre a mesa. E a raposa?, pergunta Adina, ele disse a você por que eles retalham a raposa? Ele come você por encomenda, ele nos queria a nós duas, diz ela, uma no verão, outra no inverno. Quando acorda, sua cabeça tem dois desejos que são como dois olhos — para os homens, seu punho se endurece; para as mulheres, é o seu pau.

Uma saia de seda está pendurada do lado de fora do bloco habitacional, ela é vermelha em cima e seca, embaixo está preta da água e o cóis não para de pingar. E os outros?, pergunta Adina, seu bom homem, ele também prometeu protegê-los? Clara pressiona os lábios, seu olhar passa muito reto bem ao lado de Adina e atravessa o vidro da janela, você não o conhece, ela diz, aperta o cabelo na cabeça com a mão.

Você se deita com alguém assim, diz Adina. O açucareiro está aberto, o açúcar está duro feito pedra na mancha marrom de café. O vento sopra lá fora, na árvore, mas você não o conhece, diz Clara, a bola verde murcha está presa na forquilha do galho. Não conheço você, diz Adina, a bola verde murcha tolera a passagem de um segundo inverno, aquela que eu conheço não é você, ela diz, pensei que eu a conhecia. Os dedos dos pés de Clara estão encolhidos. Quadrinhos azuis no joelho, o frio dos azulejos sobe até a barriga, você se deita com um criminoso, Adina grita, você é como ele, você o carrega no rosto, você escutou?, você é como ele. Clara aquece um pé no outro, não quero mais ver você, Adina grita, nunca mais. Suas mãos se debatem, seus olhos estão arregalados, seu olhar é o caçador, salta dos olhos e acerta. O que a boca molhada grita é brasa sobre a língua. Sua raiva é ódio, e tão escura quanto seu sobretudo.

Fique aqui, diz Clara. Adina solta os dedos magros que tentam agarrá-la pelo sobretudo, solta sua manga. Não encoste em mim, ela grita, não consigo ver suas mãos. O cabelo de Clara fica na porta da cozinha. O corredor não permite nenhum passo aos dedos do pé. A porta bate.

A escada sobe junto à parede, a lanterna lança a luz para longe. No terceiro, no

segundo andar, Adina se guia pelo corrimão. A lixeira faz barulho, ela escuta algo caindo pelo cano, algo cair na cabeça. Dois lances mais para baixo, vidro se quebra.

Do lado de fora sob a árvore, quando se ergue o queixo e olha para cima, a bola verde murcha na forquilha da árvore é tão pequena e escura como se nada existisse lá em cima a não ser outro olho. Sobretudo passam; esses sobretudo envolvem novembro em vez das pessoas. Ele é tão melancólico e velho em sua segunda semana que a noite já chega pela manhã.

Minha mãe foi desde sempre minha avó, disse Clara, não por causa dos anos, mas apenas pela maneira como ela lidava com os anos. Quando ela começou a envelhecer, disse Clara, eu ainda era criança. Ela me abraçava apertado e dizia à minha orelha, onde você está, minha filha, onde você está tão longe? Quando ela começou a ficar velha, seu marido começou a ficar jovem, disse Clara, ao seu lado ele ficava cada vez mais jovem. Como se ele a tivesse espreitado, poupado a própria pele às suas custas. Como se minha mãe tivesse se encarquilhado também para ele. Não quero ficar assim, disse Clara, não devemos ser assim. Então ele se apressou. O que era a força dele junto dela se tornou a fraqueza dele. Num dos verões da cidade, ele parecia estar vivendo o seu primeiro. Ele não conseguiu se apurar sem ela nesse primeiro verão e seguiu-a em sua morte.

A porta do estádio está aberta. Policiais e cães esperam no estacionamento. Homens se apertam pelo portão para sair, eles cantam e gritam. À luz do estádio, a bola romena voava contra os dinamarqueses. O jogo de futebol foi vencido. Da trincheira do estádio ergue-se luz ao céu como se a lua tivesse se enganado. Esses dinamarqueses não são de nada, as mãos dos homens carregam a bandeira tricolor, três riscas distintas. Os retalhos vermelhos famintos, amarelos mudos, azuis vigiados no país recortado. Os dinamarqueses não são de nada, os lábios dos homens falam do mundo e do campeonato mundial, suas canções sobem garganta acima como o mato na trincheira do estádio. O que os dinamarqueses querem aqui?, o corredor fundista se mantém indiferente. Quando a alegria se agita, ele está sozinho consigo mesmo. Pois ele é um estranho.

Acorde, romeno, de seu sono eterno, canta um velho. A canção é proibida, ele se posta no meio-fio, enxerga o focinho de um cão e os sapatos de um policial, cantando se afasta do medo, ergue o queixo muito alto. Sua mão segura o gorro de pele. Ele o arranca da cabeça, ele o agita, ele o joga no chão e pisa com os sapatos. E pisoteia e pisoteia e canta para ouvir as solas de seus sapatos na canção. E a canção é proibida e a canção cheira a bebida. As bandeiras, no alto, se misturam; embaixo, as cabeças dos homens estão bêbadas, os sapatos, confusos. As bandeiras seguem com os homens na rua do outro lado, para dentro da noite.

A voz do velho cessa. Meu Deus, diz ele junto à acácia pelada, o que poderíamos nos tornar no mundo, mas não temos pão para comer. Um policial vai até ele com um

cão, e mais um policial. Ele ergue os braços e grita para o céu, Deus nos perdoe por sermos romenos. Seus olhos brilham na luz fraca, o brilho se apressa de soslaio. O cachorro uiva e pula no seu pescoço. Dois, três, cinco policiais o levam embora, carregado.

O estacionamento se levanta e se abaixa, com ele a acácia pelada. A rua joga seus passos sobre o rosto dele. O estacionamento está na cabeça. O céu embaixo é o Danúbio, o asfalto no alto é a noite. No olhar emborcado, lá debaixo da trincheira, no alto junto ao céu, no país recortado, uma luz branca envolve a cidade.

A cabeça do velho está pendurada bem para baixo.

Já pela manhã, o rosto do menino de olhos bem separados e têmporas estreitas mostra a mancha da solidão. A criança está sentada no banco em meio às outras e está sentada sozinha. Seus globos oculares são vermelhos, os círculos castanhos de seu interior desbotaram.

Durante a aula, Adina fica tentada duas vezes a chamar o menino à lousa. Ela vê, nos olhos dele que atravessam a janela, que os pensamentos não ficam parados atrás do vidro. É um olhar que tem muito a refletir. Adina chama à lousa o menino que se senta na frente do menino ausente. E daí um menino que se senta ao lado do menino ausente. Os olhos nas têmporas estreitas do menino foram para tão longe que não percebem.

Depois da aula, o menino se senta no beiral da janela e bocceja. A criança diz que esteve durante a noite atrás da catedral com a mãe, duas ruas atrás da ponte. É onde o padre húngaro mora, muitos foram rezar e cantar lá. Apareceram também soldados e policiais, eles não rezaram nem cantaram, eles apenas observaram. Estava frio e escuro, diz a criança. Quando rezamos e cantamos não sentimos frio, disse minha mãe. Por isso as pessoas não morreram de frio. E porque seus rostos e mãos estavam iluminados pelas velas acesas. As minhas mãos também, diz a criança. Quando seguramos uma vela diante do queixo, ela ilumina através do pescoço e da mão. O menino aperta a mão esquerda, com os dedos abertos, contra o vidro da janela. Os policiais e os soldados estavam morrendo de frio, diz a criança. Adina vê as correntes de verrugas cinzentas nos dedos. Os álamos estão em pé, agudos e pelados, diante do céu. Minha mãe disse, em todo lugar onde não há ninguém é possível haver alguém, assim como no verão às vezes há sombras onde não há nada nem ninguém, diz a criança. Minha mãe disse que são gavetas que não enxergamos e que não podemos abrir. As gavetas estão nos troncos das árvores, no gramado, na cerca, nas paredes, minha mãe disse. O menino desenha com o giz na mão direita sua mão esquerda no vidro da janela, nessas gavetas sempre há um ouvido, minha mãe disse. Lá onde o menino tirou a mão da janela, aparece no vidro o contorno verde de uma mão transparente. O ouvido escuta, minha mãe disse. Quando alguém nos visita, minha mãe sempre guarda o telefone dentro da geladeira, diz o menino. Ele ri e o riso voa para longe do rosto. Ele inclina a cabeça e encosta-a na mão

que segura o giz. Eu nunca guardo o telefone na geladeira, diz o menino.

O menino desenha unhas verdes nos dedos transparentes. Onde o contorno dos dedos está tremido, o giz desenha verrugas verdes sob as unhas.

O céu está cinza, isso não é cor porque tudo é cinza. Os blocos habitacionais lá do outro lado são cinza, um cinza diferente daquele do dia, uma outra falta de cor.

Eles não têm verrugas, camarada, diz o menino para Adina. Quando a gente cresce, as verrugas somem, elas passam para as crianças. Minha mãe disse que, quando as verrugas somem, vêm as preocupações.

Um vapor quente sai da boca da criança. Não dá para vê-lo. Lá fora, debaixo dos álamos pontudos, seria possível vê-lo. Logo depois ele estaria pendurado em silêncio no ar. E se afastaria sozinho. Enxergá-íamos no ar o que foi dito pela boca. Mas não mudaria nada. Mesmo que enxergássemos algo no ar, seria reservado e não público. Como tudo o que está nas ruas e é reservado e não é público, a cidade reservada, só para si, as pessoas na cidade reservadas, só para si. Somente esse frio cortante que está para todos, não a cidade.

Frutinhas verdes estavam penduradas nos dedos transparentes do vidro da janela.

O cortejo de casamento é pequeno. Ele segue atrás do trator, atrás dos músicos. A casa da juventude fica na primeira rua atrás da trincheira do estádio, é lá o cartório de registro civil. Seis policiais acompanham o cortejo do casamento. Eles se autoconvidaram, eles disseram que casamentos são proibidos porque reuniões são proibidas.

O portão do estádio está fechado, os dinamarqueses já voltaram para casa, mas a canção, a canção proibida, espalhou-se, não parou na cidade.

Cachorros latiram durante a noite, em todas as ruas e mais próximos do que de costume no inverno sem neve, quando a noite fica diante de si mesma. Depois de a noite ter desabrochado há tempos, quando apenas o frio ainda a mantinha na cidade, ainda havia pessoas em trânsito. Era mais tarde do que o caminho de casa mais tardio. Elas atravessavam as ruas com lanternas. E, onde paravam, as lanternas se apagavam e chamas de fósforos nasciam de seus dedos. Eram velas que queimavam.

No caminho de casa, Adina caminha atrás de si. Na esquina, junto ao rolo grosso e enferrujado de arame, um fio de ferrugem se arrasta pelo caminho. No congelar e descongelar, quando a neve não chega, o arame começa a escorrer lentamente. O cachorro OLGA late diante do barracão de madeira, frutinhas verdes brilham em seus olhos. OLGA, diz Adina em voz alta. Há uma gaveta na cabeça do cachorro, impossível de ser aberta. O dia está trancado nesse crânio. Ele está retorcido para trás nesses latidos noturnos. O caminho conhece a si mesmo, não tem distância. Os passos tremem e são sempre os mesmos.

Em seguida, os sapatos se apressam, a cabeça está vazia, mesmo que a raposa esteja

na cabeça. A raposa está sempre na cabeça.

Sempre quando Adina chega ao apartamento vindo da rua, o frio se enrola nas pontas de seus dedos e arde, pois Adina olha o banheiro. Depois, seu sapato empurra o rabo e duas patas para longe do pelo. Todos os dias.

Um toco de cigarro está nadando no vaso sanitário. Ele não está inchado. Adina põe o sapato sobre a pata da frente. A pata direita da frente se afasta com a ponta do sapato. Ela abandona o pescoço.

Enquanto o coração bate na boca, seus dedos sentem exatamente os locais dos cortes na barriga.

Pavel poderia ser padrinho do casamento, mas desde os dinamarqueses as pessoas não largaram as bandeiras, elas não vão para casa. Pavel tem de ficar à disposição no serviço, dia e noite, ele disse. Onde moram os dinamarqueses?, a bola deles é enfeitada, sua pele fina sem sol. Eles moram lá no alto, onde o globo terrestre se junta. Essa é a aparência deles, Paul disse.

Os clarinetes rasgam a música do casamento, os violinos mantêm a cadência mínima apenas entre os blocos habitacionais onde há um eco nos lugares apertados. O acordeão abre e fecha no ritmo. Clara puxa seu salto fino de uma frincha no asfalto. O cravo se quebrou, o cabo está no buraco do botão.

A grande pá amarela está no ar, diante do trator. Na frente, os dentes enlameados. Os noivos estão dentro da pá. O véu tremula, os cravos-brancos da noiva tremem quando passam sobre buracos. As mangas brancas dela estão enlameadas. O anão está usando terno preto e camisa branca e gravata-borboleta branca. Os saltos de seus sapatos novos são tão altos como duas telhas quebradas. Grigore está usando um chapelão, a zeladora, um lenço na cabeça com franjas vermelhas de seda. O zelador carrega uma rosca doce na mão. Seus olhos estão úmidos, ele canta:

*A juventude passou
para sempre agora, lindo mês de maio*

Mara é a noiva. Ela esperou por esse dia durante dois anos e eis que as reuniões estão proibidas.

Estamos casando, não estamos fazendo política, disse o noivo.

A mordida na perna de Mara já se curou faz tempo. Ela mostrou-a todas as manhãs no escritório, durante semanas. Primeiro era vermelha, depois se tornou maior e azul. Quando ficou verde, tinha alcançado seu maior tamanho. Os dentes cresciam e entravam na pele. Depois ela se tornou amarela, desfiou-se, encolheu e sumiu.

Mara teve problemas com o noivo. Ele quis acabar com o noivado. Ela teve de

mostrar a mancha todas as noites para ele e ele se acostumou. Mas ele não acreditava que a mordida tinha sido do diretor. Ele disse, se eu soubesse que não são os dentes de GRIGORE.

Os gansos da neve vivem da neve que não aparece. Não aqui. Eles viram o pescoço e abrem o bico. Eles gritam. Eles claudicam sobre o chão liso. O gelo da noite descongelou, eles abrem as asas, tomam impulso com dificuldade. Quando abrem as nadadeiras, levantam voo. O ar tremula acima da grama, bem próximo a ela, depois para longe sobre as árvores, como se houvesse um farfalhar de folhas na floresta pelada. Lá em cima, voando pelo céu, os gansos da neve se ajustam, deixam que a planície, a plantação e o milho caiam, pequenos, das asas. Não há neve, mas, ao saírem voando, a terra fica amarrada nas suas órbitas, uma bola branca. E embaixo, no chão, há a colina preto-esverdeada, com alguma vegetação. Penas planam atrás deles por um longo tempo.

Os corvos restam na floresta porque ela é preta. Os galhos se fazem de mortos.

Os soldados brincam do jogo das vespas. Eles ficam em círculo. No meio do círculo está o grilo, o polegar encostado na têmpora, os dedos juntos e esticados. O rosto virado para o lado, não pode haver espaço entre os dedos. Eles impedem a visão. Todas as vespas zunem ao redor do grilo, uma delas pica. O grilo tem de adivinhar quem picou. Se o grilo passa muito tempo adivinhando, fica todo picado. O grilo matuta, o grilo tem medo. A mão está bem apertada junto à têmpora, a batida na mão dói. A cada picada o grilo cai no chão. Tantas vezes até não conseguir mais ficar em pé. Durante todo esse tempo e ainda mais. Os lábios das vespas tremem e zunem. O grilo tem de olhar para todas as vespas, tem de adivinhar em pé.

Quando não consegue mais ficar em pé, ao grilo é permitido ser vespa.

Mas depois da última picada o grilo fica deitado na sujeira, sem se mexer. O oficial com o dente dourado toca nele com a ponta da bota. Quando ele se levanta, há manchas azuis ao redor de seus olhos; e, na hora de ser vespa, todos os seus ossos doem.

Ilije está com sorte, hoje não precisa ser o grilo.

No verão, meu filho recebe dez lei meus todas as tardes de domingo, diz o oficial. Seus olhos estão pendurados no céu, ele acompanha os gansos da neve, há neve nas montanhas, ele diz, eles estão mudando de direção.

Ele engole em seco. Meu filho, ele diz, calça suas sandálias brancas sem tirar a nota de dinheiro da mão. Depois vamos de carro até a cidade. Vou ao parque e tomo cerveja e meu filho, com a minha carteirinha, vira a esquina até o bufê do partido, ele gosta tanto de comer bolo. Ele estala a língua no seu dente de ouro, os bolos ficam na vitrine, e a vitrine é tão alta que no último verão seus olhos não a alcançavam. Ele cresceu muito, diz o oficial, no próximo verão já vai enxergá-los melhor. Seu preferido é o bolo com a cobertura verde-clara, diz ele. As abelhas deixam o bolo doce, o cozinheiro diz todas as

vezes ao meu filho, pois meu filho é medroso, ele fecha os olhos.

Ele assopra, no ar sua respiração é cinza, a maioria delas fica na cobertura de framboesa, ele diz. A cada verão, a mão do cozinheiro fica inchada pelas picadas de vespas. O inchaço é horripilantemente azul. Quando serve à mesa, o cozinheiro tem de pôr um pano branco sobre a mão. É assim, diz o oficial, no verão as abelhas ficam voando ao redor da cerveja no parque, elas não picam. Seu dente de ouro brilha. Os bolos do bufê do partido são atacados apenas pelas vespas, ele diz.

Ilije olha para o alto da colina preto-esverdeada e, durante um olhar, sente que esse rosto é muito pálido e que o dente de ouro é um bico. O bico de um ganso da neve.

Depois de o tanque estar há algumas semanas na floresta, depois de a trincheira estar pronta há dias, depois de o oficial do dente de ouro estar farto da metade da temporada no quartel e enojado dos sacos de areia no pátio, a marcha da coluna vai fazer a brincadeira das vespas lá no campo, passando pela trilha entre o milho quebrado, do outro lado da colina.

Os gansos da neve claudicam sobre o chão. Eles trazem o frio consigo, sabe-se lá de onde, e encolhem as asas. Eles sempre voam longe. Lá comem neve, sempre voltam, não comem grama, não comem milho. Quando não voam, ficam parados olhando para o céu e evitam a floresta.

A brincadeira das vespas é um bom momento de relaxar, uma bela luta, diz o oficial. Ele não participa da brincadeira, ele a controla. As regras do jogo brilham em seu dente dourado. Vire, ele diz para o grilo. E agora zunam, ele diz para as vespas. Ele as faz zunir pelo tempo que lhe aprouver. Piquem, piquem, ele grita, com vontade, não feito pulgas.

A mulher com o cabelo castanho-avermelhado, de cachos largos, limpa as janelas. Ao lado dela há um balde com água fumegante. Ela ergue dali um pano cinza que pinga, puxa um pano cinza úmido diante do beiral da janela, depois um pano branco seco dos ombros. Em seguida, ela se agacha e segura papel de jornal amassado na mão. O vidro brilha, seu cabelo está dividido em duas asas, está aberto no vidro. Ela cerra as asas do vidro e cerra seu cabelo.

As petúnias estão pretas da geada, caules e folhas formam uma maçaroca preta. Quando esquentar, as petúnias congeladas vão colar umas nas outras.

Somente depois de o sol pousar por duas semanas seus dentes mornos sobre o estádio é que a mulher compra novas petúnias no mercado. Elas ficam embaladas num jornal enquanto estão ao lado da mão da mulher sobre o peitoril da janela. Em seguida, a mulher arranca o mato preto da terra. Ela tira as raízes fundas fazendo um buraco com uma faca grande, afofa a terra com um prego comprido. Quando ela tira as petúnias do jornal, uma depois da outra, suas raízes são curtas e cabeludas. Ela faz buracos na terra com o prego e mete o cabelo nos buracos. E fecha os buracos apertando-os com os dedos. Depois, rega as novas petúnias-brancas, de modo que a água fica dois dias pingando da caixa.

A primeira noite organiza os talos e as folhas das petúnias recém-plantadas de maneira que não fique mais visível onde esteve, na janela pela manhã, o cabelo de cachos largos. O dia aquece, as petúnias florescem para si. A cada dia, as manchas de inverno se esgueiram mais para baixo das flores brancas. Elas se esgueiram para baixo da cidade.

As cascas peladas dos álamos e as acácias têm um brilho verde antes de as folhas aparecerem. Nesse momento, o frio foi embora e nada está coberto. E o ditador sobe no helicóptero e voa sobre o país. Sobre as planícies, sobre os Cárpatos. Pernas velhas de homem estão lá no alto, de onde vem o vento que seca o inverno dos campos.

Ele estica a mão no lugar em que um lago de glaciário brilha na sua testa, disse a filha da empregada para Adina. Ele dobra as pernas velhas e diz, o lago precisa ser esvaziado

porque o milho não cresce na água.

Ele tem uma casa em cada cidade. A cidade se retrai na sua testa antes da aterrissagem. Onde aterrissa, ele pernoita. Onde pernoita, um ônibus de janelas fechadas com tábuas passa devagar pelas ruas. No ônibus há gaiolas de arame. O ônibus para diante de todas as casas, pois de cada casa são recolhidas e levadas embora as galinhas e os cachorros. Apenas a luz pode despertar o ditador, disse a filha da empregada, os cacarejos e os latidos deixam-no imprevisível. Poderia acontecer, disse ela, de as pernas velhas de homem pararem no meio da cidade, no caminho para o balcão da ópera, onde ele fará seu discurso. De ele fechar por um instante os olhos, porque uma galinha cacarejou em seu sono, porque um cachorro latiu em seu sono de madrugada. De ele abrir a pupila e dizer, a ópera tem de ser demolida, porque onde há uma ópera não pode haver um bloco habitacional.

Ele odeia a ópera, disse a filha da empregada. A mulher do oficial escutou a mulher de um oficial da capital dizer que ele, certa vez, foi à ópera. Que ele disse, um palco cheio de gente, um palco cheio de instrumentos e quase não se ouve nada. Um toca, os outros ficam sentados por ali, ele disse. Ele esticou a mão. No dia seguinte, a orquestra foi desfeita.

O ditador troca as roupas de baixo por novas todos os dias, disse a filha da empregada. Um terno novo, uma camisa nova, uma gravata nova, meias novas, sapatos novos. Tudo está selado em sacos transparentes, disse a mulher do oficial da capital, para ninguém o envenenar. Nas manhãs de inverno, baterias de aquecedor novas, um sobretudo novo, disse a filha da empregada, um cachecol novo, um gorro de pele novo ou um chapéu novo. Como se tudo que ele tivesse usado no dia anterior tivesse ficado pequeno demais, pois o poder cresce na calada da noite.

Nos retratos, seu rosto que encolhe aumenta, o topete cinza fica mais escuro.

Quando as pernas velhas de homem dormem, aquilo que ele usou no dia anterior percorre a terra feito a escuridão. Tantos gorros pretos de pele por dia, tantas noites de lua branca, disse a filha da empregada.

Pois, se durante o dia o gorro de pele esteve sobre seu cabelo, à noite a lua não vai brilhar amarela. No máximo uma metade branca, de boca escancarada, com um canto da boca que não consegue se fechar e que goteja no céu. Uma lua que faz os cachorros uivarem e que pressiona seu olhar, o ardente, bem fundo na cabeça quando o sino bate doze vezes na torre da catedral. Uma lua com uma maçã no rosto, que está bem apoiada no caminho de casa. Um saltador noturno, uma lacuna na escuridão atrás do último bonde.

Pela manhã, há pedras no lugar onde alguém desceu à noite e nunca chegou em casa.

Por um tempo, o rastro da noite fica na frente da janela feito luz tardia. O chão é escuro, a raposa é mais clara, afasta as patas cortadas. Dava para escancarar as janelas. Se houvesse vento, a parede iria tremular, daria para apertá-la com os dedos como uma

cortina, como água em pé. Ilije sabe disso, ele pensa todos os dias em sua planície de água, em seu caminho suave. Ele mastigou e engoliu sua folha de grama, comeu-a. Ele tirou sua boca da foto, pôs uma mancha morta no rosto — uma que Adina não consegue tocar com o dedo.

Adina tira as mãos da mesa. No lugar das mãos, a mesa está quente. E no chão, embaixo, onde a raposa é o caçador, os dedos dos pés juntam as patas cortadas no pelo. E em seguida, depois de as mãos terem aquecido a mesa em cima, elas tocam a testa. As mãos sentem que a testa também está quente, mas que, à diferença da mesa, não sabe mais nada sobre o que é morar.

O sino toca várias vezes em seguida, longamente. O apartamento se assusta. Adina olha pelo olho da porta. Clara está na escada, no olho da agulha. Estou vendo o seu olho, ela diz, abra. Adina afasta o rosto, o olho da porta está vazio, depois coberto pelo olho de Clara. Seu punho bate à porta, ela diz, eu sei que você está em casa. Adina se encosta na parede. As fivelas da bolsa de Clara batem no chão na escada. Em seguida, papel estala.

Ela empurra um bilhete pela fresta da porta até o corredor.

Adina lê:

PESSOAS ESTÃO SENDO PRESAS HÁ LISTAS VOCÊ TEM DE SE ESCONDER NINGUÉM VAI TE PROCURAR NA MINHA CASA

A porta do vizinho abre e fecha outra vez. Os saltos de Clara batem nas escadas. Adina puxa o bilhete da fresta da porta com a ponta do pé. Ela se agacha, lê mais uma vez com os joelhos debaixo do queixo. Ela amassa o bilhete, joga-o dentro do vaso sanitário. Ele boia, a água o recobre e não o engole. Depois, a mão de Adina se mete na água, pega o bilhete e o alisa, dobra, guarda no bolso do sobretudo.

As portas dos armários estão abertas. A bolsa de viagem sobre o tapete está aberta. Uma camisola voa, cai sobre a raposa ao lado da bolsa. Um pulôver, uma calça caem dentro da bolsa. Uma toalha, um embolado de meias-calças e calcinhas, uma escova de dentes, uma tesoura de unhas, um pente.

O hospital faz as vezes de final da rua, expõe janelas pequenas, iluminadas, uma corrente de luas. As janelas não têm teto, o céu está costurado acima delas sem uma transição, sem uma estrela. Um carro para, há dois homens dentro. Um sapato de criança balança no para-brisa. O farol retorce sua luz para o chão. Adina vira o rosto para o lado. Se o motor silenciasse, seria possível escutar as batidas de seus corações através dos sobretudos. Os fachos cortam a bolsa de viagem de sua mão. Os homens vão ao hospital.

Há escadas diante da entrada, à esquerda e à direita o chão afunda, há folhagens lá. Adina mete a bolsa de viagem no meio das folhagens. Elas estão peladas. Sua mão estremece duas vezes, pois é apenas uma folha esquecida, úmida e seca. A bolsa está bem no fundo, as escadas são altas, o vento é escuro e mais pesado do que as folhas.

Adina aguarda sem mãos. Ela não diz o nome ao porteiro; quando chegar, ele vai

me ver, ela diz. O porteiro telefona. Sua mão direita sente o bilhete molhado no bolso do sobretudo.

O porteiro caminha para lá e para cá. Seus olhos atravessam a parede de vidro, um pedaço de escada, um pedaço de noite e um ruído que morre entram em seu campo de visão. Seu olho suporta tudo porque ele conhece o binóculo. Seus sapatos estalam. Nos cantos, duas rugas correm para dentro da boca. A lâmpada do teto olha em vez de iluminar. Nos olhos do porteiro, a folhagem é mais clara do que do lado de fora. Pois dois carões em brasa olham dos olhos do porteiro, há uma lâmpada no meio dos dois olhos.

Paul desce a escada, seu gorro branco é uma grande petúnia, ela engole sua orelha esquerda. Adina põe o bilhete molhado na sua mão. O papel está amassado, tem mais rugas do que o polegar esticado dele.

Paul lê, por hábito o porteiro escuta a noite, seu olhar é dissimulado, do lado de fora o vento trepida a placa de metal. Espere no carro, diz Paul, seus sapatos brancos de pano estão sobre o chão de granito, ele põe duas chaves no centro da mão dela, para elas não fazerem barulho, ele diz, as chaves estão amarradas com um barbante branco de restos de ataduras, conte as janelas embaixo, ele diz, o carro está à direita diante do décimo. Tire seus sapatos brancos, diz Adina, eles chamam muito a atenção, ele olha para o chão, sei que lá fora não sou médico, ele diz. Seu avental branco é de cal, recém-engomado e recém-passado a ferro.

As mãos não se assustam mais diante do arbusto. Mesmo que as folhas estejam molhadas e secas por dentro. Adina carrega a bolsa de viagem diante da barriga com ambas as mãos, para que, dentro do sobretudo, ela não seja outra coisa além de sobretudo. Mas no caminho, que não se enxerga por causa da escuridão, está o gorro de petúnia de Paul, seus sapatos brancos de pano, seu avental branco. Ela conta as janelas embaixo, para onde a folhagem se estende, de uma janela a outra ela vê os galhos solitários ao vento e que Paul é um confeitiro que aprende na carne dos homens. O olho dele amplia as entranhas sob a pele até que elas esfriem.

A porta do carro estala. A bolsa está sobre o banco traseiro. Adina se pergunta onde a tesourinha de unha foi parar entre as roupas grossas dentro da bolsa grande. O cachecol de Anna está ao lado da bolsa. Um carro para diante da entrada. Dois policiais descem das portas dianteiras, dois cachorros das portas traseiras. Eles farream o asfalto, cheiram os passos. Sentada agora no carro, Adina quer ser do tamanho da tesoura de unha na bolsa.

Paul vem pela porta clara, ele desce as escadas, seus sapatos são escuros. Ele caminha ao lado da folhagem feito um guarda-noturno, ele conta as janelas. A calça que ele veste parece uma calçada.

Ele bate na janela, a porta se abre, suas pernas são sua bagagem. O que os policiais estão procurando, o que os cachorros estão procurando?, pergunta Adina, ele gira a chave e o carro zune. Eles trazem todos os dias os feridos da fronteira, ele diz, a maioria está morta, nós vamos até a casa de Abi, ele diz, e depois para a casa de Liviu, no campo.

A estrada passa, a cidade é um dedal, íngreme e preta, os blocos residenciais tão estreitos como as têmeoras. Há uma oficina ao lado da morgue, diz Paul, os caixões são soldados lá e depois enviados para casa com escolta policial. Ninguém mais olha para dentro deles, diz Paul.

A janela do alto está iluminada. Paul não toca a campainha, ele apenas bate uma vez na porta, Abi abre, sorri e ergue as sobrancelhas, ele está cheirando a álcool. Adina põe o bilhete na sua mão, Paul toca o braço dele, venha, ele diz, vamos para o campo. Os olhos de Abi estão congelados, grandes demais e pequenos demais no seu rosto, ele assente. Depois ele se solta, não quero saber para onde, ele diz, eu não vou junto, boa sorte, o que quer dizer boa sorte?, os vilarejos são pequenos.

Pessoas caminham pelas extremidades escuras das ruas, elas carregam lanternas, a noite os livra de suas roupas. Paul dirige devagar, Paul dirige sem fazer barulho.

Por um tempo, Adina pensa que a cidade nunca termina, pois a canção proibida se espalhou. Que as ruas continuam correndo para dentro do país e as cidades estão em todos os lugares. Que em algum lugar, no campo escuro, quando o caminho fizer uma curva, os sinos vão tocar porque a floresta atrás do milho descongelado é um parque, que atrás da torre fica a catedral e que o campo vazio não está vazio, porque o rio passa no meio.

Que o ditador enxergou a cidade vazante do alto, do ar, que ele dispôs todos os soldados ao redor da cidade vazante. Que eles, com suas pás, cavam para separar a cidade vazante do país. Que em nenhum lugar há uma ponte. Que Ilije também cava e cava e faz um sinal para ela, ele ergue e abaixa os dedos como ondas, aperta a ponta da pá com os sapatos na extremidade da cidade e pensa no Danúbio.

Que Paul sobe no carro com seus sapatos brancos, que ele dirige e dirige, e onde a cidade termina e onde a última luz ao largo se apagou, ele não diz mais nada. Que ele olha para o alto à procura de uma lua branca enquanto as bordas de um campo vagueiam sem rumo embaixo. E pensa, de repente, que ele é médico e que ao seu lado está sentada uma pessoa de entranhas quentes na barriga.

A mão de Paul passa pelo rosto de Adina.

Ela se assusta, chegamos, diz Paul, ela sente um fio de arcia na cabeça, puxa a mão pesada de Paul do rosto, eu dormi?, ela pergunta, o rosto dela está desfigurado, suas faces estão encovadas quando ela abre os olhos.

O banco diante da casa de Liviú é mais baixo numa das pontas. As pernas cresceram na lama da poça. As janelas são escuras atrás da cerca. O portão está trancado.

No sul, onde o Danúbio corta a terra, as casas são vilarejos de uma só rua. Não há mais ampliações, as cercas se prendem umas nas outras, atrás de cada casa há um jardim, atrás de cada jardim, uma faixa de terra. Os cachorros não têm lugar para perambular, não têm lugar para latir. Não por causa dos ladrões, Liviú disse no verão, aqui nada é roubado, as pessoas têm tantos cachorros para não ouvirem os tiros, e gansos pegam o lugar de galinhas porque eles grasnam a noite inteira. As pessoas se acostumaram, não escutam mais os latidos e os grasnidos, elas ouvem os tiros.

Adina escuta, os gansos grasnam de um jeito breve e grave no quintal e no quintal do vizinho e no quintal além desse. Eles estão presos entre tábuas. Dá para escutar suas patas batendo, suas asas se espremendo na madeira. Eles se bicam, não dormem profundamente. A cada noite, um vilarejo de uma só rua se parece com uma meia, feito seus pescoços.

Liviú ficou noivo no verão. Ele se casou com uma professora do vilarejo porque ele se sentia estranho e entregue à própria sorte. Sua mulher é tão jovem que mal toca na idade dele. Ele mantém o próprio silêncio e o próprio ouvir para si, pois ela está acostumada com as mulheres que falam e os homens que se sentam ao lado, quietos. Ela cresceu com os tiros, com os cachorros e os gansos.

No verão, quando Adina esteve com Paul no casamento de Liviú, essa mulher de véu branco e vestido longo estava com as feições de uma ovelha. Uma ovelha que nunca comeu grama, Paul falou naquela época. Ela foi abraçada por todos, beijada, e Liviú apenas apertou mãos e virou o rosto. Ela comeu muito e Liviú mastigou, ausente. E

Liviu dançou como se estivesse carregando pedras nos bolsos, e ela como se todo o seu branco fossem penas voadoras. Ela não falou muito e, quando falou, sorriu. O policial do vilarejo estava bêbado, durante o almoço ficou contando piadas e rindo sozinho, porque sua bebedeira girava em torno de uma mesma frase, que ninguém entendia. O padre emborcou seu gorro preto sobre o gargalo de uma garrafa, os fios de macarrão da sopa ficaram presos na sua barba grisalha. Depois da refeição, ele ergueu a batina até o joelho e dançou com o policial. Liviu olhou para Paul e Adina, quando vocês se casam?, ele perguntou. Paul disse, logo. Adina sentiu a mentira passando pelo rosto dela. Ela perguntou à ovelha, vocês são parentes?, e apontou para o policial. Liviu ficou em silêncio, a jovem ovelha sorriu e disse, no interior é assim, o policial faz parte.

Paul segura pedrinhas de cascalho nas mãos. Ele as joga nas janelas, elas arranham na grama, depois fazem ruído, porque há folhas secas no chão. Eles estão dormindo pesado, diz Paul. Os cachorros latem mais alto, os gansos estão mudos. Paul aponta sobre a cerca e bate com os dedos contra os vidros. A luz se acende na última janela.

A cabeça de Liviu está amassada de dormir. A veneziana estala, sou eu, diz Paul. Ele ergue o queixo, seu rosto está no escuro, temos de nos esconder, ele diz. Liviu reconhece sua voz.

Eles empurram o carro para dentro do celeiro. Liviu cobre-o com palha e deposita sacos diante dos pneus. As asas brancas dos gansos brilham através das frestas das tábuas, eles grasnam, seus bicos batem na madeira.

A ovelha está de camisola sobre a escada, descalça em sapatos grandes demais ela ilumina com a lanterna um círculo dentro do celeiro. Mas o círculo não alcança, ele fica parado numa poça porque se enxerga a si próprio na água.

Na cozinha, a ovelha sorri sob a luz, conversamos ontem sobre vocês, diz Liviu, a gente fala de vocês e vocês aparecem diante da porta, diz a ovelha. Adina deposita a bolsa ao lado do fogão, Paul mete a mão dentro da jaqueta e põe uma escova de dentes sobre a mesa, essa é minha bagagem, ele diz.

A ovelha conduz Adina até o quarto escuro, fecha a cortina, os grandes buquês de rosas. Elas reaparecem sobre a toalha de mesa. Aqui está a lanterna, diz ela, não acenda, dá para ver de fora. Ela junta as roupas dentro do armário, aqui todos sabem em que quarto dormimos, aqui ainda há lugar para as roupas de vocês, ela diz.

É o mesmo quarto, a mesma cama. Cedo pela manhã depois do casamento, Adina deitou-se ao lado de Paul e perguntou, por que você mente? Paul suspirou e mosquitos voavam ao redor da lâmpada, por que Liviu ainda acha que estamos juntos? Paul deu um bocejo e disse, isso é tão importante assim? Choveu na manhã do casamento, em

seguida o calor ficou terrível, a noite não refrescou, não dava para cerrar a janela. Paul adormeceu antes mesmo de fechar a boca. Enquanto dormia, ele descobriu as pernas, ele roncou até os dedos dos pés. Adina apagou a luz, os grilos guizalhavam sons tremidos através do vilarjeio inteiro. A música folclórica ainda ecoava em sua cabeça. Os mosquitos sentiram o cheiro da aguardente e vinham somente no rosto dela, Paul tinha bebido muito com Liviú e conversou com um contador desdentado sobre a porcentagem cada vez menor de proteínas no leite das vacas do governo.

Nessa noite de mosquitos, Adina sonhou que dançava com o contador desdentado. Havia uma colher sobre o chão do quintal e o contador pisava nela a cada passo. Ela o puxou dali, bem perto dos limites do jardim. Mas, quando ele continuou dançando com ela perto dos limites do jardim, também havia uma colher por lá e ele pisava nela a cada passo. E uma mulher murcha, mais velha ainda, estava sentada de costas para a mesa e o observava. Ela disse, dance de maneira respeitosa, essa senhora vem da cidade.

A lanterna revira a bolsa escura, o pente está bem no alto, a tesourinha de unhas no fundo, a escova de dentes entre as meias-calças. A camisola está fria sobre a pele. As axilas cheiram a suor, os pés também. Paul segura sua escova de dentes na boca, pelo cabo. Liviú deixa uma comadre branca ao lado da cama, não é para vocês irem até o quintal, nem durante o dia, ele disse.

Paul deixa a escova cair da boca até a mesa, dá a volta na mesa, ilumina o buquê de flores com a lanterna. Os cachorros latem lá fora, ele cheira as rosas da cortina, posso pôr meus sapatos ao lado dos seus?, ele pergunta, ilumina os sapatos de Adina e põe os seus ao lado. Ele se deita vestido e ri.

Estou com vontade de fazer xixi, diz Adina, ela pega a comadre, não há rosto nenhum sobre a cama, somente as roupas de Paul, eu já estava com vontade no celeiro, ela diz. No caminho, mijeí três vezes de medo, diz Paul, ela ilumina a comadre, ela é novinha, o pior é o barulho, ela diz. Mas eu sou músico, diz Paul, ela empurra a comadre entre as pernas, vou assobiar, ele diz, meu avô era brigado com o genro, ele diz, ele sempre parava os cavalos diante da casa dele e começava a assobiar até que eles mijassem, só depois ia embora. Ouve-se o barulho e Adina sente um bafo quente entre as pernas. Sobre a cadeira há um jornal, Adina cobre a comadre com ele e escuta. O vento está pendurado atrás da cortina, ele balança os galhos pelados. Achei que o barulho seria diferente, diz Paul.

Tínhamos um banheiro de verão e um banheiro de inverno e quatro comadres, diz Adina. O banheiro de verão ficava atrás das trepadeiras num jardim mirrado, o banheiro de inverno ficava atrás do corredor. O banheiro de verão era de tábuas, o de inverno, de pedras. Minha comadre era vermelha, a de minha mãe era verde, meu pai tinha uma azul. O quarto era de vidro, o mais bonito de todos, mas nunca era usado. É para os hóspedes, dizia minha mãe. Nunca recebíamos hóspedes, somente visitas curtas. A costureira vinha duas ou três vezes por ano, trazia um vestido para minha mãe, comia duas maçãs em pé e ia embora. E no outono, quando meu pai tinha aguardente de

ameixa lá do vilarejo das ovelhas, às vezes também vinha o barbeiro. Ele entornava três copos em pé e ia embora. Meu pai às vezes dizia, você poderia cortar meu cabelo rapidinho. O barbeiro dizia, só faço isso na barbearia, preciso de um espelho quando corto, preciso me enxergar do jeito que você me enxerga.

Quem vinha até nós morava nessa periferia suja. Ninguém era hóspede, ninguém passava a noite, diz Adina. Paul não diz nada. Ele dormiu de roupa, sem rosto.

Pensei nisso, depois me esqueci de novo, diz uma voz de mulher diante da janela. Os buquês de rosa da cortina ficam maiores durante o dia. Lá fora os gansos berram, suas vozes são diferentes das da noite, mais claras. Adina enxerga os gansos um atrás do outro, numa fila branca tão longa quanto o vilarejo de uma só rua, e um pedaço a mais, até o campo, onde o milho congelado não os abandona mais, ele os devora na sequência até dentro do vilarejo, enquanto as penas estiverem quentes. Adina pensa que as pessoas formam uma fila tão longa quanto o vilarejo, sentadas em fila junto às janelas, observando como o milho engole os gansos, e elas não se assustam porque estão acostumadas com esses tiros na fronteira. Que só ficam espantadas porque os tocos de milho congelado avançam até o vilarejo, juntinhos, e se postam no meio da rua, numa fila tão comprida quanto o vilarejo.

O rosto cinza de Paul está deitado sobre o travesseiro, está mais velho do que estava na cidade. Suas roupas estão amarrotadas, são o dia de ontem. Há uma fileira de vidros para conservas sobre o armário, amarrados com celofane e fitas verdes. Damascos inteiros feito pedras dentro dos vidros. A cabeça dela está fria por dentro, ela bate com os dedos na testa. Sua escova de dentes está ao lado da escova dele, depois a tesourinha de unhas. Ela pega a escova de dentes e enfia o cabo na boca.

Diante do armário, Adina sente a raposa junto aos dedos do pé, na borda do tapete há apenas franjas brancas, ela fecha os olhos e, sem meias, calça os sapatos. Ela cheira a toalha. Vai até a cozinha com a comadre nas mãos.

No fogão há brasa. Sobre a mesa da cozinha, toicinho e um pão, ao lado um bilhete: CHEGAMOS ÀS 12H.

Os dias ficam assim, como os gansos na cabeça de Adina, uns junto aos outros sem vilarejo, escondidos como uma coluna vertebral e infinitamente longos. Dias do pescoço até a ponta dos pés, de camas e cortinas e comadres e cozinha. Os dias são longos e breves, prestar atenção a qualquer ruído confunde o medo com ausência. Os ouvidos são mais alertas do que os olhos, que conhecem tudo ali na casa.

Rádio e televisão apenas quando estivermos em casa, disse Liviu, os vizinhos poderiam ouvir.

Quando uma voz chama do portão e o homem que sacode o trinco, de uniforme, olha pela fresta da cortina, Adina e Paul procuram a porta mais ao fundo. Ficam lado a lado na despensa, até nada mais ser ouvido. Um jornal aparece no quintal, sobre a escada, pois era o carteiro. Quando Liviu e a ovelha saem da escola, o jornal está sobre a mesa da cozinha. E a primeira página estampa o topete e a pupila. E embaixo está escrito que o filho mais amado do povo fugiu para o Irã; alguns dias mais tarde, que voltou do Irã e está de novo no país.

E Adina pensa que, de tanto ouvir, o pavilhão e os canais dos ouvidos na cabeça deveriam estar lisos como a palma das mãos, com dedos brotando neles, e que estremecem tão rápido quanto o medo. Somente o ruído na comadre é diferente a cada vez, no caso de Paul, mais longo do que o dela, e Paul brinca com o jato e pode rir com uma voz falsa sobre a espuma amarela. Somente quando ele tem de cagar é que ele xinga, sofre com a constipação e diz que ele se sente como um piolho que se esconde num canto da cama.

O jornal sobre a comadre é sempre o do dia anterior e Paul sempre o deixa com o topete para baixo. E logo após ele mete lenha e espigas de milho secas no forno, olha durante tempo demais para a brasa e pelo canto dos olhos debaixo de seu braço. Pois os seios de Adina estão pendurados, nus, sobre o lavatório e o sabonete faz espuma e Adina sabe que ele toca seus seios com o rosto quente feito brasa e as mãos frias. No chá de flor de tília, o rosto dele se reflete envelhecido e o dela, vazio — separados pelos cabos das colheres, cada um em sua própria tigela. E ambas as colheres misturam até o açúcar derreter. Ainda não ouvi nenhum tiro, diz Paul, escuto os cachorros latir e os gansos grasnar e os carteiros chamam no portão. Escuto aquilo que faz barulho, embora saiba por Liviu que os tiros são silenciosos, assim como quando um galho se quebra, só que diferentes.

Em algum momento a chave girou na fechadura e Liviu deixou um saco grande dentro da cozinha, uma árvore de Natal que não podia ser vista nas ruas do vilarejo, um delicado abeto-branco, que o pai de um aluno, motorista de caminhão, tinha roubado numa trilha de floresta dos Cárpatos. Isso foi ontem?, pergunta Paul e Adina diz, não, foi hoje pela manhã. Liviu deixou o saco junto à parede e teve de sair logo em seguida novamente, para uma reunião, ele disse. Ele trancou do lado de fora e Paul tirou o saco do pinheiro, na cozinha as folhas tinham uma aparência ressecada e cinza. Devolva o pinheiro ao saco, disse Adina, não consigo olhar para ele.

Ontem, quando a tesourinha de unha estalou, foi diferente. Adina olhou a borda curvada da unha cair da ponta do dedo para a mesa. Desde que a raposa começou a ser retalhada, minhas unhas crescem mais rápido, ela disse. Paul riu com seus sons errados,

ela levou o indicador à boca e puxou a unha com os dentes, mastigou-a em pedacinhos e comeu-a. Todos os dias vejo na escola que as unhas e os cabelos das crianças descuidadas crescem mais rápido do que os daquelas bem cuidadas, ela disse. Quando se vive com medo, as unhas e os cabelos crescem mais rápido, dá para notar na nuca raspada das crianças. Paul cortou toicinho, cortou fatias transparentes e girou-as sobre os lábios antes de engoli-las. Como médico, tenho de contradizer você, ele disse, apontou para o topete do jornal, se fosse assim, esses cabelos cresceriam da testa até os dedos do pé em um dia. Ele esfregou os dedos nas finas fatias de toicinho e eles brilhavam, o que você sabe das pessoas?, perguntou Adina, o que você vê quando as abre porque estão doentes ou mortas? Nada. Se um ditador é explicável do ponto de vista médico, então está no cérebro, no estômago, no fígado ou no pulmão? Paul tapou os ouvidos com suas unhas brilhantes, o ditador dormita no coração como em seus romances, ele gritou.

O topete cresce todos os dias até os dedos do pé, pensou Adina, o saco com os cabelos está cheio há tempos, entupido até a boca e mais pesado do que ele. Ele engana a todos, até o barbeiro.

E anteontem a sopa estava servida no prato e Paul queria chamar Adina para comer, e disse ABI em vez de Adina. Depois, enquanto os dois faziam silêncio, a sopa que estava servida no prato criou uma pele fininha que ficava presa na colher. E Paul disse, você sabe para quem Abi contou a piada do romeno baixinho? Para quem?, ela perguntou e Paul disse: Ilije.

Adina olhou para seu prato, os círculos de gordura, olhos da sopa, permaneciam redondos, também não se espalhavam com a colher. Adina escutou um ruído pela primeira vez. Não era cachorro e não era ganso, era como se um galho se quebrasse, só que bem diferente. Foi dentro da própria cabeça.

E no mesmo dia, à noite ou na noite seguinte, a ovelha trouxe um saco cheio de chocolate para a árvore de Natal. Os pedaços estavam embalados em papel-alumínio vermelho e em cada um deles havia um barbante de seda. De uma enfermeira, disse a ovelha, seu filho é meu aluno. Ela comeu um pedaço, enfiou-o por inteiro na boca e deixou derreter sobre a língua sem fazer barulho, às vezes Liviu quer voltar à cidade, ela disse, agora é bom estarmos aqui no fim do mundo, como Liviu diz. Aqui todos sabem o que o vizinho comeu anteontem, disse a ovelha, o que ele compra e vende e quanto dinheiro tem. E quanta aguardente cada um tem no porão, disse Liviu. Ela comeu mais um pedaço de chocolate, depois trinchou um ganso, separou as coxas da barriga, as asas do peito. Não chamo a atenção, disse Liviu, nem na escola. Escuto e tenho minhas ideias. A ovelha ergueu o peito do ganso pelo pescoço longo e abriu o estômago. Ele estava cheio de pedrinhas, sei que sou oportunista, disse Liviu, senão vocês não estariam aqui agora. Por quanto tempo vocês conseguem se esconder?, perguntou a ovelha,

depositando uma folha de louro sobre a mesa.

Onde vocês poderiam viver neste país?, perguntou Liviu. Adina descascava batatas e Paul assistia como as cascas se enroscavam entre o polegar e a faca.

É para irmos atrás dos campos perto do Danúbio?, perguntou Adina, é para fugirmos?, você quer ouvir tiros e imaginar que somos nós? Não precisaríamos nem de meia hora para estar deitados ali no trigal até a colheita passar, no verão. Paul puxou Adina para trás pelo ombro, e ela disse na sua cara, o contador vai explicar a porcentagem crescente de proteínas na farinha. Paul tapou a boca dela com a mão. Ela empurrou a mão e viu como a batata perdia a nitidez. Às vezes, ela disse, um fio de cabelo vai ficar pendurado entre os dentes de vocês durante a comida, um fio de cabelo que o padeiro não deixou cair na massa.

Depois da noite com o ganso abatido, todos se deitaram sem dizer palavra e dormiram profundamente. Pois todos levaram consigo o fio de cabelo do pão para a cama. Nessa noite, o sono invadiu profundamente cada um, pois estava com vergonha da noite.

Nessa noite, Adina depositou a camisola sobre a mesa e disse, não vou tirar a roupa, estou passando frio. Ela tirou o sobretudo do armário e deixou-o sobre a coberta. Paul estava arrasado e distante de si mesmo. Adina não pensava em dormir, ela estava tão desperta que seus olhos enchiam todo o quarto. Ela não se mexeu, ela esperou. Paul dormia e respirava tranquilamente.

Em seguida, ela calçou os sapatos e vestiu o sobretudo. Ela queria sair, caminhar pela rua, não até a fronteira, só até o milharal. Talvez dê para deitar lá, ela pensou, e congelar. Ilije tinha dito que o gelo entra pelos dedos do pé, que ele só dói até chegar na barriga. Então vai rápido. E, quando ele chega no pescoço, a pele começa a arder. A morte vem no quentinho.

Lá fora os cachorros latiam, nada estalava no quarto, nada tilintava.

A mão de Paul pegou-a e puxou-a até a janela. Ele empurrou a cortina pesada, ergueu o tule rendado sobre o cabelo dela. Você não pode fazer isso, ele disse, veja, há água na poça, não é gelo, as pegadas dos gansos na sujeira estão moles, não congelaram. Ele olhou-a, com esse tule sobre a cabeça você fica parecida com a ovelha, ele disse.

Ele tirou-lhe o sobretudo. Adina não se defendeu; enquanto ele lhe descalçava os sapatos, ela só pensou que o sono dele era transparente, um corredor comprido e tão vazio que nada pode se esconder dele, nem aquilo que alguém ao seu lado pensa no escuro.

E depois ela não tinha onde se segurar quando ele tocou seus seios e os anos passados voltaram ao seu corpo, os anos com Paul. Seu membro estava quente e teimoso e a pele dela ardia diferente do desejo de congelar no milharal. Mas Adina sabia que quem ardia não era ela. Era o esconderijo. Agora a raposa também estava na casa deles, e Liviu e a ovelha não estarão à altura da ameaça da raposa.

Adina ficou sentada ao lado de Paul no escuro, o cigarro dele ardia, ele fez um carinho na testa dela. Aquela que havia gemido não estava mais lá dentro. Você está se

repreendendo?, ele perguntou, ela enxergou os damascos nos vidros de conserva parados no ar, debaixo do teto, ela não enxergou o armário, sim, ela disse, mas não importa. Ela também não viu os damascos nos vidros de conserva, ela só sabia que eles estavam lá.

Pois em cada toque da mão, em cada passo, durante o sono, atrás de tudo o que ela fazia, ela sabia que Liviu e a ovelha vivem num vilarejo de uma só rua, que o Natal espera por eles com um pinheirinho raquítico, que eles vão apertar as folhas decoradas do pinheiro na janela para os passantes do lado de fora, como antes. E que não haverá ninguém do lado de fora, no máximo dois estranhos, que caminharam a manhã inteira nos campos — a mulher com uma criança que quer uma raposa.

Separação para você, disse Paul, é eu estar sempre ao seu lado, mas nunca dormir com você. O cigarro ardia e se consumia rápido em sua boca.

Fique quieto, diz Adina, minha cabeça está estourando.

Nessa noite, ela sonhou que Clara estava com um vestido com buquês de rosas amarelas no milho congelado. O vento farfalhava seco e Clara carregava uma bolsa grande. Ela disse, aqui não há ninguém, eles não estão procurando por você. Ela abriu a bolsa. Na bolsa havia marmelos. Clara disse, coma, eu os lavei para você. Adina pegou um marmelo e disse, você não lavou, a casca está peluda.

A cada manhã, quando Adina deixa cair as flores secas de tília na água fervente, elas incham, os cabos e as folhas crescidas, parecidas com peles, se tornam verde-claros. A fim de distinguir os dias uns dos outros, ela conta os feitos do chá. É sempre a mesma coisa, é sempre pela manhã e os gansos e os cachorros estão na rua. Sobre a mesa há sempre um bilhete: CHEGAMOS ÀS 12H ou 1H ou À NOTINHA. O chá de flores de tília sempre tem gosto de sono. A comadre fede ao lado da porta da cozinha.

Ela raramente olha pelo buraco da cortina da cozinha, pois as cercas nos quintais são de arame e os arbustos, pelados. Dá para enxergar através dos quintais e dos jardins.

Apenas Paul olha com frequência para fora e recita para si mesmo a cor do céu e a da sujeira e se está frio.

Hoje pela manhã havia vozes no vilarejo. Desde que acordou, Paul está sentado diante do buraco da cortina. Aqui a rua está vazia, ele diz, mas no meio do vilarejo estão uivando e gritando.

Adina olha pelo buraco da cortina da cozinha. O sol ofusca, o arbusto pelado lança sua sombra sobre a arcia. A vizinha leva três cadeiras para o quintal. O rosto dela é pequeno e enrugado. No sol, ela fica com um bigode e não tem olhos. Ela carrega dois traverseiros e um edredom de penas até o quintal, bate-os e deixa-os sobre as cadeiras.

O chá de Paul esfriou porque seus olhos atrás dos buquês de rosas da cortina estão possuídos.

Liviu passa de casaco aberto, sem sobretudo, pela fresta da cortina. Liviu vem correndo para casa, diz Paul, senta-se rapidamente à mesa da cozinha e bebe de seu chá frio. Adina vê pelo buraco do tule da cozinha que Liviu não trancou o portão, ele passa pelo arbusto pelado. Está segurando seu cachecol na mão. Adina fecha o tule, senta-se rapidamente ao lado de Paul e segura a cabeça com as mãos. A chave gira na porta. O rosto de Liviu está suado e vermelho, ele joga o cachecol sobre a mesa. Vocês não estão ouvindo o que se passa na rua?, ele ofega, venham para o quarto.

Suas mãos tremem, ele liga o televisor, Ceausescu não pôde fazer seu discurso, ele

disse, as pessoas gritaram tanto que foi impossível, um guarda-costas puxou-o para trás da cortina. Adina chora; a tela mostra, sem nitidez, pedras e janelas, o Comitê Central e, diante disso, sobretudos, apertados uns contra os outros, milhares de sobretudos sem nitidez como uma plantação coberta por gritaria. As faces de Adina ardem, seu queixo se dissolve, suas mãos estão molhadas, os pequenos rostos que gritam são uma massa de olhos, eles encaram o céu. Ele está escapando, grita Liviu, ele está fugindo, ele está morto, grita Paul, se ele fugir estará morto.

Há um helicóptero pendurado no ar sobre a sacada do Comitê Central. E fica menor, uma pontinha de agulha flutuante, cinza, que some.

A tela mostra um céu vazio, branco e preto.

Liviu beija a tela, vou te comer, vou te comer, ele diz. Seus beijos molhados ficam pendurados no céu branco e preto. Adina vê pernas velhas de homem paradas no ar, dois joelhos pontudos e panturrilhas brancas e o topete bem no alto, tão alto como nunca. Paul abre as cortinas de todas as janelas. Está tão claro dentro da casa que as paredes balançam, porque cada parede é maior do que o cômodo todo.

A ovelha está na cozinha e ainda respira pela caminhada e ri duas rodadas de lágrimas nos olhos e diz, o policial está sendo surrado de cuecas na frente da igreja. O contador tirou-lhe a calça e o padre pendurou seu quepe de policial na árvore.

A velha ali da frente sabe tudo, diz a ovelha, há dois dias ela disse que este inverno está quente demais.

*Raio e trovões de inverno
estragos do céu em dezembro
é disso que o rei vai morrer*

Foi isso o que ela disse. Sou velha, antigamente era assim, ela disse. E hoje pela manhã ela perguntou se eu tinha ouvido algo ontem à noite. Não eram tiros, ela disse, era uma trovoada, não aqui, mais acima, no interior.

Liviu e Paul tomam aguardente, a garrafa faz glub, os copos tilintam. Paul marcha descalço com o roupão de Liviu ao redor da mesa, copo de aguardente na mão, e canta com voz grave e trêmula a canção proibida:

Acorde, menino, de seu sono eterno

Liviu põe um pano de prato amassado sobre o ombro dele e dança com a garrafa e canta alto e reclamão:

*Hoje alegre, amanhã alegre
um pouquinho mais a coisa segue*

As panelas fazem um escarcéu no armário da cozinha, Paul deixa os romenos despetos cair no meio da canção, dança ao lado de Liviu e o acompanha:

*Mete mais, mais, mais
Mete mais, mais, mais
Sempre em frente, nunca atrás*

A ovelha está apoiada no fogão, atrás de seus ombros estão os travesseiros e edredons de penas da velha no quintal vizinho. Eles são tão claros como se dormissem sobre as cadeiras.

Onde o helicóptero vai pousar?, pergunta a ovelha, e Paul diz, no céu, na lama junta ao romeno baixinho.

Quando eu era criança, havia um carrossel de correntes ao lado da praça do mercado, diz a ovelha. Na primeira neve ele era desligado porque Mihai não podia ficar sentado no frio. Mihai tinha um pé duro. Tínhamos de comprar bilhetes na junta do distrito quando queríamos dar uma volta no carrossel. As crianças recebiam três bilhetes e os adultos, cinco. O dinheiro deveria ser usado para asfaltar uma rua que atravessasse a vila inteira. Mihai exigia os bilhetes, arrancava um cantinho de cada um e jogava os cantinhos num chapéu. No verão, ele deixava as meninas maiores darem uma volta de graça porque antes disso, atrás de uma caixa grande, ele metia a mão na calcinha delas. Algumas se queixavam com o prefeito, mas este dizia, não faz mal, não dói. Mihai ligava o motor e o desligava. Todas as voltas tinham a mesma duração, pois ele sempre olhava para o relógio da igreja. Ao meio-dia ele fazia um intervalo, comia e enchia o motor com um tonel de óleo diesel. Ele consertava o motor apenas durante a noite, para não perder nenhuma volta durante o dia. Ele sabia das coisas, tinha montado o motor sozinho a partir de dois tratores. Quando só havia meninas, eu também dava uma volta, diz a velha. Eu não andava com os meninos, pois eles pegavam os assentos voadores das meninas e giravam as correntes até que as meninas acabassem vomitando. Mihai mostrou aos garotos como pegar os assentos das meninas.

Numa noite de inverno, dois carros pretos passaram pelo vilarejo. Vinham de uma revista na fronteira. Dizia-se que dentro havia três altos funcionários do partido, um oficial de fronteira e três guarda-costas. Eles estavam bêbados de cair. Um deles bateu na janela do carteiro e perguntou quem tinha a chave. O carteiro apontou para o extremo do vilarejo, onde Mihai morava.

Mihai já estava dormindo quando bateram na sua janela. Ele não queria abrir, mas as batidas não cessavam. Sim, disse Mihai, tenho a chave, mas não há combustível para o motor. Não tenho combustível, ele disse, o combustível fica na junta do distrito.

Quando Mihai apareceu com o guarda-costas e a chave, ele olhou o motor e disse, para uma volta é suficiente. E então?, perguntou o guarda-costas. Então o motor vai se desligar, disse Mihai.

O guarda-costas acenou e todos desceram do carro e tomaram os assentos, os guarda-costas no meio dos funcionários, o oficial de fronteira atrás. Mihai esperava ao lado do motor até que todos tivessem prendido as correntes aos assentos. Dê a partida, disse o guarda-costas, quando estiver funcionando você pode ir para casa.

O motor estava funcionando, os assentos voavam, as correntes se esticavam em diagonal no ar. Mihai foi para casa, a lua brilhava e ficou muito frio. Mas o motor continuou, os assentos voaram a noite inteira.

Pela manhã, o carrossel tinha parado, disse a ovelha, e os assentos estavam no chão e sete homens se penduravam neles. Estavam congelados.

A ovelha secou duas lágrimas dos olhos e sua boca abria e fechava. No dia seguinte, chegou uma comissão ao vilarejo. O carrossel foi proibido, desmontado e levado embora. Nunca se asfaltou uma rua que atravessasse o vilarejo. Mihai e o carteiro foram presos como inimigos da classe. No processo, Mihai disse que era noite e que o óleo diesel era preto. Ele se confundira, provavelmente o motor estava cheio. E o carteiro disse que ouviu o motor durante a noite inteira, apenas pela manhã é que ele tinha parado. Ele olhou pela janela uma vez e viu os camaradas voando pelos ares. Sim, ele os escutou gritar, disse, mas não achou estranho, parecia que os camaradas estavam se divertindo.

O céu branco e preto ficou vazio, a canção proibida propagou-se em trens, em ônibus, em charretes por todo o país. Em bolsos rasgados de sobretudos e em sapatos gastos por pisadas tortas. Também no carro entre Adina e Paul. Eles voltam para a cidade.

O céu no vilarejo de uma só rua é azul e foi esvaziado de tanto entoar a canção proibida. E o policial do vilarejo vestiu sua calça novamente e deixou o quepe pendurado na árvore. Ele não arrumou suas gavetas, guardou apenas a foto da mulher e dos dois filhos na jaqueta. Na extremidade do vilarejo, ele atravessou o campo em diagonal procurando pelo caminho mais distante.

A vizinha velha carrega seus travesseiros e edredons para dentro de casa, pois como todos os dias, só que mais alto, agora a noite aparece atrás do vilarejo.

Na fronteira, do outro lado do país, onde a planície alcança a Hungria feito a ponta de um nariz e a cancela permanece escura, há uma pequena passagem. Um carro espera diante da cancela. Um homem de pulôver grosso entrega seu passaporte pela janela. O oficial da fronteira lê:

KARACZOLNY ALBERT

Mãe MAGDA, nascida FURAK

Pai KARACZOLNY ALBERT

Quando ele guarda o passaporte no porta-luvas, uma pinta do tamanho da ponta de um dedo salta do colarinho que está no pescoço do homem. A cancela se abre.

Na janela, no alto, a cortina está fechada. O apartamento não está trancado, a chave está na porta pelo lado de dentro. Abi não está no apartamento, nem há um bilhete. O armário está aberto, sobre o tapete há uma caixa de fósforos jogada. No chão da cozinha, uma cadeira derrubada. Sobre a mesa da cozinha, uma garrafa de aguardente cheia até a metade e um copo cheio. Sobre o fogão, uma panela com sopa e começo de mofo.

Não se sai assim de casa, diz Paul, somente quando é preciso.

No café atrás das ruas tranquilas do poder, os vidros foram alvo de tiros. As cortinas vermelhas estão arrancadas. Soldados estão sentados às mesas. Os álamos estão pontiagudos e altos e olham para a água. Onde no verão havia pescadores, veem-se soldados dia e noite. Eles não precisam de horas, o sino bate na torre da catedral e ele próprio não se escuta.

Os teixos verdes e pretos entre a ópera e a catedral estão caídos, as vitrines das lojas, estilhaçadas e vazias. Os tiros nas paredes tão próximos uns aos outros como pedras pretas voadoras.

As escadas da catedral estão ocupadas com velas finas amarelas. Elas tremulam torto como o vento. Os compridos cravos vermelhos, os cídamas curtos, brancos, estão pisados pelos muitos sapatos e ainda não murcharam. As escadas estão vigiadas por tanques e soldados. O anão está sentado sobre o meio-fio ao lado de uma cruz de madeira. Ele leva uma fita preta no braço. Ao esticar as pernas, seus tijolos quebrados ficam sobre a calçada. Ele vende velas amarelas. Na cruz há a imagem de um morto, um rosto jovem, com uma espinha no queixo. A boca sorri e sorri. Adina fecha os olhos, a imagem mostra um anjo, rindo, alvejado com um tiro. Paul ergue o rosto para bem perto do quadro. Uma mulher toda enrolada em panos está sentada ao lado dos sapatos dele. As velas estão na frente dela sobre um pano. Ela come um ovo cozido, mole. Ela mete a ponta do dedo na gema e o lambe. Seu dedo e o canto de sua boca e a gema são amarelos feito as velas. Ela limpa o dedo no sobretudo e segura duas velas na direção de Adina e Paul.

Não consigo rezar, diz Adina, Paul acende uma vela.

Há fotos penduradas na pesada porta de madeira da ópera. Paul ergue a mão sobre o gorro de pele de um homem. Seu dedo toca a foto. É o rosto de Pavel, a boca sorri, sobre o colarinho da camisa há uma pinta. Mais para baixo, o dedo de Adina toca um rosto, é o homem que mijou no rio e logo em seguida pôde caminhar na margem feito um homem tranquilo. Debaixo das fotos está escrito: ELES ATIRARAM.

Todos atiraram para o ar, diz o velho com o gorro de pele, o ar estava nos pulmões.

A cortina da janela está fechada. Eles estiveram aqui, diz Paul. A porta do apartamento está trancada. As portas dos armários estão abertas, as roupas, espalhadas pelo chão, os livros, os lençóis, o travesseiro, a coberta. Os discos estão na cozinha sobre o piso. Quebrados, pisoteados.

Adina destranca a porta do apartamento. O banheiro está aberto, a pia está vazia, não há nenhuma casca de semente de girassol boiando no vaso sanitário. O armário está fechado.

Sob a ponta do sapato de Adina, o rabo da raposa se afasta do pelo. Depois a primeira, a segunda, a terceira pata.

Depois a quarta.

Adina empurra o rabo com a ponta dos dedos até o pelo. Depois a pata direita traseira, depois a esquerda, a pata direita dianteira e a esquerda. Essa é a sequência, ela diz. Paul esquadrinha o chão. Não há nenhum fio de cabelo.

Posso ficar aqui?, pergunta Paul.

Adina está diante da banheira, água quente escorre do cano, o espelho se cobre de vapor. Ela tira a blusa, mantém a mão debaixo da água. Ela fecha a torneira e torna a vestir a blusa. O televisor fala no quarto.

Vi meus ombros brancos no banheiro, a banheira, o vapor branco, não consigo me despir, ela diz, não consigo me lavar. Ela remexe a bolsa de viagem. A tesourinha de unhas está bem no fundo.

O sono enterra a cabeça antes de a cama ficar quente. Pois Adina e Paul levam para o sono a mesma imagem esburacada que rasga a cabeça, que é maior do que a cabeça.

Eu amei vocês como se fossem meus filhos, disse a mulher do ditador no quarto. Ele assentiu, viu a tesourinha de unha ao lado da mão de Adina sobre a mesa e puxou seu gorro preto de pele sobre a testa. Ele o usava havia alguns dias. Depois, balas foram atiradas através da tela, atingiram a parede de um quartel, no canto vazio mais sujo do pátio.

A parede estava esburacada e vazia.

Dois velhos camponeses estavam deitados no chão, as solas de seus sapatos olhavam para o quarto. Ao redor de suas cabeças havia pesadas botas de soldados formando um círculo. Seu cachecol de seda escorregou da cabeça para o pescoço. Seu gorro preto de pele, não. Era um dos muitos, o mesmo, o último.

Você conseguiria abrir os dois cadáveres?, perguntou Adina, Paul abria e fechava a tesourinha de unha, isso seria pior do que se eu tivesse de mexer no meu pai e na minha mãe, ele disse. Meu pai me bateu muito, eu tinha medo dele. Durante a refeição, quando eu via como sua mão segurava o pão, meu medo desaparecia. Naquela hora ele era como eu, éramos iguais. Mas quando ele me batia eu não conseguia imaginar que ele usava a mesma mão também para comer pão.

Paul expirou profundamente um cansaço de muitos dias. Onde outros têm um coração, eles têm um cemitério, disse Adina, uma porção de mortos entre suas temporadas, pequenos e ensanguentados feito framboesas congeladas. Paul esfregou as lágrimas dos olhos, tenho nojo deles e tenho de chorar por eles. De onde vem essa pena?, ele perguntou.

Duas cabeças sobre o travesseiro, separadas pelo sono, as orelhas estão sob o cabelo. E sobre o sono, atrás da cidade, um dia leve, triste, está à espera. Inverno e ar quente e os mortos estão gelados. Ninguém esvazia o copo cheio na cozinha de Abi.

Clara adormece algumas ruas adiante com a mesma imagem esburacada. O telefone toca através do seu sono. Os cravos inchados vermelhos estão no escuro, a água brilha no vaso. Estou em Viena, diz Pavel, logo alguém vai te procurar e dar meu endereço e um passaporte, você tem de vir rápido, senão não estarei mais aqui.

As janelas luminosas andam e balançam para lá e para cá e permanecem nos trilhos. Nas ruas escuras, há pontos de luz. Há luz nas janelas de quem está acordado atrás das paredes. Quem já está acordado agora precisa ir às fábricas. As correias para se segurar balançam nas barras, o anão está sentado ao lado da porta. O trilho estridula. Ao lado de Clara há uma mulher com uma criança no colo. A cada parada a porta dá um coice e a criança suspira e o anão fecha os olhos e a porta se abre. E ninguém sobe, apenas a arcaia que o vento empurra para dentro. Não dá para vê-la. É como farinha, só que escura. Dá para escutá-la arranhando o chão.

E no canto, onde a cerca de aproxima do trilho e um galho bate na janela clara, a criança canta com uma voz ausente dentro do veículo:

*O pensamento não sai de mim
Vender minha casa e minha terra*

A mãe abaixa a cabeça e olha o chão vazio, o anão abaixa a cabeça, Clara abaixa a cabeça. Sob os sapatos, os trilhos também cantam. As correias para se segurar entortam-se e prestam atenção.

O alto-falante no portão da fábrica está mudo, a gata tigrada está sentada ao lado do portão, seus olhos são de alumínio verde. Os lemas nos galpões sumiram, estão no pátio. O anão vai até o arame, seus tijolos quebrados fazem barulho. A gata tigrada anda atrás dele.

Grigore é diretor, o diretor é supervisor, o zelador é administrador do campo, o supervisor é zelador.

Crizu morreu.

E pela mesma manhã, uma hora mais tarde, quando está mais claro do lado de fora

e os blocos habitacionais formam uma manada no céu cinzento, Adina vai à escola. Há uma casca de pão na cabine telefônica quebrada. No final da rua há um grande rolo de arame. Diante do barracão de madeira há uma corrente vazia no pátio. O cachorro Olga não está mais lá.

No canto vazio mais sujo do pátio da escola, diante de uma parede, há um monte. Uma metade é de pano, cordões trançados, distintivos amarelos, ombreiras. A outra metade é de papel, lemas, brasões nacionais, brochuras e jornais com discursos e fotografias.

A criança com os olhos bem separados e têmporas estreitas está carregando uma fotografia diante do rosto. A foto traz um topete e a pupila. O topete bate no ombro da criança. Não vamos queimar as molduras, diz a filha da empregada. Ela arranca o topete da moldura, minha mãe ficou sozinha na casa do oficial, ela diz, o oficial está preso e sua mulher se escondeu. Os gêmeos trazem um cesto com gravatas de pioneiros e bandeiras vermelhas de pioneiros com franjas amarelas de seda.

A filha da empregada segura o fósforo junto ao monte, à metade de papel. O fogo sobe rápido, o papel duro se ondula como orelhas cinzentas, há quanto tempo espero por isso, diz a filha da empregada. O papel mole se desfaz, não dava para perceber isso em você, diz Adina. Os gêmeos espetam franjas de seda em brasa em paus e correm pelo pátio. O que eu devia fazer?, diz a filha da empregada, precisava ficar em silêncio, tenho uma filha. O vento sopra fumaça sobre a parede. A criança com os olhos muito separados está ao lado de Adina e escuta.

Eu sei, diz Adina, os homens tinham mulheres, as mulheres tinham filhos, os filhos tinham fome. A filha da empregada puxa uma mecha de cabelo pela boca, olha para o monte semicarbonizado, agora passou, ela diz, e estamos vivos. Na semana que vem venho visitar você.

A filha da empregada é diretora, o diretor é professor de educação física, o professor de educação física é chefe do sindicato, o professor de física é responsável por transformação e democracia.

A faxineira passa com a vassoura pelos corredores e tira o pó das paredes vazias, onde antes havia os retratos.

Na cidade há uma foto pendurada, sua boa pessoa atirou e você fez aniversário. Mesmo se estivesse estado aqui eu não poderia lhe dar nada, nem sapatos, nem vestido, nem blusa. Nem mesmo uma maçã. Adina apoia-se no portão, fumaça sobe do pátio da escola. Quando não se consegue dar nada de presente, ela diz, somos estranhos.

Ele não atirou, diz Clara, ele está no exterior. Suas pálpebras cintilam azul, tenho um passaporte, ela diz, o que devo fazer? Seus cílios são longos e espessos e tranquilos.

Você é uma estranha, diz Adina, o que você quer aqui?

E do alto, no quinto andar, dá para ver como uma tarde quente de inverno passa por trás da trincheira do estádio. E Adina e a filha da empregada acompanham-no com o olhar. Sobre a mesa há uma garrafa de aguardente e dois copos. Adina e a filha da empregada fazem um brinde e esvaziam os copos. Uma gota escorre de cada copo até o chão.

A filha da empregada trouxe a filha, ela tem dois anos e meio. Ela está sentada sobre o tapete e acaricia o rosto com o rabo da raposa. Ela fala consigo mesma. Adina enche os copos novamente. A vizinha com o cabelo castanho-avermelhado de cachos largos está junto à janela aberta.

A gata tem bigode, diz a criança. Sob seus dedos, a cabeça da raposa se separa do pescoço. A criança deposita a cabeça da raposa sobre a mesa.

Adina sente pela segunda vez um ruído na cabeça, parecido com um galho se quebrando. Só que diferente.

A filha da empregada ergue o copo.

Na margem do rio, atrás da última ponte, não há placas de pedra, bancos, álamos, soldados.

No chão da caixa estão as patas da raposa, por cima a barriga, o rabo. A cabeça está no alto. A caixa é de Clara, diz Adina. Viemos da cidade, ela tinha comprado sapatos e logo os calçou. Paul aperta o dedo no meio da tampa, a vela vai aí, ele diz.

Ele fecha a caixa.

Eu queria ficar com ela, diz Adina, eu me sentava à mesa, eu me colocava diante do armário, eu me deitava na cama, eu não tinha mais medo dela. Paul põe a vela no buraco, e agora a cabeça, ela diz, a raposa continua sendo um caçador. A vela queima, Paul segura a caixa sobre a água.

Ele a solta.

Em seguida, ele ergue a cabeça ao céu, Abi está deitado lá no alto de bruços, ele diz, olhando para nós. Não importa, diz Paul, isso não importa. Ele chora. A vela é clara feito um dedo. Talvez Ilije tenha razão, diz ele.

A noite se alonga, a caixa de sapatos boia.

Bem longe terra adentro, onde a planície está prestes a terminar, onde todos conhecem o caminho, onde a mesma noite consegue chegar com a pontinha do próprio pé, Ilije caminha pelo desvio através do campo. Ele carrega seu uniforme de soldado, seus sapatos encalombados em uma mala pequena. A estação de trem está sozinha, as luzes da cidade pequena iluminam onde o céu acaba, lado a lado feito uma barreira. As fronteiras não estão distantes agora.

Na sala de espera não há dazibaos, atrás do vidro nas vitrines ainda resta a poeira do verão. O guarda da estação mastiga sementes de girassol.

Timisoara, diz Ilije.

O guarda da estação cospe cascas de sementes de girassol pela janela do guichê, ida e volta?, ele pergunta.

Só ida, diz Ilije. Seu coração martela.

A trincheira do estádio puxa os arbustos pelados para mais próximo de si. A última bola em ação foi esquecida, a canção proibida foi cantada pelo país, agora está apertando na garganta, quando se prende fica muda. Pois os tanques ainda estão em todos os lugares na cidade e a fila do pão diante da padaria é longa. O corredor fundista pendura as pernas nuas sobre a cidade, no alto junto à trincheira, um sobretudo entra dentro do outro.

- [1] Carta do baralho de *Schafkopf*, jogo de cartas alemão do final do século XVIII, muito popular na Baviera. O ás de bolota é ilustrado com o fruto do carvalho. (N.T.)



